

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**TRANSFIGURAÇÕES DO HUMANO NA
CIBERCULTURA: A ANÁLISE DE UM BLOG QUE
NÃO COUBE EM SI**

KLEBER JEAN MATOS LOPES

**RIO DE JANEIRO
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

KLEBER JEAN MATOS LOPES

**TRANSFIGURAÇÕES DO HUMANO NA
CIBERCULTURA: A ANÁLISE DE UM BLOG QUE
NÃO COUBE EM SI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de Grau de Doutor em Psicologia Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a
Deise Mancebo

RIO DE JANEIRO
2006

Para Rosana e Tito

Agradecimentos

O agradecimento no presente parece habitar mais a formalidade, que o gesto desprendido daquele que encontrou algum cúmplice para fazer e sentir as coisas da vida. Quase uma tristeza. Aqui falo da alegria em agradecer a amizade daqueles que estão nas linhas do texto, pois em passagens nos quatro últimos anos, foram a grata extensão para a realização dessa tese.

Muito obrigado Deise pelo apoio, pelo carinho e pela sabedoria que compartilha comigo, desde 1999.

Muito obrigado Rosana e Tito pela compreensão e incentivo, que puseram cor em muitos dias acinzentados.

Muito obrigado minha mãe Maria do Socorro, meu pai Zenilton Lopes (em viva memória) e meus irmãos Kelma e Klenilton, pela vida sem distâncias e pela amizade sem tamanho que compartilhamos.

Muito obrigado aos blogueiros identificados ou não, que se transfiguraram no blog Zé, o outro, e me permitiram almejar uma douda figuração.

Muito obrigado Saléh, Priscila, Márcia e Ana Maiolino, parceiros de orientação, amigos pela leal convivência.

Muito obrigado à família Corra, um porto seguro no Rio de Janeiro.

Muito obrigado aos professores e funcionários do PPGPS, em especial a Marisa Lopes da Rocha, Aníbal e Matheus.

Muito obrigado aos professores Erick Felinto, Heliana Conde, Leila Machado e Simone Pereira de Sá, pela leitura e crítica que dispensam ao meu esforço acadêmico.

Muito obrigado a um sem número de pessoas outras, que por isso e por muito mais coisas, sabem da minha gratidão.

Muito obrigado, enfim, à FAPERJ pelo apoio financeiro.

*Cansada de observar-se na corrente
Que os acontecimentos refletia,
Reconcentrando-se em si mesma, um dia,
A Natureza olhou-se interiormente!*

*Baldada introspecção! Noumenalmente
O que Ela, em realidade, ainda sentia
Era a mesma imortal monotonia
De sua face externa indiferente!*

*E a natureza disse com desgosto:
Terei somente, por ventura, rosto?!
Serei apenas mera crusta espessa?!*

*Pois é possível que Eu, causa do Mundo,
Quanto mais em mim mesma me aprofundo
Menos interiormente me conheça!*

Augusto do Anjos

Resumo

Analisa os modos de produção da subjetividade no contemporâneo no ambiente da cibercultura, onde novas maneiras de ser e de se relacionar são inventadas. Entende que esses modos operam lógicas de figuração, que correspondem à busca por uma identidade normativa para a condição existencial, e de transfiguração, que implica em tentativas de inventar a si e ao mundo, diferente do já visto e assimilado. Faz assim uma discussão da produção de um weblog, durante 12 meses, refletindo sobre como os cibercultores apareciam e mantinham relações no endereço digital; < <http://zeooutro.zip.net> > . Essa página eletrônica foi administrada pelo pesquisador, o que confere à metodologia desse estudo um caráter participante. Para análise das relações faz uso do pensamento de Michel Foucault, fundamentalmente naquilo que caracteriza as questões da estética da existência. Em relação à análise do espaço cibernético, que é o suporte para essa modalidade de relação, o entende como um não-lugar, conceito de Marc Augé, que caracteriza a dimensão antropológica no contemporâneo. A articulação da discussão da estética da existência num não-lugar permite considerar a inviabilidade das determinações tecnológicas sobre os modos de ser e estar no ambiente cibernético. Efeito dessa lógica é que as modalidades de uso dos ambientes digitais extrapolam delimitações convencionais para a condição dos que se relacionam em weblogs. Entretanto, esse ultrapassamento da condição de consumo pelo cibercultor, se faz apenas através das maneiras dele se relacionar com os outros através da internet; que pode vir a configurar apenas o que margeia as tratativas do eu, experiência de figuração, ou aquilo que atravessa aparentes limites e por tentativas partilhadas, permite o novo ou a experiência da transfiguração.

Descritores: Modos de subjetivação, cibercultura e contemporâneo.

Abstract

This thesis analyzes the means of production of the contemporaneous subjectivity in the cyberculture environment, where new ways of being and relationships are invented. These modes operate figurative logics, which correspond to a search for a normative identity for the condition of existence and transfiguration, which imply in trials of inventing itself and the world, different of what has already been seen and assimilated. In that way, we produce a discussion of a weblog maintained during 12 months, reflecting about how the cybernauts used to appear and how they kept relationships in the digital address <<http://zeooutro.zip.net>>. The researcher administered this webpage, which yields a participative character to the methodology of study. In order to analyze the relationships, we use the thought of Michel Foucault, fundamentally the part that is related to the questions of the aesthetics of the existence. In relation to the analysis of the cyberspace, which is the means of support for this kind of relationship, it is understood as a non-place, concept formulated by Marc Augé that characterizes the anthropological dimension in the contemporaneous time. The articulation of the discussion about the aesthetics of the existence in a non-place allows us to consider the inviability of technological determinations over the ways of being in the cybernetic environment. The effect of this logic is that the modes of use of digital environments extrapolate conventional boundaries for those who build a relationship in weblogs. However, this transcendence of the consumption condition by the cybernaut is done only by relationships developed in the internet; which may configure only what bounds the self's relationships, experiences or whatever that may cross these apparent limits, and by shared trials allows the new or the experience of transfiguration.

Keywords: modes of subjectivity, cyberculture and contemporaneous age.

Sommaire

Ce travail analyse les manières de production de la subjectivité contemporaine dans le métier de la cyberculture, où nouvelles manières d'être et de se rapporter sont inventées. On comprend que telles modèles operent des logiques de figuration, que correspondent à la recherche d'une identité normative pour la condition existentielle et de transfiguration, impliquant en tentatives d'inventer à soi même et au monde, différent du déjà vu et assimilé. Ainsi on fait une discussion de la production d'un siteweb pendant 12 mois, réfléchissant sur la manière qui les cybernautes se montraient et entretenaient des relations dans l'adresse digitale <<http://zeooutro.zip.net>>. Cette page électronique là a été administré pour le chercheur, chose qui concède à la méthodologie de l'étude une caractéristique participative. Pour analyser les relations on utilise la pensée de Michel Foucault, surtout dans les aspects qui caractérisent les questions de l'esthétique de l'existence. Par rapport à l'analyse du space cybernetique, qui est le soutien pour telle modalité de relation, on le comprend comme un non-lieu, un concept de Marc Augé, qui caractérise la dimension anthropologique dans le contemporain. L'articulation de la discussion de l'esthétique de l'existence dans un non-lieu permet de considérer l'impossibilité des déterminations technologiques sur les modes d'être et être présent dans une ambiance cybernétique. Un effet de telle logique c'est que les modalités d'utilisation des ambiances digitales dépassent les limites conventionnels pour la condition des personnes qui ont des relations dans les sitewebs. Cependant, ce dépassement de la condition de consommation pour le cybernaute on fait seulement à travers de ses manières de se rapporter avec les autres dans l'internet; ça peut configurer seulement ce qui marge les ententes du Ego, une expérience de figuration, ou bien ce qui traverse les limites apparents, et pour tentatives partagées permet le nouveau ou bien l'expérience de la transfiguration.

Décrivants: Modes de subjectivation, cyberculture et contemporain.

Sumário

1	Algumas notificações.....	10
2	A cibercultura é algo demasiadamente humano.....	16
3	Uma vontade teleinfocomputotrônica.....	64
4	Um campo, alguma experiência e vários desdobramentos.....	92
5	As tentativas do outro e as tratativas do eu.....	103
	5.1 Blogs, pães e poesia.....	131
	5.2 Uma "praça de quem quizÉ".....	152
6	A condição blogueira.....	173
	6.1 Sujeito pelo pensamento.....	187
	6.2 "Quase sem querer".....	197
7	Considerações para o amanhã.....	208
8	Referências bibliográficas.....	215

1 Algumas notificações

Muitos autores da modernidade aspiravam dizer sobre as coisas aquilo que lhes seria próprio. Conceituar era uma tarefa de fundamentação, um desdobramento laboratorial daquilo que viesse a ser um esforço do pensamento ou discurso da experiência. Atravessavam-se as vertentes dos procedimentos da dedução e da indução, no ato de prescrever o certo, o consistente, o verdadeiro.

De uns tempos para cá, aquilo que se queria certo se mostrou duvidoso. O controle racional sobre o presente e as possibilidades de futuro submergiu, talvez até tenha se afogado no leito do seu próprio discurso. Zygmunt Bauman (1999) sugere que a modernidade contemporânea é produzida em estado líquido e sua constituição derivaria do derretimento desses sólidos que a modernidade quis para si e para a vida no mundo.

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como 'efeito colateral' não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica de poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre das cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado (BAUMAN, 1999, p. 22).

Em Bauman (1999) as verdades no contemporâneo, quando muito, escorregam sobre as existências. Sendo líquidas, equalizam-se nas relações de contratos fugidios e dispersos. Daí, penso que, se a idéia de que os relacionamentos buscam alguma estabilidade são combatidos pela instituição de uma política do efêmero para a vida atual, seja importante também, dentro desse campo de análise, pensar em limites para a eficiência dessa lógica de produção da subjetividade.

Quero dizer que é necessário observar melhor a experiência dessa liquefação. Saber mais da sua engenharia e de como ela dispara os exercícios da existência cotidiana na dimensão individual e coletiva da vida. Tomando como coerente a leitura de Bauman, é preciso buscar ver e analisar a condição para a sobrevivência em meio a tantos líquidos.

Talvez seja o caso de considerando a habilidade criativa do humano, que cansando de dar braçadas mundo adentro, quem sabe, não esteja a inventar para si outras modalidades de sólidos, ou mesmo a sua própria evaporação.

Nem tanto apocalíptico assim, busco aqui um estudo sobre usos da Rede Mundial de Computadores para estabelecer relações consigo e com os outros, que se encontram disponibilizados nesse ambiente cibernético. Ambiente de navegação, portanto, adaptado a mergulhos e flutuações. Mais especificamente,

busco uma discussão sobre as possibilidades de produção do outro na cibercultura e como a questão do sujeito da intimidade busca estratégias de reificação.

Essa discussão vai se dar num campo específico, no caso um weblog (blog) que foi produzido e administrado por mim, durante 12 meses entre os anos de 2004 e 2005. Analiso, enquanto tese, as maneiras de aparecer nesse endereço eletrônico, bem como modos de se relacionar entre os freqüentadores do blog.

Para realizar essa discussão fiz uso da produção acadêmica de alguns autores que estudam a questão da cibercultura, em especial Francisco Rudiger (2003). Com ele, faço um percurso do desenvolvimento e usos da tecnologia, da modernidade até o contemporâneo. Incremento esse passeio genealógico da tecnologia no humano com uma discussão que se dá nesses dias, entre Paul Virilio e Pierre Lévy. Há, entre esses pensadores da questão da tecnologia na vida, uma distinção acentuada sobre riscos e virtudes dos dispositivos cibernéticos para a existência humana.

Essa questão é central nessa pesquisa. Primeiro pela produção do campo de estudo, no caso um blog. Segundo porque ela atravessa de maneiras diversas quase todas as ações do homem contemporâneo. É da ordem de um senso muito comum alguma

experiência com tecnologias eletrônicas e cibernéticas no contemporâneo. Tão comum, que alguns pensadores da questão já vislumbram os limites dessa experiência. Paira em meio a essa discussão em embate polarizado de compreensões que o cibernético pode ser uma nova ferramenta na construção da emancipação humana, assim como há também aqueles que enxergam um encaminhamento capaz de fazer sucumbir culturalmente a vida nesse planeta.

Busco, assim, pensar essa questão com o auxílio de três outros autores. O primeiro deles é Marc Augé (2003), que situou, a partir dos anos 90 do século passado, um olhar diferente sobre os espaços antropológicos. Emerge para ele no contemporâneo uma sistematização nova para a lógica de ocupação dos espaços geográficos. Assim os lugares que produziam memórias extensivas estariam a dar vez aos não-lugares que viabilizariam apenas intensidades breves. Idéia que se aproxima da lógica defendida por Bauman (1999).

Busco, também, pensar a configuração dos espaços relacionais da cibercultura como os não-lugares, observados e conceituados por Augé (2003). Discussão que, a princípio, faz referência apenas ao recorte da cibercultura que está em análise; no caso o blog que construí.

Cabe ressaltar a minha participação nessa pesquisa como

alguém que se precipitou por entre o campo de observação e análise. Compreendo que falar das coisas é falar de uma relação que se mantém com elas. A distância não se faz por um controle racionalizado e operado apenas por quem pesquisa. Toda busca é interessada e assim havia em mim uma vontade de participação, para poder conseguir dizer coisas sobre as relações e a produção da subjetividade no ciberespaço.

Misturei-me ao campo, não apenas para aferir as viabilidades de hipóteses previamente formuladas, mas principalmente para não perder o tom da política, que tal procedimento efetua (MATOS e VIEIRA, 2001). Misturei-me também para não deixar que a reprodução ganhasse força no que agora está dito, além do necessário. De outro modo, aqui não se processaria um acontecimento, mas o resultado de uma modelação. Misturei-me, ainda, para que o exercício da vontade de saber fosse produto de enfrentamento, que privilegia os sopros do inusitado em detrimento da acomodação à formalidade.

Assim, de Augé e seus não-lugares, passei a discutir a experiência de si nesses espaços com Michel Foucault e Gilles Deleuze. Importava-me nesse momento entender como se viabilizam os processos de subjetivação através da condição blogueira. Foucault veio a ser nesse trabalho um intercessor privilegiado, para pensar, através de suas ferramentas epistemológicas, aquilo a que queria dar prosseguimento.

Deleuze aparece como um provocador imprescindível à manutenção da vontade de debate, de saber e de pensar.

Agora é necessário apontar que esse texto não pode, nem deve ser tomado como uma experiência voltada a si. Assim fosse, seria tão somente um vapor sem cheiro. Esse texto tese é em mim, expressão de alguns movimentos, suas linhas funcionam como contornos. Percorrê-lo requer a percepção desses movimentos. Por isso há nesse texto vontades que são imanentes ao processo acadêmico ao qual estou submetido, mas também e de maneira ainda mais premente, a história que percorro e que me percorre.

Assim, se vai ser líquido ou sólido - mesmo que de modo efêmero - vai depender do outro que lhe toma. Essa é a condição que viabiliza compreensões e é também uma consideração a que chega esse percurso estudantil. Como? Bom, saber disso é percorrer algumas dezenas de páginas, escritas em algumas dezenas de dias e não há como mensurar a qualidade desse percurso aqui nesses breves apontamentos. Adiante, então!

2 A cibercultura é algo demasiadamente humano

*Por mais que o homem
se estenda em seu conhecimento,
por mais objetivo que pareça
a si mesmo:
enfim nada tirará disso,
a não ser sua própria biografia.*
(Friedrich Nietzsche, 2000)

Outro dia, talvez por devaneio de quem busca pontas de fio para chegar a alguma meada, imaginei o que poderia supor o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, sobre o contemporâneo e os usos da tecnologia que esse propicia e enseja. O que viria a dizer Nietzsche diante do processo de dissolução dos sentidos, comuns à modernidade tardia, ou diante dos relacionamentos que se desenvolvem no ambiente da rede mundial de computadores?

Entretanto, logo meu devaneio pareceu pouco plausível, ante a impossibilidade de resgatar a força da articulação nietzschiana, para suprir a minha necessidade, em dizer com alguma originalidade, desse processo em um texto-tese. Sei que restam à humanidade algumas confabulações editadas do filósofo, que guardam coerências para pensá-lo hoje, mas, como se trata de um devaneio, nada melhor que exagerar para ver se a coisa tem propósito.

Algo provisório, que seja, para uma nova iniciativa ou mesmo uma finalidade. Um propósito que marque um percurso com chegada. Entretanto não é exagero supor que incorporar qualquer um desses fins, já faz aliviar tormentos contemporâneos da condição humana. Circunstância essa que parece aceitar o delírio e a objetividade numa mesma prerrogativa. E por mais que essa experiência seja difícil de compreender racionalmente, de tão coletivizada, percebe-se como lugar comum nas maneiras de estar ou parecer estar no mundo, desse início de século XXI.

Para ilustrar essa lógica que busco desenvolver, pode-se recorrer a Nicolau Sevcenko (2003) e sua análise dos sentidos dessa história de correrias rumo ao século XXI. Filosofando, o historiador imaginou a existência humana na modernidade, em um parque de diversões, onde se experimentam intensamente percepções e sentidos que uma montanha russa proporciona aos seus passageiros.

O carrinho que abriga alguns passageiros está objetivamente preso à estrutura do brinquedo, isso qualquer um que vá se aventurar na brincadeira minimamente supõe. Entretanto é complicado imaginar uma sensação de sobriedade para os que se encontram nele, no momento em que esse percorre a curva mais completa do passeio: o loop.

A experiência de percorrer o trajeto da longa e vagarosa subida para em seguida precipitar-se em sinuosidades e breves aclives e declives, até o giro completo que se faz, relativo ao eixo que fundamenta a montanha-russa, faz com que os passageiros não consigam estabelecer uma verdade, que possam apontar precisamente ao final do trajeto. Como guardar alguma memória objetiva desse passeio insano? Escutam-se outros passageiros a berrar, o barulho das rodas do carrinho em atrito com os trilhos percorridos, o coração que dispara, a respiração que parece faltar, enfim não se escuta nada muito bem, pois está presente na engenharia desse empreendimento a possibilidade de experimentar alguma coisa próxima do surto.

Esse insólito programado que se torna metáfora no discurso do Nicolau Sevcenko, faz referência às maneiras de equacionar espaço e tempo no contemporâneo. Diz das condições em estabelecer relações entre as coisas da vida. Algo como os modos de subjetivação que se realizam junto a uma perturbação ampliada dos sentidos. A ansiedade pela chegada consagra a diversão de ponta dos parques, mas no contemporâneo a chegada lenta ao ponto que inaugura uma nova viagem para os carrinhos ainda não se deu, se é que vai se dar.

Mas viagens novas acontecem e imagino que esse movimento, ampliando a figura do Sevcenko, se daria dentro do próprio loop. Sucessões múltiplas de voltas de ponta-cabeça, como se

infinitas fossem. Precisar a finitude se faz desnecessário, pois a ilusão de um fim-término deveria se desfazer por encanto, assim como fora criada. Não sabendo precisar essa possibilidade, apego-me à idéia de finalidades possíveis, para não ficar aprisionado ao drama devaneio-convicção, que se repete e especializa-se em inventar formas para gastar aquilo que de precioso a vida permite: o exercício das vontades potentes.

Fica assim a decisão do uso do pensamento do filósofo Nietzsche, mesmo que em devaneio: servirá para amenizar as passagens. Uma espécie de companheiro de viagem a que se recorrer nas horas de tédio, se é que esse ainda se faz real, nas horas de ansiedade e principalmente nas horas de certeza. Naqueles instantes e não passam disso, em que o dizer se quer um projeto absolutamente ordenado em uma real possibilidade de discurso, fincado num lugar no mundo, a sentir a brisa do tempo e das coisas.

Nietzsche, com o alerta que faz, desvia-me da sedução de vir a tornar-se um ser-janela de espaços rijos, onde sequer se faz possível à experiência da montanha-russa proposta por Nicolau Sevcenko. Um ser-janela se presta a percepções que lhe acrescentam, mas essas se mostram como de pouco uso e quase nenhuma mobilidade. Como estivesse a contemplar uma rua de mão única ou a tela inerte, que projeta luz na cara de

quem observa as novidades pelo microcomputador plugado à Internet. Se convencer é infrutífero, como anunciava Walter Benjamin (2000), buscar ser convencido é padecer como semente, tal qual a natureza quis. Um projeto vegetal, tão somente.

Assim Nietzsche é como um liquidificador portátil das minhas ânsias de objetividade. Um motor alternativo de uso freqüente, que faz os pulsos que a vontade intenciona se encontrarem nos atravessamentos que marcam os processos da produção da subjetividade recente. Algo como encontrar medida num devaneio e para não fazer dela âncora ou bússola, assume essa medida em lentes multifocais, próprias à obliteração visual, pois aquilo que percebo parece cansado e aquilo que não vejo me constitui também.

Entre formas e deformações, há a desconfiança dessa necessidade em se debruçar sobre esses procedimentos humanos que inventam a cibercultura. Um esforço epistemológico que possibilita outras vias e qualifica ainda mais a urgência em pensar a cultura do tecnológico. É o que faz, por exemplo, Francisco Rudiger (2003) ao traçar uma espécie de genealogia da técnica, de seus usos, dos saberes que seus usos edificam em tecnologias, anotados em sua *Introdução às teorias da cibercultura*.

Ao formular para o seu leitor alguma orientação para estabelecer uma história dessa problemática, Rudiger enxerga uma luta entre aquilo que toma por tecnófobos e tecnófilos, dentre os expoentes do pensamento da cibercultura contemporânea. Toma-os por prometéicos e fáusticos, que diriam de uma adesão imediata aos ensejos das possibilidades de produção através da tecnologia ou aqueles que apontariam para uma crítica enrijecida a esses usos, por verem neles um risco para a vida social. Uma quase dicotomia, não fosse a imensidão de análises que a cibercultura permite. Não fosse, ainda, a profusão inventiva nos modos de uso e consumo dessa cibertecnologia.

Entretanto, talvez pela novidade dessa experiência que tomo por demasiadamente humana, os sentidos da emancipação encontram a sua adequada oposição, naqueles que percebem términos onde ainda nem bem sabíamos o que fosse a possibilidade de começos; a emancipação ou a destruição da condição humana.

Apesar de essa ser uma questão singular no que se refere ao incremento da cibercultura e por isso mesmo voltar mais tarde em outras discussões desse texto-tese, Rudiger (2003) aponta para a emergência da possibilidade de ultrapassamento dessa polaridade. Entende que outro esforço se faz necessário agora e se revela na busca por

(...) transcender o registro analítico da indicação dos problemas em favor de uma síntese teórica capaz de superar as limitações e, assim, a pensar com maior alcance o sentido e validade, a idéia de uma crítica do pensamento tecnológico (RUDIGER, 2003, 24 p.)

De alguma maneira os propósitos de Rudiger atravessam esse caminho que busco fazer, pois parece extremamente improdutivo estabelecer esse debate em nome de uma emancipação etérea versus a implementação premeditada do aniquilamento do humano. Penso, que há que se perguntar para as experiências humanas, como elas se inventam na cultura tecnológica, para saber o que se faz, para estabelecer alguma crítica.

Não vislumbro a possibilidade de uma síntese geral, mas encontro com o percurso de Rudiger, a importância fundamental de mapear essa temática dentro da cultura ocidental moderna. É essencial para essa questão saber que até o século XVII a técnica era reconhecida como algo semelhante à arte e que foi no século XVIII, que se passou a enxergar na técnica uma pretensão ao conhecimento que fundamenta circunstâncias capazes de transformar, com mais velocidade, as possibilidades de vida nesse planeta.

A inversão de sentido que salienta o primado da necessidade faz retirar da técnica o tecnológico. Verifica-se uma apropriação fundada em princípios científicos, que articula em seu processo uma dimensão metodológica, que diz dos usos

da técnica, e outra, constitutiva de seu próprio empreendimento, quando toma a técnica por objeto desse novo saber (GOFFI apud RUDIGER, 2003).

Colocada essa questão, Rudiger (2003) dimensiona dois estágios para o projeto tecnológico, que guardariam entre si a dimensão de influência da máquina. Em seu primeiro estágio, a tecnologia busca suprir a força física do homem. No segundo momento, tematiza a máquina e assume capacidades ditas intelectuais, funcionando com alguma autonomia nos processos informacionais do contemporâneo.

No que tange ao primeiro projeto, Rudiger estabelece uma linha cronológica para pensar a tecnologia que iria de Francis Bacon, filósofo do século XVII, até Jean-François Lyotard, contemporâneo desse presente que se vive.

Cita o *Novum Organon* de Bacon como uma revolução para sua época, que demarcaria a busca pela sobreposição das artes mecânicas sobre os demais saberes. Técnica e máquina, em relação, encaminham a abertura do mundo a novos horizontes. Um domínio sistematizado sobre o espaço e o tempo, contorna a razão de então.

Como mostra Lewis Mumford e David Landes, foi o relógio, não a locomotiva ou a máquina a vapor, a máquina chave da modernidade. O relógio é o modelo da perfeição mecânica de todas as demais máquinas industriais, além de ser o instrumento que permite a operatividade básica, sem a qual a organização da vida

moderna, a começar pela fábrica, seria impossível (CORONIA apud RUDIGER, 2003, p. 38).

O tempo, em cada atividade dos corpos, inauguraria o sentido prometéico da existência humana na modernidade. A máquina-homem, efeito da técnica, se faz tese para Dr. La Mettrie, quando afirma, nos idos de 1748, que esse homem não vai além de um relógio (RUDIGER, 2003).

Hobbes, Saint-Simon e Comte também apontariam seus verbos para a sustentação dessa evolução humana para o estado máquina, que se conformaria numa circunstância de saber, sustentada através de uma "visão emancipatória do trabalho, da mecanização da existência e da racionalização da subjetividade" (RUDIGER, 2003, p. 45).

Essa matriz foi a base das revoluções industriais que a modernidade experimentou. O otimismo prometéico que alimenta o motor do desenvolvimento tecnológico. A exatidão substanciando a convicção, que a prova do domínio racional buscava confirmar num futuro próximo. Processos de expansão dos horizontes da vida implementavam-se através do incremento da tecnologia e a cada estágio desse processo, a humanidade via os sentidos do uso e do fazer serem radicalmente transformados.

A eletricidade redimensiona os sentidos da Primeira Revolução Industrial. Instala uma segunda etapa desse processo, em que retira do homem a força que movimentava a produção e a transfere para dispositivos mecânicos. A cada nova ordem de operações que se instala, o que há de humano envolvido necessita inventar também novos sentidos para as formas de viver e para garantir seu sustento.

Novos saberes se fazem necessários para a adequação da sobrevivência às novas rotinas industriais. Processos que vão se ampliar e se especializar a cada dia, a cada descoberta. A síndrome da montanha russa proposta por Nicolau Sevcenko (2003) aponta para essa marcação da experiência do viver contemporâneo. Rudiger argumenta que o terceiro passo revolucionário que marca a produção industrial se faz

(...) não apenas pela crescente automação desses sistemas mas, mais fundamentalmente, pelo surgimento de tecnologias capazes de não apenas programá-los mediante a criação de linguagens artificiais, mas, em princípio, assim codificar e manejar o próprio ser humano (2003, p.40).

Uma novidade que transforma qualitativamente o sentido desses movimentos revolucionários, pois rompe, em tese, a barreira da possibilidade humana além do corpóreo. A invenção da cibercultura estaria a estabelecer em seus contornos, a insinuar em suas tonalidades, a justificar em uma diversidade de situações os sentidos de um mundo que percebe seus dias

correrem, um tanto mais afoitos, para a noite adentro. E suas noites, cheias de luzes, a confundirem espaços internos com exteriores, enfim a se quererem dias.

Luz intensa que requer o aprimoramento dos sentidos para experimentá-la. Transformações sensórias que Paul Virilio (2002) descreve em *A máquina da visão*. Sobre o advento do telescópio, por exemplo, diz que inaugura uma transferência do olhar a um ponto inusitado e a aceleração ou o encontro com um foco distante estaria a comprometer o próprio conhecimento das distâncias e dimensões.

(...) nessa crise sem precedentes da representação (sem qualquer relação com alguma decadência clássica), o antigo ato de olhar seria substituído por um estado perceptivo regressivo, uma espécie de sincretismo, caricatura lamentável da quase-imobilidade dos primeiros dias de vida, com o substrato sensível só existindo como um conjunto confuso de onde surgiriam acidentalmente algumas formas, odores, sons, ..., percebidos mais nitidamente (VIRILIO, 2002, p. XX).

Essa crise apontada por Virilio, pode ser tomada como efeito dos dois estágios dimensionados por Rudiger, de transformações revolucionárias na concepção e uso do potencial tecnológico. Transformações que, reconfigurando as práticas culturais, estariam a produzir maneiras de se pensar no mundo, pautadas de alguma forma pela via digital.

Toma assim a cibercultura como uma "conexão dialética", onde o sujeito e as suas expressões tecnológicas estariam a

transformar o mundo e, por conseqüência, a produzir também "assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção" (RUDIGER, 2003, 54 p.).

Aqui procedo a um pequeno afastamento ao percurso descrito por Rudiger, que vem caracterizando um modo de percepção da produção da subjetividade na história que resgata, a partir das marcas da experiência tecnológica na edificação de uma interioridade identitária. Lógica que se assemelha ao entendimento epistemológico de Figueiredo e Santi (2002), quando pensam esse processo histórico que compreende a modernidade, atrelado prioritariamente às marcas da experiência do liberalismo.

Figueiredo e Santi (2002) formalizam o sujeito psicológico do final do século XIX, como o resultado de recorrentes privatizações da experiência de si, o que teria viabilizado a produção de conceitos variados no campo da Psicologia para aferir essa identidade individual.

Nesse texto-tese, penso a produção dessa identidade de modo distinto. Tomo-a como um desdobramento que as forças e circunstâncias da vida social possibilitaram, junto a intenções, manifestas ou não, que cada existência permite. O ser da interioridade seria assim efeito das relações que esse estabelece com aquilo que lhe toca. A interioridade é pensada

aqui como efeito de um processo que permitiu o conceito, que agenciou a configuração epistemológica sem, no entanto, dar garantias a sua perenidade.

Já a referência de Rudiger (2003) à produção do ser da interioridade, a percebo como um processo onde aquilo que é experimentado produz uma situação que relaciona forças, não passíveis de serem equacionadas num sujeito apenas, mas que tende a generalizar os modos de ser a uma referência hegemônica. É nesse entendimento que aproximo o que disse Rudiger (2003) daquilo que disseram Figueiredo e Santi (2002).

É assim, em relação a esse entendimento, que procedo ao afastamento daquilo que pode se tomar como uma interioridade distinta, mas determinada por algo que lhe é exterior. Há que se manter a ligação entre o ser e a vida, não para tomá-los como pólos de uma experiência unilateral ou dialética, mas para pensá-los movimentos onde a evidência não tem mecanismos para garantir a verdade objetiva sobre essa relação. Penso que essa relação seja algo próximo da imagem de um desdobramento. Desdobramentos que apontam para possibilidades de estabelecer entendimentos sobre as maneiras de se relacionar com a vida e se fazer vivo. Aqui esses desdobramentos também são tomados como modos de subjetivação.

Por isso, antes de dar continuidade à disposição dos projetos tecnológicos do Rudiger, ressalto que por subjetivação pode-se tomar o entendimento de Tatiana Salem Levy (2003) ao discutir a experiência do fora em Blanchot, Foucault e Deleuze. Por subjetivação, ela diz que

(...) trata-se de uma relação da força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de dobrar uma força. Trata-se da constituição de modos de existência (2003, p. 116).

Assim, essa existência intra-individual que se materializa historicamente no discurso de Rudiger, aqui se dobra, para ser efeito dos processos de subjetivação. Pensando já a cibercultura e o incremento de invenções que envolvem os processos de automação, um desdobramento salta aos olhos daqueles que buscam analisar o que se tem feito com a vida nessa dimensão. No caso, os processos que viabilizam a conversão dos organismos biológicos para os organismos cibernéticos (Haraway, 2000).

Por ciborgue, Donna Haraway entende uma rede que articula, em seus processos de funcionamento, alguma forma de fusão entre o animal e a máquina, buscando com isso também superar com essa relação, a possibilidade de compreensão dicotômica entre natureza e cultura (SILVA, 2000). Haraway (2000) pensa a questão da política atravessando esse processo de

constituição ciborgue, que estaria marcada por uma conectividade dos humanos às redes, num processo constante de fornecer e receber informações entre si.

O contato com Haraway faz Tomaz Tadeu da Silva (2000) confirmar os processos de dissolução do humano e da eletrificação do corpo, através do dispositivo ciborgue. Preocupa-o o confronto contemporâneo entre a natureza daquilo que é animado, daquilo que pulsa e vive. Preocupa-o sobredeterminações, mas conclui pela predominância de *híbridos tecnonaturais*, diante da complexidade em demarcar onde o humano termina e se inicia o tecnológico e vice-versa.

Silva (2000) aponta, ainda, para uma ubiqüidade do ciborgue no contemporâneo. Enxerga que na pós-modernidade alguma promiscuidade se produziu, a ponto de pôr fim ao termo "pureza", que possa em algum momento da vida da humanidade ter se produzido. Refere-se à dimensão natural da vida. A dimensão ciborgue diria da construção de uma outra experiência, que já é comum a esse tempo que se vive. Cita então uma proposta de taxonomia ciborguiana, estabelecida com Gray, Mentor e Figuero-Sarriera, onde

As tecnologias ciborguianas podem ser: 1. restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos; 2. normalizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade; 3. reconfiguradoras: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e ao mesmo tempo, diferente deles; 4. melhoradas: criam criaturas melhoradas,

relativamente ao ser humano (SILVA, 2000, p. 14).

Para Silva (2000), essa circunstância histórica faria com que não fosse mais possível pensar o sujeito em si, enquanto um indivíduo no mundo, mas tomando por referência o filósofo Gilles Deleuze, diria da possibilidade de pensá-lo em fluxos e intensidades. Tendência que se acomodaria melhor ao mundo de redes e circuitos, onde o humano se dissolveria na cibercultura em um devir-ciborgue, eletrificado e plugado às tomadas desse novo tempo. Uma questão a ser discutida, que configura uma das motivações desse texto-tese.

Donna Haraway aparece como uma referência importante no pensamento da cibercultura e dos processos de automação da vida, também para Rudiger, que encaminha a experiência moderna da tecnologia nesse breve relato.

No segundo estágio do projeto tecnológico, Rudiger ressalta a incorporação da tecnologia aos processos de produção cultural. Lembra os frankfurtianos e sua percepção do aviltamento dos bens culturais, pela incorporação deles à produção industrial, à cultura em escala submetida às linhas de produção do capital. A especialização do fazer que afastara a produção manual do saber, que o substituía por máquinas adiante, agora incorporaria maquinismos tecnológicos

à experiência humana no século XX. Momento em que Rudiger vê emergir esse indivíduo de interioridade referida à experiência ciborgue às tramas da rede.

O posicionamento do mesmo [indivíduo contemporâneo] nos circuitos de interação, além de efêmero, fracionado e funcional, passa a ser acionado ou tende a ser mantido apenas pelo registro abstrato, anônimo e (áudio) visual dos aparatos tecnológicos: o eu se reduz, então, às conexões que estabelece na rede telemática (2003, p.53).

Com a sociedade em rede, caberia então o uso, as análises e os prognósticos dessa nova demarcação histórica da condição humana, agora de viés ciborgue. Algum consenso minimamente estabelecido e logo a procissão acadêmica se encarregaria de estabelecer a adequação dos propósitos dessa nova onda. Nesse cenário, é lugar comum destacar o que tem produzido Pierre Lévy (2001, 2003a, 2003b), que aponta para as possibilidades de emancipação da humanidade, através da cultura digital.

Seu otimismo em relação à realização de sua proposta, lhe tem conferido duras críticas, como a do próprio Rudiger, que diz que não se deve ter Lévy como um tecnófilo, aquele que mecanicamente reduz a cultura à tecnologia. Mesmo assim, o percebe hoje como "redator de catecismos new age", como se lhe faltasse uma "visão crítica do que está em jogo na formação da cibercultura" (RUDIGER, 2003, p.63).

Para além dessa introdução à temática da cibercultura, será importante retomar autores aqui enunciados, para analisar o contexto do campo dessa pesquisa. Entretanto para posicionar Lévy nessa conversação, vale dizer que em seu Cibercultura, ele ressalta que

(...) a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na economia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (2003a, p. 12)

Rudiger (2003), entretanto, faz figurar em Lévy a marcação da ausência de reflexão e compreensão da realidade social com seus mecanismos de controle sistematizado, através do capitalismo flexibilizante e flexibilizado da atualidade. Aponta para a ausência de sujeito, naquilo que Lévy conceitua como inteligência coletiva, afirmando que essa inteligência vem a existir somente "como possibilidade virtual ou fantasmagórica do ciberespaço" (RUDIGER, 2003, p. 67).

Se em Lévy a crítica político-filosófica estaria ausente ou teria contornos muito elásticos, em Jean Baudrillard, Rudiger vai encontrar no uso das tecnologias uma forma de confiscar a palavra, implodindo a polifonia nos processos comunicacionais, vindo a estabelecer uma forma de distorção virtual, onde a máquina estaria a falar e a pensar pela

humanidade.

Na conversação on-line, existe apenas uma apresentação alternada de um e de outro. A expressão é mais objetivada, mais funcional e totalmente desencarnada. Sem dúvida, é destinada para os tipos profissionais de conversação (BAUDRILLARD apud RUDIGER, 2003, p.69).

Cita ainda aquilo que toma como tecnoapocalipse de Kroker & Weinstein, que estaria a anunciar o fim da história humana e o início da história virtual, tendo como figura que significasse essa interpretação, a Internet - uma espécie de pele para o novo corpo eletrônico em edificação. Entendem Kroker & Weinstein que

(...) a época do homem foi dominada pelo objetivo ideológico de realizar uma ou outra concepção essencial. A época pós-humana é comandada pelo desejo, de caráter sobretudo inconsciente, de substituí-lo (RUDIGER, 2003, p. 71).

Nesse cenário, a resistência possível à ação do mundo virtual sobre a humanidade aconteceria através do embate na própria virtualidade, através da figura do hacker, que realizaria a função crítica na cibercultura. Como guerrilheiros desse tempo virtual, a ação dos hackers demarcaria também o ultrapassamento da via moral e política (TRIVINHO apud RUDIGER, 2003) para encaminhar os processos discursivos no espaço público.

Espécie de herdeiro de McLuhan, Manuel Castells em Rudiger (2003) aparece como aquele que enxerga na informação o dispositivo que permite a compreensão dos processos sócio-históricos contemporâneos. Para ele se vive a era da informação, que estaria a inventar um paradigma para a compreensão do mundo. As relações de produção e propriedade estariam a ser substituídas por relações de acesso ao capital científico e tecnológico.

A rede de conexões informacionais permitiria afirmar, para Castells, que a tecnologia é a sociedade, em que funcionaria uma organização social que pode

(...) satisfazer uma das mais consideráveis das demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento esclerosado dos meios de comunicação tradicionais (CASTELLS apud RUDIGER, 2003, p. 76).

Novos contrapontos nessa disposição feita por Rudiger, do que tomo por uma genealogia da cibercultura. Como era uma preocupação inicial sua ultrapassar polarizações em seu trabalho, e isso me faz tomá-lo por referência, ele introduz a discussão sobre os usos e práticas possíveis, já no âmbito da experiência social da tecnologia. Apresenta assim a rede como expressão que localiza os fluxos dessa experiência coletiva (STERNE apud RUDIGER, 2003), principalmente a partir

de questões levantadas por André Lemos, importante pensador brasileiro da cibercultura.

Através de André Lemos, o qual Rudiger (2003) diz fazer uma leitura culturalista dessa realidade, aponta para a possibilidade de síntese sobre as tendências e sentidos da cibercultura, pensando-a como o conteúdo significativo da tecnologia. Esse conteúdo consistiria na criação de novos modos de se relacionar socialmente. Segundo Rudiger, essa perspectiva aponta para a reunificação da ciência com a cultura.

Ao buscar saber melhor sobre os percursos dessa reunificação produzida por Lemos, Rudiger supõe que ela se daria através da intromissão da tecnologia nas rotinas cotidianas, desde seus aspectos de grande expressão até naquilo que lhe parece mais ordinário. A cibercultura a servir de suporte para usos e estratégias as mais distintas no ambiente social. A constituir "vetores performativos" na realidade que se experimenta nessa nova mídia de suporte digital (MAFFESOLI apud RUDIGER, 2003).

Essa lógica dispõe a cibercultura como potencialmente capaz de reinventar os modos de produção do cotidiano, através de seus mecanismos eletrônicos. Uma "astúcia dos usos" que ele confere a Lemos, mas que faz lembrar Michel de Certeau (1994)

e a sua pesquisa sobre a invenção do cotidiano, onde o mínimo ato é valorizado como um procedimento de reinvenção de si e do mundo, o que ele chama de "artes do fazer".

Adiante, em sua trilha, Rudiger encontra Gordon Graham, autor do manifesto tecno-realista de 1998, que apresenta a necessidade de renovação dos fundamentos cognitivos do pensamento contemporâneo. Busca entender o humano nessa história através dos impactos sobre os modos de vida das pessoas, para assim entender o sentido da informação. A análise de Gordon é de que o impacto dos usos da tecnologia não comporta um *a priori* que relacione custos com benefícios comuns à racionalidade liberal. A imprevisibilidade também seria marca desses usos, já que eles são tomados como inovações que constituem o campo da cibercultura.

Uma dimensão empírica habita a lógica do pensamento de Gordon e esse permitiria a instauração de uma realidade pós-humana na interpretação de Rudiger (2003). Isso porque Gordon acredita que a humanidade possa concluir que a "sublimação digital" venha a ser uma situação mais vantajosa para sua existência, não vendo então motivos suficientes para manter-se na condição de humano.

Talvez aí esteja a caracterização da sua busca por novas sínteses para essa discussão, e ao fazer referência ao

pensamento de Hanna Arendt, Rudiger sentencia que

(...) a tecnologia maquinística tende historicamente a determinar o modo de ser homem e de seus artefatos, ao invés de ser por ele determinada, enquanto se mostra capaz de atender às necessidades vitais da espécie, retirando do homem - embora não da espécie - o privilégio que antes ele mesmo possuía de instruir a feitura de seu mundo (2003, p.96).

É como se os processos industriais de produção de cultura, agora encorpados pelos usos das novas tecnologias, estivessem a sobrepor as questões da humanidade. Essa sobreposição acabaria por comprometer as possibilidades de encaminhamentos políticos que resistissem a esses processos. A razão crítica careceria de forças que avolumassem seus sentidos no ambiente da cibercultura.

Apesar disso, Rudiger (2003) aposta que o legado da Escola de Frankfurt oferece pistas importantes para a crítica da razão tecnológica. Traz para sua discussão o ex-aluno de Hebert Marcuse, expoente da 3ª geração da escola de Frankfurt, Andrew Feenberg, que repercute essa temática para afirmar a possibilidade de equívocos no direcionamento dos usos da tecnologia. Aquilo que se pretende no ambiente social ao incorporar a tecnologia aos modos de produção, enfatizando essa relação com as circunstâncias sócio-históricas.

O questionamento não pergunta pela influência ou efeito da tecnologia sobre os indivíduos. A razão é que eles são em si mesmos, parte integrante e fatores

da tecnologia não apenas como homens que as inventam ou se servem de máquinas, mas também como grupos sociais que direcionam sua aplicação e utilização (MARCUSE apud RUDIGER, 2003, p.107).

Esse direcionamento de caráter utilitário para grupos sociais específicos insinua um terreno para embates, já que adiciona a diferença de usos e posses a segmentos ideológicos distintos seja em classes seja em outros segmentos organizados na sociedade. A lógica liberal de racionalidade econômica se efetuará como referência que busca reificar a condição humana de atrelamento a uma cultura de massa.

O domínio como fundamento da utilização da técnica por segmentos sociais não deve ser tomado em Feenberg como uma marca de fim exclusivo, pois as tecnologias da informação não possuem uma função pré-determinada para esse pensador (RUDIGER, 2003). A reinvenção do sentido se faz presente nesse momento, mas haveria uma tendência à padronização dos usos e o encontro prioritário nos sentidos em modelos para o consumo.

Ao discutir essa questão, Rudiger a exemplifica com enunciado do próprio Feenberg, sobre a alteração feita por usuários de um ícone de um sistema de transmissão de dados na França. Esses rearranjos ou redirecionamentos de sentidos seriam efeitos do uso e se dariam principalmente pela característica

da comunicação humana.

Entretanto, Rudiger pondera que esse processo, adiante, tende a adequar-se mais à questão do simbólico, que da função, o que apontaria mais para um sentido relativo a formas de consumo. Entende que se constitui muito mais como uma reificação, que como uma invenção, uma forma de novidade, fruto da imaginação nesse ambiente de cultura tecnológica.

Essa projeção ideológica sobre os usos e encaminhamentos da tecnologia recebem a crítica de Rudiger (2003), pois esse acredita que Feenberg não percebera, em sua análise da cibercultura, a atuação do "elemento imaginário", conceito atribuído por ele a Cornelius Castoriadis.

Daí aponta para a necessidade de pensar a tecnologia

(...) como forma de potencialização material da imaginação, a cibercultura como articulação (de) um imaginário tecnológico, da dialética entre mito e razão, entre utopia e racionalidade, sem perder o espírito crítico a respeito de suas respectivas fantasias (do racionalismo e da mitologia) e sem abdicar de uma análise concreta de seu respectivo contexto social-histórico: eis, segundo nos parece, a tarefa central que, vendo bem, coloca-se com o tempo à reflexão crítica sobre o alcance, o sentido e as tendências de uma nova cultura tecnológica (RUDIGER, 2003, p. 116).

Ao trazer a questão da imaginação para a discussão sobre a cibercultura, Rudiger (2003) busca situá-la na diferença

entre o que toma por homem moderno e homem selvagem. Afirma que a ausência de um esclarecimento que se estabeleça como uma força social, faz com que o ser humano busque novo sentido para seu desenvolvimento. Esse redirecionamento diria da possibilidade humana de se encantar com as coisas que produzem sua existência cotidiana.

É como se um novo lugar fosse inventado, como se alguma utopia estivesse a interferir nos movimentos de construção dessa realidade. O que, necessariamente, requereria o uso dos recursos tecnológicos de cada tempo, pela sociedade para que nessa utilização o social se imagine diferente (FLICHY apud RUDIGER, 2003).

Essa utopia, entretanto, não se faria em separado da dimensão histórica. Se o controle é questão central nas dinâmicas da cibercultura, ele não se apresentaria como um parâmetro exclusivo nessa discussão que envolve dispositivos como a imaginação e a racionalidade. Recorre então Rudiger a Kevin Roins e Ken Hillis, para apontar essa vontade de controle, que os usos da tecnologia ensejam, mas também para enfatizar que essa experiência cultural mediada pela tecnologia

(...) expressa-se através da abstração ficcional das relações sociais e do controle maquinístico de nossa capacidade de imaginação. Herdeiros nesse sentido de uma leitura do fenômeno tecnológico que, reclamem ou não, remonta a Nietzsche, os autores ainda não se limitam a esse registro, reafirmando as proposições corretivas desse enfoque propostas há mais tempo pela

Escola de Frankfurt (RUDIGER, 2003, p. 124).

Apresenta-se assim alguma transcendência à racionalidade, já que um pé que seja, permanece atento às determinações sócio-históricas. Mas, se é para pensar a cibercultura na dimensão do imaginário, aquilo que Rudiger sintetiza em "não-racional", entende ele, que a alternativa que comportaria maior radicalidade a essa conversa, seriam "os escritos sobre filosofia da técnica de Cornelius Castoriadis" (2003, p. 125).

Para Rudiger os conflitos acerca da técnica dizem de uma incapacidade da sociedade em enfrentar seus desafios fundamentais. Desafios esses que através da imaginação radical, fruto da relação entre a técnica material e a atividade simbólica, deveriam ser enfrentados. Nessa perspectiva, seriam conservadas indeterminações, que funcionariam como motor para novas criações. Assim, esses processos de significação, instituídos pela imaginação radical

(...) são de pronto encarnados nos códigos de expressão e ação vigentes, mas isso não esgota o processo totalmente, já que, não-determinista, precisamos postular que sua atividade é em si mesma indeterminável e inesgotável, ainda que pelas condições históricas (Rudiger, 2003 p.129).

Entretanto Rudiger (2003) enxerga na proposição de Castoriadis excessiva autonomia que seria conferida à imaginação, o que o leva a estabelecer semelhanças entre esse entendimento e o dos fáusticos nas análises da função da tecnologia para a condição humana. Ressalta que para a imaginação radical o contexto seria histórico-transcendental e para os fáusticos idealístico-immanentista.

Daí, Rudiger inicia suas considerações que são tomadas aqui como relevantes contribuições para circunstanciar e analisar a cibercultura e para buscar compreender os sentidos ainda demasiadamente humanos, a meu ver, que se fazem com a incorporação dos aparatos tecnológicos que a humanidade produziu.

Há um ambiente de indefinições e Rudiger, que permitiu esse passeio histórico-filosófico, sentencia que

(...) a tecnologia ainda é, portanto, apenas o entorno semi-real, semi-imaginário de nossa existência: embora seja nesta direção que se mova, ela de fato ainda tem muito que tocar no modo de ser humano, a despeito de o quanto já interfere nas suas condições materiais de existência (2003, p. 137)

Interessa-me essa possibilidade de toque, disposta na citação. O toque que redimensiona os entendimentos daquilo que se queria e daquilo que se conseguiu. O toque que descreve o como dos processos que o efetivaram e daqueles que

vão existir, atravessados pela força da sua circunstância. O toque que confere humanidade às coisas e permite a variação de sentidos para aquilo que parece o mesmo. Toque que faz a vida correr além das possibilidades biográficas criticadas por Nietzsche.

Essa questão que amplio agora, já não mais através de Rudiger (2003), mas entre autores aos quais ele também fez referência na sua disposição do embate entre prometéicos e fáusticos e até mesmo no ultrapassamento dessa polaridade. É tomando essa construção que busca ir além às aparentes oposições, que retomo essa discussão através dos pensadores da experiência tecnológica contemporânea, no caso Pierre Lévy e Paul Virilio.

Ultimamente Lévy e Virilio têm feito um debate, por artigos acadêmicos e pela mídia, sobre as condições dessa experiência dos recursos da tecnologia na produção de uma nova vida. Penso que através desse acontecimento é possível, com eles, ir além do otimismo emancipatório ou do pessimismo apocalíptico, apesar dos riscos que ambos se permitem correr, ao estabelecerem prognósticos que beiram os limites do que pode vir a ser a verdade sobre a cibercultura.

Sobre Paul Virilio, urbanista e pensador da velocidade no contemporâneo, Pierre Lévy¹, professor do Departamento de HiperMídia da Universidade de Paris VIII, diz ser um intelectual que faz parte de um outro momento histórico. Para ele, Virilio representa um tempo em que o conhecimento produzido se revertia enquanto uma concentração de poder para as pessoas que trabalhavam na produção do saber sistematizado. Algo como um saber que se acumularia na figura do homem, que metodologicamente constrói o conhecimento através de pesquisas acadêmicas.

Ao afirmar isso, Lévy respondia questões para uma entrevista publicada no sítio do Universo On-line (UOL) e comentava o que seria uma certa intransigência de Paul Virilio e Jean Baudrillard em enxergar na Internet e no ciberespaço possibilidades ilimitadas para a construção da vida.

Para Lévy, a Internet representa a perda de poder desses pensadores, já que ela disponibiliza o conhecimento de forma desmedida, impedindo assim que esse se estacione em foros de privilégio. Diante da ilimitada evidência do potencial informativo que circula na rede mundial de computadores, Lévy permite-se um exagero.

No entanto, tenho certeza de que não entendem nada de Internet. Virilio nunca viu um correio eletrônico na

¹ Retirado de <http://www.uol.com.br/mundodigital/webzona/levy.htm> . Acesso em 23/08/2003.

vida! Suas críticas são críticas de quem está apavorado com a nova realidade. Navegar é deixar-se levar pela rede. É essa liberdade que intelectuais como Virilio identificam com a barbárie e não podem tolerar².

Em entrevista publicada do sítio Trópico³, concedida a Juremir Machado da Silva, escritor, jornalista e professor da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Paul Virilio responde às acusações de Lévy, evidenciando um certo desapontamento com o teor das críticas. Entretanto, mesmo afirmando não querer alimentar ainda mais essa polêmica, ressalta a necessidade de marcar sua posição quanto ao assunto.

Diz Virilio que a cibernética funciona como a maior tirania do presente. Cita Norbert Wiener e George Orwell para indicar os riscos do uso político do que ele denomina de bomba informática.

A cibernética está em condição de controlar os três corpos, ou seja, de criar uma tirania diante da qual o nazismo não passaria de um brinquedo, uma antecipação artesanal. O pior é a cibernética social, o darwinismo, pois atrás da cibernética está a eugenia, a possibilidade, graças à decodificação do código genético, de "melhorar" o homem e de chegar ao super-homem. Não se pode separar informática, genética e cibernética. Se estamos, hoje, trabalhando com a clonagem e quimeras em nível de biotecnologia, é por termos a informática para decodificar a extraordinária complexidade do DNA e do código genético humano. Logo,

² Retirado de <http://www.uol.com.br/mundodigital/webzona/levy.htm> . Acesso em 23/08/2003

³ Retirado de http://www.uol.com.br/tropico/palavra_10_170_1.shl . Acesso em 28/08/2003.

tudo está ligado. Não sou contra a técnica, tanto que em minha escola, ajudei a implantar e desenvolver a Internet, convidei Nicholas Negroponte, quando eu era diretor da escola especial, há 20 anos, para dar conferências e sempre procurei aproveitar o melhor do desenvolvimento tecnológico. Mas sou contra a ilusão. Eu sou contra a promoção publicitária dessa ilusão⁴.

Pesa sobre Paul Virilio, uma previsão feita em março de 1993, sobre a possibilidade de ataques às torres do World Trade Center em Nova York nos Estados Unidos. Previsão que se confirmou oito anos mais tarde, na manhã do de 11 de setembro de 2001, quando as torres desabaram após serem atingidas por dois aviões comerciais dos Estados Unidos. Esse acontecimento conferiu a Virilio o título de oráculo contemporâneo. Diante das tantas outras previsões que o discurso de Virilio manifesta, quando analisa as modificações nos processos de percepção na modernidade em sua relação com a tecnologia, cabe esmiuçar um tanto a mais o pensamento desse autor, além de enxergar nele apenas uma má vontade com o presente que se vive e o comprometimento das possibilidades da vida no futuro, como faz sugerir Pierre Lévy.

Em *A máquina da visão*, Paul Virilio (2002) prenuncia a obsolescência da construção das imagens mentais⁵ em função de

⁴ Retirado de http://www.uol.com.br/tropico/palavra_10_170_1.shl . Acesso em 28/08/2003.

⁵ Na tradução de *A arte do motor*, feita por Paulo Roberto Pires, a construção desse conceito de Paul Virilio é tomada pelo termo "imagética" e corresponde às ilimitadas possibilidades de construção do mundo de imagens, que correria perigo, diante do avanço da imagem totalitária produzida através do desenvolvimento tecnológico.

um aparato tecnológico disponibilizado no mercado da informática. Defende a tese que ao olhar caberia hoje um dirigismo, que o incapacitaria à diversificação de focos e dimensões. Uma modelização da visão que se especializa em desconsiderar a dispersão e as circunstâncias que amparam o foco da vista, em função do pouco tempo que dispõe para o registro do que deve ser percebido.

Imagine um arqueiro que se coloca a 20 metros de um alvo posto sobre um cavalete. Ele faz a sua mira, desconsiderando o chão que sustenta a situação. O jogo informativo da situação faz fixar o olho no alvo, em sua parte mais central. O corpo ereto e os braços em flexão parecem atender a demanda exclusiva do olhar compenetrado, delimitado e descontextualizado do ambiente que o cerca. A meta, onde a técnica permite a prática da eficiência, faz refluir toda a percepção para uma disputa, em que o alvo é a única verdade. O instante que diria da vida o seu sentido. Disparada a flecha, vai-se a um alvo e o instantâneo resultado em seguida já se fez passado. Um novo instante se apresenta a demandar objetivações. Novos alvos, novas flechas. Respostas rápidas, sentidos curtos. Eis a experimentação do tempo a abreviar as percepções. Eis Virilio a esmiuçar essa lógica, para nos possibilitar novas considerações.

Ao citar estudos de Russel e Nathan (1946) sobre os processos

de percepção consolidada, Virilio demonstra sua preocupação com a gradual substituição da palavra pela imagem. Diz que uma linguagem reduzida às imagens traria como efeito limitações para representar, em função da conseqüente diminuição do repertório mnésico dos vivos. Na implementação desse viés de economia textual, onde a imagem ganha em força por não ir além da evidência, Virilio enxerga um processo que facilita a captura perceptiva das massas. Historicamente, já conformada a interpretar o que vê de forma aproximada, haveria uma forte tendência no social, para confundir realidade e ilusão, o que poderia conferir ao autor da imagem uma força desmedida sobre o sentido que se possa dar ao ato comunicativo. A verdade assumiria uma dimensão totalitária e objetiva.

No livro 1984⁶, George Orwell aponta para lógica semelhante, como mecanismo de administração da sociedade. Na ficção, Winston, personagem de Orwell, que atua na trama como uma espécie de produtor de informação para o Grande Irmão, tinha como ofício buscar uma redução gramatical a termos que não permitissem qualquer traço de interpretação subjetiva no processo de comunicação. Era uma espécie de redator da história da Oceania que, a serviço do partido único, produzia informações para um consumo instantâneo, quando ao pensamento dos prováveis leitores não coubessem variações de sentido ao

que estava colocado. Questões demandariam respostas absolutas, fruto da sumária representação da nova gramática.

Escrito na década de 1940, o texto de Orwell evidenciava uma contundente crítica ao regime de administração socialista do estado soviético, mas carregando nas tintas da antecipação desde o título, 1984 - o que poderia ser o mundo 40 anos adiante - ampliava os limites do horror que o futuro poderia trazer à humanidade. Um rígido controle sobre as existências, mesmo naquilo que de mais particular escolhessem para si.

A austera fisionomia do *Grande Irmão* que emergia nas telas, dispostas nos cômodos das casas dos habitantes da Oceania orweliana, conferia à vida um limite quase intransponível entre o que se precisa ser e aquilo que se viesse a desejar. A política de controle absoluto do *Grande Irmão* indicava à população os perigos do pensamento e as formas de exclusão que essa prática possibilitaria. A indignidade não teria contornos. A vida estaria representada em escalas cada vez mais degradantes aos que ousassem uma existência autônoma e diferenciada.

A metáfora orweliana não se confirmou ao fim do século XX, entretanto nos últimos anos tem-se assistido em várias partes do planeta, a programas de televisão que tomam a lógica do

⁶ ORWELL, George. 1984. 11ª Ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

Grande Irmão como enredo para seu desenvolvimento. Em clara alusão ao prenúncio de Orwell, apresentam uma situação em que pessoas são colocadas em um lugar, absolutamente capturado por câmeras, onde têm que conviver durante um tempo determinado. Tudo que fazem e falam, em tempo real, pode ser visto em redes de televisão a cabo e em endereços eletrônicos do mundo digital.

A exposição máxima do ser em seu cotidiano, transformada em um produto mercadológico, foi um estouro de audiência em países diversos. Fabricou novas celebridades midiáticas, movimentou a cadeia do comércio de imagens, mas a idéia de controle máximo parece não ter incomodado aos vivos. Tanto aos que estavam interditados como personagens do programa, como aqueles que garantiam a sua audiência. Listas de inscrição para participação nos programas tomam conta da vida nos recantos mais diversos do Brasil, por exemplo, no momento de selecionar personagens para a próxima edição do programa.

Estar hiper-exposto parece ser uma ambição generalizada, como se essa lógica já não fizesse parte da vida que se leva. Assim, essa idéia de controle desse jogo televisivo não se desdobrou em questões para transformações no cotidiano. Se há um controle absoluto hoje, por onde ele passa? Quem é o agente dessa situação? Quais as técnicas que permitem sua efetuação? Que efeitos ele propaga no social? Outras questões

poderiam ser formuladas, mas ante essas indagações, que tipo de respostas seriam produzidas? Quais indicadores trariam confiabilidade à questão de que vivemos uma época de controles disseminados, a dizer da vida as suas amplitudes e singularidades? Afinal, como funciona o controle social hoje?

Virilio apresenta um certo descompasso entre o que seriam as possibilidades de significação do olhar humano e a conseqüente ampliação das formas de representar o visto. Acredita que com o aprimoramento tecnológico, será possível o tempo da captura e decodificação da imagem, sem a necessidade de operação que envolva o homem. A restrição à multiplicidade de sentidos que a visão propicia está diretamente relacionada aos movimentos tecnológicos do que Virilio chamou de máquina da visão.

Muito antes da constituição desse sistema cibernético, Virilio apontava para um olhar que cedia aos encantos e praticidade da técnica. Sugere que ao negociar o domínio do espaço, o homem parece ter usado como moeda de troca o tempo. Seu tempo no planeta. Permitia-se ser absorvido pelas situações, onde uma real economia de tempo era efeito do incremento da velocidade da ferramenta usada. Um telescópio que redimensionava a inscrição do espaço celeste era também um exterminador de distâncias. O céu, para o homem, ganhava em elaboração objetiva.

Modelo das próteses de visão, o telescópio projeta a imagem de um mundo fora de nosso alcance e, enquanto uma outra forma de nos movermos no mundo, a logística da percepção, inaugura uma transferência desconhecida do olhar, ela cria o encaixe entre o próximo e o distante, um fenômeno de aceleração que abole nosso conhecimento das distâncias e das dimensões (VIRILIO, 2002, p. 19).

Com isso, Virilio não busca somente enfatizar perdas de saber no jogo das acelerações. Aponta para uma troca mnemônica. Construções que produzem novas histórias, novos conhecimentos. Um céu antes pouco vislumbrado objetivamente permitia múltiplas invenções sobre sua constituição e função para a vida na terra. Éramos imensos ante a imensidão desconhecida. Assim tecíamos histórias para mil e uma noites. Entretanto, o instrumental tecnológico de ampliação do ver através da mutilação das distâncias nos permitiu a realidade de quase insignificância ante a magnitude do cosmos. Aqui, uma realidade produzida de forma instantânea e reduzida ao foco da teleobjetiva.

A contar desde o renascimento, a representação da terra ante o universo têm mudado radicalmente. Um céu sagrado e envolto no manto de mistérios, apenas no século XVI, conceitualmente foi tomado como algo mutável em função do aparecimento de uma nova estrela. Daí o desdobrar das consolidações da representação desse universo, entre os sistemas ptolomáico, onde a Terra seria o centro do universo, e o heliocêntrico,

onde a Terra seria um planeta na órbita de um outro sistema que teria o sol como centro. Isso até o aparecimento da teoria da relatividade de Albert Einstein, já no século XX, em que se estabelecem teses sobre a possibilidade de existência de universos paralelos, sendo que a viagem entre eles se daria através do que se convencionou chamar por buracos de minhoca (WERTHEIM, 2001).

Diante de tantas mudanças nas formas de perceber o céu, Virilio sugere em *A máquina da visão*, que o olhar ao tomar para si os avanços tecnológicos no campo da percepção visual, abriria a guarda para a eliminação de uma das suas funções primordiais: a construção das imagens mentais.

Essa questão para Virilio é crucial. A perda potencial dessa circunstância, constituir-se-ia como um preço absolutamente alto a ser pago adiante. Algo como se a humanidade embriagada pela nova situação estivesse a dispensar aquilo que historicamente a teria constituído; no caso seu potencial de representação. Virilio aponta para a produção de uma amnésia topográfica, devido ao caráter dependente do olhar humano às lentes objetivas.

A redução de escolhas mnésicas, criada por esse estado de dependência à objetiva, iria se tornar o módulo em que se formará a modelização da visão e, com ela, todas as formas possíveis de padronização do olhar (VIRILIO, 2002, p. 31).

Essa tecnologia do olhar se dispunha às circunstâncias da administração social, fruto de uma acomodação visual a algo não muito distinto do que lhe era dado a ver. Tratava-se de um empobrecimento no campo desse ver. A imagem posta fazia que se acreditasse naquilo que escaparia ao indomado olho perdido. Esse olho do esquecimento permitia-se ilusões, fruto de uma intervenção técnica elaborada, que se estabelecia como um ideal.

Para Virilio, o nazismo difundiu-se ante a imobilidade do olhar do povo alemão. O contentamento num ver padronizado, estilizado, fazia progredir no meio social a proposta de uma purificação da raça humana, uma forma ariana para a existência no planeta. Goebbels, mentor das técnicas de comunicação hitleristas, dizia sobre os militantes nazistas, da obediência de uma "lei que eles mesmos não conheciam, mas que poderiam recitar dormindo" (VIRILIO, 2002, p. 28).

Técnicas de comunicação e a ambição totalitária agregavam-se para dizer ao mundo, já acostumado a um campo visual limitado, sobre uma nova formulação existencial. Uma nova linguagem. Fala-se para muitos ao mesmo tempo, como se não houvesse passado. Fala-se para um futuro ideal. Era a elevação da forma-nazismo, onde o absolutamente novo se estabelece e o velho - a memória - se perde por incapacidade de resistir à velocidade, fruto dessa articulação político-

técnica, que prolifera tão somente em ambientes de diluição dos sólidos⁷.

Além da impressionante divergência que Virilio e Lévy guardam entre si, no que se refere à representação que a tecnologia tem na contemporaneidade, há na discussão que os dois travam, um excesso que positiva a produção de mais dizeres sobre o uso e a contextualização desse uso, naquilo que se toma hoje por cibercultura. Novas buscas e análises que permitam ainda mais o aparecimento desse excesso, pois penso que é nele que se fazem representar modalidades inusitadas de produção da subjetividade mediada pela tecnologia de ponta.

Cabe antes, entretanto, apontar um pouco mais para o que pensa Pierre Lévy em relação à cibercultura e os domínios que se inventam a partir das tecnologias da inteligência. Lévy (2001) compreende que a experiência contemporânea permite ilimitadas possibilidades de fuga àquilo que está dado, através do uso da rede mundial de computadores. E por fuga, entende-as como novas construções para a vida, pois pensa que (...)

Os produtos da técnica moderna, longe de adequarem-se apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos (LÉVY, 2001, p. 16).

⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Com isso Lévy (2001) busca construir um entendimento, em que historicamente as tecnologias viriam a estabelecer condições para o exercício do pensamento, mas ressaltando de forma enfática que essas não assumiriam jamais um lugar de determinação. Exprime essa possibilidade ao discutir a dimensão do hipertexto, como uma modalidade de escrita, a qual denomina navegação que, na rede mundial de computadores, permitiria uma ação política a qualquer um de seus usuários.

Privilegia assim a produção de relacionamentos inusitados e inimagináveis no ambiente cibernético, uma vez que os sentidos construídos se dariam apenas por associação, nas passagens de um *link* a outro, em atividades produzidas na Internet. Lévy entende que assim o pensamento atinge as coisas, ao contrário do que sugere Virilio; para quem as coisas da tecnologia estariam a usurpar o exercício do pensar que, diante de respostas sintéticas e imediatas, assumiria uma condição de obsolescência.

Lévy (2001) anuncia o fim da metafísica a partir do incremento de coletividades pensantes que atravessariam a condição de indivíduo. A política das interfaces garantiria o sentido cosmopolita das existências conectadas. Redes que revelariam a emergência de uma ecologia cognitiva, onde o

pensamento se faz sobre o pensamento, recusando "qualquer visão essencialista, estática ou logicizante do computador" (LÉVY, 2001, p. 177).

A tecnologia da inteligência construindo uma estética do que Lévy toma por tecnodemocracia. A subjetividade em inscrições hipertextuais, que estariam a apontar não para

(...) a objetivação, a conexão mecânica entre a causa e o efeito, ou o desdobramento cego de um sistema técnico pretensamente inumano que melhor qualificam a técnica, mas sim a formigante atividade hermenêutica de inúmeros coletivos (LEVY, 2001, p. 177).

Penso que opor pura e simplesmente esses olhares num jogo discursivo de teor acadêmico, contribuiria pouco para os processos de produção de entendimentos sobre a cibercultura. Também buscar alguma conjunção entre eles, adequando-os à elasticidade que um olhar possa propor, talvez fizesse reduzir outros vetores que também se articulam a esse campo de estudo. Mesmo reconhecendo a disparidade de propósito entre esses pensadores da questão do tecnológico na vida, acredito que seja fundamental pensá-los noutras referências, contorcê-los em outras filosofias, desdobrá-los um tanto antes do momento em que se viesse a cumprir suas profecias.

Isso significa tomá-los em movimento, onde a paisagem não busca totalidades e furta cores, a um olhar que se queira

absolutamente compenetrado. Alguma distração ao que pensam Virilio e Lévy, pode ajudar a fazer aparecer neles aquilo que se põe em análise agora. É como diz Gilles Deleuze (1992) ao estabelecer sua convicção da necessidade de uma política de intercessores.

Deleuze (1992) dispunha sobre a necessidade de criação através de séries nos processos da vida, seja de caráter artístico, científico ou filosófico. Essa criação se daria apenas se fosse invertida a função de refletir sobre o pré-existente. Entendia que não há o que ser descoberto, mas há o que ser tocado, capturado e falseado; daí a intercessão, daí alguma nova verdade.

Não existe verdade que não "falseie" idéias preestabelecidas. Dizer "a verdade é uma criação" implica que a produção da verdade passa por uma série de operações que consiste em trabalhar uma matéria, uma série de falsificações no sentido literal. Meu trabalho com Guattari: cada um é falsário do outro. Forma-se uma série refletida, de dois termos. Não está descartada uma série de vários termos, ou séries complicadas com bifurcações. Essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro, é isso os intercessores... (DELEUZE, 1992, p. 157).

Essa passagem do Deleuze remete-me a uma outra de Luis Antônio Baptista (1999) em sua Cidade dos Sábios, quando seu personagem, a escrava Muane, desprovida de traços de caráter ou personalidade, ensinava que as forças do mundo não podem caber numa só pessoa.

Muane, negra Bantu, filha de Kitandu, que atravessou o século XIX, a perceber as transformações na cidade do Rio de Janeiro, proclamava como um mote⁸, ao longo do texto, a impossibilidade das forças do mundo caberem numa só pessoa, como pregavam as novas almas da modernidade. A imaginação de Baptista (1999) permitiu uma personagem que se reinventa diante dos acontecimentos e permite ao leitor imaginar outras possibilidades nesse enredo de desenvolvimento da sociedade carioca.

Em Baptista (1999), Muane conta com uma percepção instigante, os processos de composição que as forças do mundo tomam para fazer a história. É como se ela possuísse uma extraordinária habilidade para sentir o vento como um ajuntamento de interesses e vontades diferenciadas que se encaminham em fluxos, que jamais poderiam ser tomados como fruto de uma exclamação exclusiva.

Talvez por ser uma "negra bantu, regida por Kitandu, deus dos ventos fortes, imprevisível, que protege e cura, mas também destrói aldeias, pessoas e cidades impiedosamente" (BAPTISTA, 1999, p. 52). Talvez por ter um corpo mais apto à compreensão do significado da ação das forças do seu tempo, já que fora

⁸ Nas cantorias que se difundem em alguns estados da região do Nordeste brasileiro, é comum a utilização de um mote - espécie de verso que se repete ao final de cada estrofe - que guarda uma forte intenção dos cantadores e garante a coerência rítmica e melódica da execução musical.

escrava, ama de leite, tigre⁹, cozinheira, objeto de deleite sexual dos senhores, dentre outras funções, Muane desconfiava, em sua sabedoria, que os projetos que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, implicavam novas formas para o funcionamento das pessoas. Forças estranhas que se traduziam em hábitos ainda mais estranhos ao cotidiano da província de então.

O corpo de Muane falseava os ímpetos do projeto da modernidade, tanto em sua crítica, como em sua ação. Há uma ética nos devires experimentados por Muane, que diferencia e inventa modalidades de ser, apartadas daquilo que por decreto se buscava impor. Separada pois dos prognósticos absolutos.

Essas invenções sobreviveram no corpo de Muane e também em outras existências que lhes experimentaram ali e que até hoje dizem a muitos muitas coisas. Subseqüência de falseamentos e penso que assim, seja possível usar Virilio, Lévy e a genealogia disposta por Rudiger (2003), nessa escrita. Tomando-os não mais como construtos ordenadamente postos à compreensão do que tem sido e do que será a tecnologia de ponta para a existência humana, mas como posições que precisam de encaminhamentos que só se fazem nos outros, através da política de intercessores deleuziana.

⁹ Escravos que eram encarregados de levar tinas com dejetos da casa do seu

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. (...) É uma série. Se não formarmos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando não se vê (DELEUZE, 1992, p. 157).

Assim, para não ser biografia esquecida e empoeirada numa estante qualquer, faço de mim um sentido numa série, onde muitas coisas são nítidas, outras tantas turvas e outras ainda que, assim como os ventos de Muane, são sentidas, mas não chegam a produzir uma visibilidade. Não são, entretanto, circunstâncias de um paradoxo em busca de síntese, mas falseamentos que fazem novas verdades aos que não suportam as velharias endurecidas da razão.

É por intercessões que busco enxergar os modos como as forças contemporâneas inventam novas individualidades e edificam domínios na subjetividade atravessada por dispositivos da microeletrônica. Séries que vão se encontrar na apresentação e análises do campo de intervenção desse projeto de tese, que se debruça sobre experiências desenvolvidas nessa ciberépoca. Uma análise que se volta para pensar os modos de subjetivação contemporâneos no ambiente da rede mundial de computadores, através de discursos produzidos em um weblog (blog), que funcionou sob minha responsabilidade, durante maio de 2004 até maio de 2005, e se encontra disponível na Rede Mundial de

Computadores no endereço <http://zeooutro.zip.net> .

3 Uma vontade teleinfocomputotrônica

Onde pensar a cibercultura era uma questão que me angustiava quando me deparei com a vontade de estudar essa temática. Havia, entretanto, relativa a essa questão, uma expressão que me inquietava e que muitas vezes era repetida por uma colega de doutoramento, a Priscila. Em seus comentários, no ambiente de supervisão, dizia disso e daquilo em relação aos seus estudos que envolviam também a cibercultura, muitas vezes fazendo referência a algo da ordem do teleinfocomputotrônico.

Pareceu-me a gota d'água na virada da minha página nos estudos. Não que meu projeto original fascinasse menos, mas havia um cansaço, mais que isso, um receio em continuar a estender a questão a que havia me dedicado no mestrado; no caso, as políticas públicas em educação no Brasil e seus efeitos na experiência cotidiana.

Teleinfocomputotrônico insinuava-me coisas que nem sei dizer bem até hoje. Uma forma de azougue que me remetia a pensar tamanha estranheza em minha vida e nas relações que ela mantém com os outros e com as coisas. Em que realidade eu poderia vir a usar palavra tão estranha, era algo que movimentava a inquietação.

Dei-me conta nos dias seguintes de que o inusitado do termo e

da pergunta que ele precipitava, por certo emergiam numa superfície de retardo. Estavam atrasados e muito, ante uma realidade à qual há tempo, eu e tantos outros já havíamos nos remetido. A cibercultura e seus processos de permitir experiências de realidades em princípio estranhas. Tomou-me uma sensação, que apesar de imerso nessa teia de sentidos, como um usuário corrente de comunicação por e-mails, de estranheza a um termo, que em muito buscava sintetizar meu consumo cibernético.

Para os encaminhamentos da vida acadêmica, vale notar, não fosse a coletividade das supervisões, esse texto hoje seria outro. Talvez até sobre o mesmo assunto, mas certamente com outros temperos e proporções de ingredientes. Priscila, por exemplo, algumas vezes se dispôs a explicar a etimologia do termo e suas implicações epistemológicas. Explicações que de algum modo fiz questão de deixar de lado, para privilegiar esse "isso" que emergia em mim e que precisava ganhar forma com o tempo.

Aceitasse aquela explicação, retiraria de mim a fome de compreender, ou pelo menos tentar fazê-lo, os processos de produção da subjetividade através de outros vetores que também se expressam na cibercultura. Parece redondinho ao dizer aqui, que me encontrava preparado de antemão para a empreitada. Não foi assim. Assim, como digo, é um jeito

racionalizado que busca fazer perceber no outro, aquele que me lê, aquilo que de intenção, contratempo, desvio, pensamento, viagem, desilusão, amizade, leituras, indiferença, crença, dispensa, doença, negações e extensões se fez texto. Percursos das forças que a vontade teve e que precisam de alguma inteligibilidade, para fazer ciente a mecânica que opera doutoramentos.

Segui então algumas leituras e como era grande a produção literária sobre questões da cibercultura nas estantes da livraria do térreo da UERJ e escasso meu tempo, para um acompanhamento minucioso dessa produção bibliográfica, tomei por bem fincar uma perna naquilo que já fazia circular academicamente em meus estudos, como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Zygmunt Bauman, Luis Antonio Baptista dentre outros. Ainda nessa perna surgiu Paul Virilio e a sua leitura permitiu que me misturasse cada vez mais naquilo que de teleinfocomputotônico se pudesse experimentar e dizer algo sobre, no contemporâneo.

Foi com Virilio que outros nomes começaram a surgir, mas a perna já ocupada pedia extensão e esses novos encaminharam-se para a outra. Como fosse uma competição; ora numa perna, ora noutra, não foi possível mais estacionar. Aqui e acolá, paradas breves para algumas reflexões e alongamentos. Momentos para pequenas decisões como a que ainda me sucumbia:

o que estudar.

Foi num domingo de 2003, lendo a coluna do ombudsman¹⁰ do jornal Folha de São Paulo, que percebi seu descontentamento com a distração da mídia de massa nacional, com um acontecimento inusitado na avenida Paulista, cidade de São Paulo, ao meio dia. Semáforo abre para os pedestres e uma pequena multidão de desconhecidos, ao invés de repetir a cena cotidiana de atravessar a via, atropelando-se uns nos outros de maneira rápida, retira os sapatos e atravessa a avenida de pés descalços e nas mãos, levam os sapatos, batendo-os contra o asfalto.

Aos olhos do ombudsman um fenômeno - arrisco dizer teleinfocomputotônico - que não havia recebido pela crônica jornalística o olhar devido. Era como se New York, Tóquio, Amsterdã, Londres, Berlim e outras tantas grandes metrópoles do planeta fossem incorporadas à avenida Paulista, através de uma face ultramidiática, que atendia por *flash mob* e os meios de comunicação de massa nativos, deixaram passar.

Vi que, assim como o ombudsman do jornal Folha de S. Paulo, eu não poderia fazer o mesmo. Tanta indagação e vinha até meus olhos, quase sem querer, algo tão inusitado, tão

¹⁰ Jornalista indicado pela direção do jornal, que faz a crítica interna e externa das edições, a partir da própria percepção e também baseado em comentários recebidos dos leitores. Aos domingos publica uma coluna com a crítica para o público externo.

interessante, tão novo, tão mágico, que não havia como deixar escapar esse objeto para um estudo teleinfocomputotônico. Busquei mais informações na Internet sobre essas mobilizações instantâneas, que eram organizadas via Rede Mundial de Computadores, mas não carregava em sua expressão ou intenção uma causa específica.

Parecia mais uma maneira de demonstrar uma força, como uma onda composta de gestos, que se movimentam apenas para consagrar alguma forma. Uma dimensão estética que insinua um campo de possibilidades de usos da Internet, assim como de intervenções no ambiente social de maneira sem igual, tudo aparentemente instantâneo. Operado através de trocas de mensagens eletrônicas, os *flash mob* se dispõem na realidade cotidiana como um não-sentido, já que pessoas desconhecidas, num determinado horário e local, se encontram para realizar um ato determinado, sem nele estabelecer qualquer forma de comunicação com os outros participantes. Algo como cumprir uma missão e voltar para o que estava a fazer antes. Essa era a lógica que arquitetava essas mobilizações instantâneas.

No ano de 2004, no Brasil, a onda *flash mob* refluíu, assim como ultimamente não se têm notícias de outras manifestações do tipo. Mas, potencialmente, esse tipo de mobilização guarda uma expressão de descontrole no controle, que enseja esses

tempos últimos que se vivem.

A título de registro, o grupo Arac fez dessa forma a convocação para o 2º flash, organizado por eles na cidade de São Paulo, em agosto de 2003.

```
#2 FLASH MOB grupo arac:
DIA.....21/08 (quinta).
HORA:.....19:30h(ação) /
pós18:30h(orientação no local).
LOCAL:.....Nas proximidades da estação de
metrô Barra Funda.
ORIENTAÇÃO:...Impressa, será distribuída por uma
pessoa junto a um ponto de ônibus nas proximidades,
onde também será feito o acerto dos relógios.
AÇÃO:.....Com uma moeda na mão, dirigir-se a
um vendedor ambulante, pré-escolhido, e comprar uma
bala, repetindo a frase: -UMA BALA!
.....Em seguida ir para a parte de
trás do grupo.
DISPERSÃO: ...30 segundos após o início (19:30:30),
(Disponibilizado em http://www.flashmob.hpg.ig.com.br
. Acesso em 14/03/2004).
```

A convocação é imperativa. Comandos simples que não tergiversam. Sentido? Bom, aí fica para quem assistiu a "instalação", algo mais próximo da realidade que se evidencia. Para quem fala de longe, resta a suposição ancorada a outras experiências que tratem dessa realidade. Mas esse tom de passagem que o texto ganha para falar das mobilizações instantâneas, não se faz por acaso. Enquanto objeto, o *flash mob* foi mais *flash* do que *mob*, dentro das minhas buscas.

Uma dispersão que, apesar do inusitado e do tom de magia, envolvia a introdução das estranhas cenas em processos

rotineiros do funcionamento do espaço urbano, permitia a instalação de outra onda que construía nova configuração à superfície que revela os modos de subjetivação no espaço da cibercultura.

Não que uma coisa desse lugar à outra, pura e simplesmente. Penso que seja algo como um falar mais forte, um dizer que faz o corpo pulsar mais, querer mais envolvimento com aquilo. Algo que atíça a curiosidade, quando ela não quer chama alta, quer brasa um pouco mais contínua, para cozinhar melhor aquilo que a alimenta. Os *flash mob* permitiram-me pensar e dizer coisas importantes no processo de construção desse texto-tese, como desdobrar algumas vezes as possibilidades teleinfocomputotrônicas que movimentavam essa pesquisa. Mas a percepção dos usos que se faziam e que ainda fazem os editores dos weblogs, sedimentou em mim um campo de práticas e de análise para esse processo de estudo.

Ah, esqueci de apontar no parágrafo anterior o que seria um weblog. Bom, isso está relacionado a algumas sentenças e aqui pontuo três; a primeira, me parece que o termo, tomado em sua abreviação, já se faz bastante conhecido daqueles que utilizam a Internet para qualquer coisa que seja. O segundo é uma mania que tenho de tentar dizer diferente nos espaços institucionalizados, mesmo que essa diferença, constitua-se um lugar comum em outras dimensões. Já a terceira sentença

pode inferir melhor o que busco dizer com a leitura da próxima citação. Senão vejamos:

Um dia eu acordei e percebi que meus amigos tinham um blog. Mas como assim, blog? Sim, aquelas páginas pessoais, de conteúdo geralmente duvidoso, que tanto podem servir para revelar talentos como para saciar a febre verborrágica de tanta gente. Sim, eu morro de preconceito contra blogs. Afinal de contas, quem disse que a sua opinião era tão importante assim a ponto de você decidir publicá-la?

O problema com os blogs é que eles te atacam por todos os lados. É como aquela febre adolescente de ter uma banda. Você compra um violãozinho Tonante de segunda e acha que depois de umas duas aulas vai estar a caminho da fama. Só que com o blog você não precisa nem gastar dinheiro: é só sentar em frente ao computador e ver o reflexo do Lucio Ribeiro na tela.

Por ser altamente pessoal e subjetivo, o blog dá uma sensação de liberdade (fazendo uma pessoa escrever o que não teria coragem de dizer) e de poder (fazendo uma pessoa acreditar que o que escreve é importante) imensa. O que é muito interessante quando você é um jornalista enrustido (como eu), no bom e no mau sentido no termo, ou alguém com uma vontade terrivelmente grande de aparecer.

Ainda não consegui compreender o que leva uma pessoa a expor todos os mínimos detalhes de sua vida pessoal num blog. Não acredito que seja somente por exibicionismo, pois existem muitos reclusos que se abrem por completo, encorajados pela frieza do meio eletrônico, onde você não vê uma reação humana. É uma relação extremamente conflituosa: o sujeito morre de medo que os outros saibam o que ele realmente pensa mas não tem pudores em torcer para que algum desconhecido o encontre através do Google.

Eu consigo me interessar por um blog quando este representa um espaço através do qual alguém se expressa, mas não necessariamente se expõe. Como um blog de um amigo meu, um sujeito tão categórico em seus gostos musicais que sentiu que não era suficiente aplicá-los na sua profissão de DJ e resolveu colocá-los na rede. Certíssimo: nunca é demais dizer para o mundo que Joy Division é bom pra caramba.

O fato é que os blogs estão me cercando por todos os lados e eu ando me sentindo tentada a começar um. Por quê? Nem sei. Talvez eu tenha vontade de pelo menos tentar para não me sentir tão antiquada e tenha escrito este texto para me justificar. De qualquer maneira, quem tiver um blog legal deixe o endereço nos comentários. Se eu resolver começar um, com certeza vou precisar de inspiração¹¹.

¹¹ Artigo intitulado Mania de Blog, postado em 25 de dezembro de 2003, no endereço <http://www.underweb.com.br/artigos.asp?cod=717>, assinado pelo pseudônimo Nina.

Poderia também buscar uma definição mais técnica do que seja um blog, como sugere o glossário de Pollyana Ferrari.

Diários on-line. Criados em 1999, os blogs ganharam adeptos em todo o mundo, sendo o www.blogger.com o principal expoente do movimento weblog, com mais de um milhão de usuários cadastrados. O serviço, oferecido pela Pyra Labs, empresa do Vale do Silício, nos Estados Unidos, foi comprado pelo buscador Google (2004, p. 96)

Assim Ferrari (2004) e Nina (2003) apontam para um fenômeno que faz emergir na cibercultura uma nova forma de registro do cotidiano pessoal. Registros que vão assumir de imediato uma configuração acadêmica de escrita da intimidade (Schittine, 2004) a experimentar uma crise psicológica (Sibilia, 2003).

Quando despertara para tal acontecimento, não o fazia tal como com os *flash mob*, pelo inusitado do propósito. Em 2003 reportava-me para esse estudo da onda blog, muito pela magnitude que ele alcançava para além dos domínios digitais. Seu modo de tomar as pessoas para um movimento muito próximo das experiências cotidianas da cultura não-digital. E não é à toa que Schittine (2004) e Sibilia (2003) vão identificar nesse movimento uma questão que não lhe é exclusiva; a crise que a intimidade contemporânea dispara. O eu quer mostrar a face antes que qualquer coisa nas novidades que intentam nos últimos tempos.

Não tinha conhecimento dos textos citados acima, quando optei por um estudo do teleinfocomputotrônico através da onda blog. Na verdade, naquele momento, não se dispunha de qualquer bibliografia sobre essa questão especificamente. Mas é engraçada a coincidência e cabe registrar que meu incômodo mais aguçado dava-se também nesse particular; na celebração de alguma intimidade num endereço eletrônico exclusivamente produzido para isso, como bem diz o manifesto da blogueira Nina.

Quando, ainda no ano de 2003 percorria blogs na rede mundial de computadores, o que conseguia enxergar era principalmente esse sentido do "meu espaço virtual". Uma dimensão que parecia ser estendida dos espaços domésticos e de seus instrumentos para o ambiente de rede. Algo como o meu quarto, o meu som, os meus cd's, a minha cama, o meu computador e com ele a minha página pessoal: o blog.

Surgia, ainda em 2003, como uma questão epidêmica, principalmente no segmento juvenil. Alerto que não possuo dados estatísticos, além da audição dos espaços por onde circulava. Numa sala de aula, por exemplo, era comum alguém apontar para blogs e fotologs, para fazer relação a algum tema que estivesse em discussão. Também pessoas que saíam em viagem, ao retornarem, pediam aos amigos e conhecidos, que fossem até um endereço eletrônico específico, para verificar

o que ela havia feito, com quem havia estado e por onde tinha andado.

Incrementava esse modo de registro em fotologs, a popularização crescente do consumo de câmeras digitais de fotografias, que dispensam uso de outros aparelhos para enviar as imagens captadas, em forma de arquivo, para o computador pessoal. Daí, resta selecionar e anexar a foto desejada à página pessoal - blog ou fotolog - que se administra.

A dimensão dessa onda blog, que inquietava Nina, a mim e a mais um bocado considerável de gente, assumia pelo menos 39.000.000 de faces mundo afora, e 347.000 aqui no Brasil. Esses foram os números de respostas dadas pelo sítio de busca www.google.com¹², feitos no dia 11 de abril de 2004.

Impressionante também é a instantaneidade com que se obtém essas respostas. Para a primeira consulta, a dos 39 milhões de endereços, o tempo de processamento entre o pedido e a resposta foi de 0.2 segundos, ou analogicamente poderíamos chamar de quinta parte de um segundo. Na consulta da expressão circunscrita às páginas brasileiras, o tempo foi de 0.13 segundos.

¹² Esse é um endereço que faz busca por assuntos a partir de uma palavra-chave pela rede mundial de computadores, a que Nina faz referência em seu breve artigo, onde problematiza o fenômeno blog.

Parece provocação, mas só para pensar melhor essa onda-blog, naquela data, fiz a mesma consulta, agora restrita apenas ao mundo cibernético configurado através do sufixo .br - paginas brasileiras - com a palavra deus e obtive como resposta 698.000 sítios, num tempo de 0.12 segundos. Que esses endereços se embaralham e se repetem nesse tipo de procedimento, não se pode negar. Mas, se da forma mais simplória, articularmos as duas buscas, restritas aos endereços nacionais, penso ser possível dimensionar a importância que os usuários da rede mundial de computadores têm dado ao blog. Tanto que já há algum tempo a expressão blogosfera circula nesse mundo de páginas pessoais com alguma desenvoltura.

Como diz Nina, "o problema dos blogs é que eles te atacam de todos os lados" e quase sufocam aqueles que resistem à idéia de possuir uma página eletrônica, na maioria dos casos, voltada para tematizar a própria existência. A onda blog entendida como um dispositivo, à moda foucaultiana, que agrega ao seu conjunto discursivo, tanto aquilo que fala, como o que cala, tanto o que mostra, como o que tergiversa, tanto o que brilha, como aquilo que faz sombra, enfim o dispositivo blog, essa força teleinfocomputotrônica diria nas palavras de Foucault de

(...) um conjunto que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares,

leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (1993, p. 244).

Dispositivo enquanto uma rede, blog que se faz em rede, acho que esse arranjo não se contrói por acaso ou mesmo necessita de muita argumentação para permitir algum sentido. Apesar disso, há muito por dizer da construção e dos usos que se fazem dos blogs no ciberespaço. E esse dizer que articula os sentidos postos a aquilo que lhe possibilitou vida é que me leva a chamar essa experiência, enquanto conjunto das forças que a efetua, de dispositivo.

É como se estivesse a desdobrar o que de teleinfocomputotrônico se distribui nessa onda blog. O que iria além das marcações egóicas nas possibilidades de experimentar-se na rede mundial de computadores e ao mesmo tempo deixar o registro dessa experiência, a quem por ela viesse a se interessar, mesmo que por um tropeço digital. Assim como vim a encontrar com o desabafo da blogueira Nina.

Escrevi blog num endereço de busca e depois sai clicando ou tropeçando pelos milhares de endereços encontrados. Essa caracterização de leitura é tomada no ambiente de rede como hipertextual, que corresponderia a

Uma forma não-linear de apresentar e consultar informações. Um hipertexto vincula as informações contidas em seus documentos (ou hiperdocumentos, como preferem alguns) criando uma rede de associações complexas através de hyperlinks ou, mais simplesmente, links (LÉVY, 2003, p. 254).

O hipertexto é a condição para a experiência da cibercultura, pois ele é quem permite a navegação interativa na rede mundial de computadores (Lévy, 2001), através de suportes informáticos. Um computador plugado à Internet em qualquer endereço que se apresenta, quem está de posse do mouse, inicia a sua navegação sem que haja um protocolo diretivo.

Por exemplo, num endereço de busca se eu digito a expressão blog e obtenho milhares de respostas, não há a determinação de visitar os endereços obedecendo à ordem de aparecimento. Posso clicar com o mouse sobre qualquer um daqueles endereços ou *links* que me foram apresentados e, de lá, continuar minha leitura, sem a necessidade de me remeter à página de entrada ou a de busca. Essa característica do ambiente de rede concebeu o termo hipertexto e a possibilidade de interatividade, e com ela a cibercultura.

Adiante retomo a questão do hipertexto, mas antes cabe o registro, que o hipertexto para Lévy (2001) consagra a força que permitiria o pensamento na era da informática. É como se a cognição humana pudesse vir a ser hiperdimensionada através do uso e da partilha do que se produz na rede mundial de

computadores.

Então, assim como achei a blogueira Nina, poderia ter achado outras pessoas, outras histórias e, enfim, poderia ter produzido outras configurações. Assim, pareceu-me que, apesar do bloguismo voltar-se para a edificação de um eu, esse se faz tão somente através dessas passagens que a leitura hipertextual permite.

Caracterizava-se assim não apenas um ser numa página estanque. Compreendia que espaços ao ganharem um registro digital para dizer das intimidades, eram flutuantes, territórios de limites flexíveis ao olhar alheio, ao olhar do outro. Imaginei então que a questão que me inquietava passava pela figura desse outro que, apesar de pouco interpelado, era o sentido de ser daquelas experiências na blogosfera. Essa generalização não se quer objetiva. É mais uma tentativa de configurar um campo onde alguma análise venha a ser produzida.

Melhor dizendo, seria uma hipótese, não a ser confirmada objetivamente em alguma passagem desse texto-tese, mas um recurso de que me valia para pensar a questão da blogosfera e do teleinfocomputotrônico, além de uma extensão que exacerba a individualidade e seu exibicionismo, nos espaços da vida.

Assim inventei um espaço de análise, como uma outra

circunstância para que o estudo se desse. Blogs, todos, são invenções de alguma vontade e/ou necessidade. A minha necessidade era ter um espaço mais próximo, em que pudesse intervir e encaminhar questões e que esse pudesse vir a ser um ponto para conversa que vai e que vem, e não um ponto para dizer de mim e querer que os outros também me falem disso. A vontade era de experimentar e quem sabe assim, poder dizer melhor disso sobre o que me debruçava.

Criei assim o campo para meu estudo, no caso um blog que na rede mundial de computadores é encontrado no endereço <http://zeoutro.zip.net> . Iniciava, num misto de necessidade e vontade, um percurso fundamental para realizar um debate sobre a cibercultura. Um blog que carrega o nome de Zé, o outro, muito em função dessa questão, já colocada, de pensar os processos de subjetivação além da imagem do eu edificado.

Zé é um nome comum a milhares de homens no Brasil. Zé que é quase o mesmo que dizer fulano, alguém, ninguém, um Zé. Era esse o Zé que movimentava a vontade desse batismo. O Outro era o seu complemento diferencial; um fulano outro, um alguém outro e mesmo, por mais paradoxal que pareça, um ninguém outro. Tinha assim um endereço e mais que isso, um personagem para fluir na blogosfera.

Adiante essa experiência vai ser detalhadamente tratada,

antes como imperativo metodológico, é preciso circunstanciar esse campo que inventei em relação à cibercultura ou mesmo aos modos de produção da realidade imediata. Academicamente como apontaria para esse blog, os seus espaços de convergências de assuntos ou mesmo da minha passagem por ele, ou melhor, a passagem do Zé e dos outros que viessem a lhe acessa-lo?

Essa questão necessitava de encaminhamentos que viessem a balizar a dimensão empírica da pesquisa. Que lugar descreveria a experiência de um blog? Que lugar é esse?

Foi que percorrendo estantes numa livraria fixei um livrinho fininho e de capa branca, onde estava grafado em maior destaque a expressão "NÃO-LUGARES". Aproximei-me e pude ver o nome do autor: Marc Augé, acima desse título destacado.

Pensei; "nunca vi mais gordo". Abaixo do título uma frase que me levou a comprá-lo: "Introdução a uma antropologia da supermodernidade". Alguma possibilidade etnográfica encontraria ali, suspeitei. E de posse do livro e isso é algo que acho muito engraçado, fui atrás das referências. Não as que se encontram citadas na obra, mas aquelas que me indicariam uma espécie de ficha corrida. Quem leu, quem conhece, essas coisas.

Lemos e discutimos o livro, eu e a Deise - professora-

orientadora desse projeto - e concluimos que o "não-lugar" era um lugar para pousar a experiência blogueira. Era preciso saber se poderia tomar os blogs como não-lugares. Achei muito interessante essa questão, pois esse lugar do não-lugar requeria outros entendimentos para a sua circunstância. Ou seja, poderia entender o blog como um dispositivo e um não-lugar ao mesmo tempo?

Os não-lugares de Augé (2003) permitem uma experiência espaço-temporal diferenciada em relação ao ambiente da modernidade. Augé (2003) afirma, ao longo do seu texto, que na supermodernidade estaria a marcar na contemporaneidade, uma nova experiência entre espaço e tempo. A supermodernidade não apontaria para lugares antropológicos onde caberia o funcionamento do social enquanto um organismo. Seria antes um sentido que marca uma espécie de "tensão solitária" para as existências ao percorrerem esses não-lugares.

Augé diz que a supermodernidade é um estado que

(...) impõe às consciências individuais, novíssimas experiências e vivências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e à proliferação de não lugares (2003, p. 86)

O que ele busca configurar para que se permita essa experiência dos não-lugares é o estado de superabundância

daquilo que se pode experimentar. Diz dos excessos, e o dispositivo em Foucault é remetido a uma lógica semelhante, quando desqualifica o resguardo e o limite para a configuração dos sentidos.

Augé assim vai enxergar a superabundância de informações, de espaço e por fim vislumbrar um excesso de ego, de produções individuais. Diz que "o indivíduo quer um mundo para ser um mundo. (...) para (sic) interpretar por e para si mesmo as informações que lhe são entregues" (2003, p. 38).

Cabe ressaltar que a primeira edição francesa de "Não-lugares", data de 1992, época em que se incrementava o conceito de globalização para a vida cotidiana, mas esse era um momento em que a plausibilidade teleinfocomputotrônica ainda engatinhava nos processos do uso que hoje se percebe facilmente nas rotinas sociais. A Internet ainda não dera seu estouro, nem mesmo nos países ditos de primeiro mundo. Recordo que em 1992 iniciava-se o deslumbre social como o incremento da tecnologia de telefonia móvel.

Tecnologia que já permite a subtração espacial no sentido da localização geográfica precisa. Tecnologia que era vendida em projetos publicitários com ênfase na liberdade que se oportuniza para o seu usuário. Ainda hoje, há a idéia de ausência de fronteiras para quem é cliente da empresa que

vende esse serviço de telefonia móvel.

Pegando esse gancho da ausência de fronteiras, retorno à discussão dos não-lugares. Para Augé, esses deveriam ser entendidos como um espaço que não pode ser definido nem numa dimensão identitária, nem na relacional e nem na histórica. Pensa, sobre isso, que

(...) o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente. Mas (grifo meu) os não-lugares são a medida da época (AUGÉ, 2003, p. 74).

O autor quer com isso qualificar o contemporâneo a partir de uma discussão sobre passagens e itinerários que não mais podem ser assentados a um sentido inscrito e simbolizado, que marcava a significância do lugar antropológico. Quer, me parece, remeter a questão do reconhecimento a uma circunstância, ao invés de alguma perenidade. Que nos usos dos transportes, nos momentos de trânsito, nas experiências comerciais e de lazer, os indivíduos estariam a constituir uma experiência que não mais permitiria dizer deles, na ausência dessas experiências, como se realidades postas em campos separados em outros tempos estivessem agora a carecer de complementaridade para realizar algo.

Um espaço de não-lugares em processo de ampliação,

configurado em abundâncias de informação, de localizações provisórias e de edificação de egos que se voltam para si. Espaço que torna a experiência da solidão comum aos seus freqüentadores, pois habitam um tempo em que são instados a alguma identificação, apenas nos processos de entrada e de saída e não nos momentos de trânsito nesse espaço. Ou seja, a passagem por um não-lugar seria identificada apenas quando nele se chega e quando dele se sai.

Um supermercado pode ser tomado como um não-lugar para Augé (2003) e nele se configura com facilidade essa evidência. Busca-se saber como se chega no que tange a posse de bolsas, mochilas e sacolas, que em geral encaminham suspeições de potenciais furtos. No momento da saída, após as compras, aquilo que foi resgatado das prateleiras é verificado e quantificado. Nesse momento, nova identificação do consumidor, enquanto freguês. Se o pagamento for em cheque ou cartão de crédito ou débito, dupla identificação. Entretanto, essa se esvai após a sua saída do estabelecimento.

Assim, entrada e saída marcam o processo de identificação dos indivíduos nos não-lugares de Augé e para ele, esse procedimento denotaria um paradoxo nessa lógica. Quando discute a questão do estrangeiro, diz que esse, numa condição de grande estranhamento a um espaço, mesmo num mundo sem fronteiras, vai se reconhecer naquilo, que de comum se

distribuí pela face do planeta; os não-lugares. Esse estrangeiro se perceberia "no anonimato das auto-estradas, dos postos de gasolina, das lojas de departamento ou das cadeias de hotéis" (AUGÉ, 2003, p. 98).

É quando o indivíduo, mesmo em culturas as mais distintas se percebe de alguma maneira em casa, se reconhece como alguém que já experimentou ou está acostumado à experiência dos tais não-lugares. Aqui estico um pouco a corda na pretensão de pensar esses espaços supermodernos em ambientes aos quais, a leitura das linhas do Augé (2003) não faz uma referência direta.

Procedo a um esticamento, a uma interpretação que estende cada vez mais, pelo caráter excessivo de sentido, a pensar o ambiente doméstico como uma experiência provável de não-lugar. Por certo essa não pode ser uma discussão que permita generalizações em relação a esse espaço, que de muitos modos ainda faz referência a experiência familiar no contemporâneo.

Aqui, a sugestão seria imaginar uma vida doméstica mais desligada do convívio familiar, onde muita gente habita o mesmo espaço. Diria mais de quem mora sozinho, ou mesmo divide apartamento em grandes cidades e pela correria dos dias, não mantém uma relação mais estreita com esse ambiente. Toma-o até de maneira racional como um lugar de trânsito e

assim sendo, a posse da chave da porta principal, se constitui como uma espécie de senha, que identifica e permite o uso, inviabilizando a entrada e estada de quem não a possui.

Quando sai de casa, ao trancar a porta, nova identificação e a condição de interdição estabelecida para esse espaço, aos que não possuem a chave, que se faz senha.

Faço essa extensão do conceito, pois ao tomar os blogs como experiência de passagem por não-lugares, não posso me furtar em entender que os terminais de computadores que se destinam a esse uso, na grande maioria das vezes se encontram nesse ambiente de caracterização doméstica. Essa disposição de estar em casa e ao mesmo tempo navegar por imagens e sons mundo afora em ambientes da Internet, torna o espaço onde se encontra a pessoa que navega e o microcomputador, um não-lugar, posto que o próprio estado de navegação já estaria a afirmar essa condição.

É mais ou menos aquele dito popular do corpo presente, que não necessariamente indica a presença do ser, da consciência do que se passa em volta desse corpo. Essa sensação sustenta a lógica dos não-lugares. Ela permite acelerações contínuas referentes a uma experiência de caráter imediato, instada do cotidiano freqüente. Incorpora ao seu estado uma busca de si,

sem mesmo jamais se ter a convicção de se ter estado perdido.

O uso da Internet para passeios na realidade virtual parece indicar uma experiência aproximada. A condição do hipertexto sustenta os movimentos dessa circunstância a ser verificada quando pequenas cristalizações se estabelecem, e passam a funcionar durante algum tempo em torno de um eixo específico. Esse eixo, nesse trabalho, pode ser entendido como um blog, onde a circulação se faz por entradas e saídas, tomadas por passagens, mas o endereço guarda algumas possibilidades de semelhanças, mesmo que pela lembrança da última passagem.

Veio-me uma imagem da linha e do carretel. A linha que tece, a linha como força que por algum motivo se enreda a um eixo; o carretel. Escolhendo a esmo um ponto específico da sua superfície cilíndrica a linha começa a marcar suas voltas por passagens, como se sua circulação configurasse entradas e saídas na arte de sobrepor-se no envolvimento do carretel.

Linha de memória curta que objetiva suas extremidades muito mais que aquilo que se faz em seu uso. Assim percorre o carretel sem consciência da sua própria extensão e faz de si e do carretel um outro sentido, enquanto lhe couber por certo. Ao fim do carretel volta-se para novas tessituras, sem saber bem o que deixou, além de um volume, pois suas passagens pelo carretel encobriam as lembranças das primeiras

voltas. Seu próprio trabalho. Um rastro mal definido.

Assim, esse eixo-blog, posto no ciberespaço e ancorado a um provedor de endereços eletrônicos, penso-o que sendo um não-lugar, que permite ou suporta essa lógica de uso para as linhas-existenciais. Aqueles que se querem num blog fazem esse tipo de uso, enquanto usam. Adianto essa consideração em relação ao campo de investigação que ainda sequer descrevi, no caso o blog <http://zeooutro.zip.net>, pois coisas que pensei fazendo-o e outras que pensei lendo autores como Augé, me levam a essa imagem, rabiscada há pouco. Uso a expressão rabisco por entender que a produção dos romances ganharão melhor visibilidade adiante, na descrição do campo e daquilo que foi possível dizer sobre ele.

Essa é uma imagem, que emerge já nas primeiras linhas desse texto-tese; como fios e meadas. Como nas primeiras linhas aparece também a referência ao filósofo Nietzsche e ao aforismo de que a busca humana por conhecimento, em referência ao próprio umbigo, jamais atravessaria os seus limites.

Voltei assim ao fio e agora ao Nietzsche, pois o havia elegido como um parceiro de viagem. Aquele que seria lembrado nos momentos em que a fraqueza se quer verdade e para que a apresentação do campo de empiria não se faça um limite além

do que pode ser, recorro a esse amigo de imaginação, de filosofia.

Amigo que alertava para que em situação de estranheza, havia ainda mais a possibilidade de gozo e de vida. Alertava que

Aquele que fala pouco uma língua estrangeira tem mais prazer nisso do que aquele que a fala bem. O prazer está com os meio-sabedores (NIETZSCHE, 2000, p. 278).

Esse é meu sentimento de entrada, tanto quando criei o blog, como quando hoje busco apresentá-lo e sobre ele considerar situações, relacionar desejos e necessidades que lhe percorreram como linhas também meio-sabedoras. O eixo-blog como uma cidade que parece não ter fim, até que acabe. Como saber?

Poderia também tomar emprestadas as vestes costuradas por Lemos (2001) ao ressuscitar Baudelaire no contemporâneo supermoderno, na época dos excessos, para percorrer, enquanto houver eletricidade e conexão, as ilimitadas ruas do ciberespaço.

Lemos (2001) apresenta uma possibilidade de tomar aqueles usuários que navegam pela rede mundial de computadores de maneira descompromissada, mas com observação em dia, na forma de ciber-flâneur. Diz que esses estariam no ato de percorrer

páginas sucessivas, a produzir a realidade do ciberespaço, pois carregam consigo apropriações de observações feitas para o espaço seguinte.

A partir desses gestos (andar ou clicar), estaríamos deixando marcas próprias e não é à-toa que somos 'caçados' pelas impressões eletrônicas que deixamos na Rede. Longe de uma simples consumação passiva dos espaços (urbano ou ciber), estaríamos diante de processos de sedução, de desvio e da apropriação (De Certeau, 1996) que impregnam esses mesmos espaços de sentido, já que vividos como experiência (LEMOS, 2001, p. 47).

Importante apontar que as impressões eletrônicas dizem da linguagem tecnológica, de caráter binário, que permite a configuração das páginas, como são percebidas nos terminais de computadores conectados à Internet. Uma outra coisa é o sentido que se produz na produção dos hipertextos. Esse não habita a máquina ou o sentido binário que lhe permite existência, mas escapa à própria rede mundial de computadores.

Bom, mas seja com Augé, seja com Foucault, com Nietzsche ou Lemos, pensar o que me proponho, conta em muito a experiência, aquilo que se quis e o que se conseguiu fazer. Contam as passagens, os ditos e os não-ditos que se revelam em silêncios e sombras. Conta a conectividade pulsante de se achar ainda e sempre um meio-sabedor que necessita andar/clicar e, nesse ato, produzir aquilo que nem mesmo ele

desconfiava. Ou como se costuma apontar: é a vida.

4 Um campo, alguma experiência e vários desdobramentos

Dia 26 de maio de 2004, às 11h56, postei minha primeira mensagem no blog Zé, o outro, página pessoal que construí, vinculada ao provedor Universo On Line (UOL). Como cliente dessa empresa, me foram facultadas duas formas de inscrição na blogosfera, com as terminações *.uol.com.br* e *.zip.net*. Escolhi a segunda e acertava assim o encontro com a cibercultura e a produção de blogs no endereço <http://zeooutro.zip.net>¹³.

Já a última mensagem postada, no recorte feito para essa análise, se deu em 12 de julho de 2005, às 9h40. Em comum com a primeira, a assinatura que todos os *posts* levam ao final da mensagem; "escrito por Zé". Mas nem todas os textos publicados no blog carregam essa marca. Outras pessoas e personagens transitaram e fizeram desse espaço algo diferenciado. O Zé, o outro, foi uma espécie de platô, que fazia fluir os sentidos que lhe atravessavam. Tanto que, ao longo dos meses, foi abduzido da figura que escreve, para dar nome, tão somente, a uma vontade de conversa.

¹³ A publicação textual e linear do blog Zé, o outro, encontra seu texto integral em apêndice a essa tese. Para efeito de referência em citações do blog, usarei o recurso do endereço eletrônico e também da numeração que o blog ganhou ao ser impresso.

Uma tentativa de experimentar alguma democracia no ciberespaço, mais aproximada daquilo que supõe o senso comum sobre espaço público e cidadania. É que esse mundo infinito de possibilidades cibernéticas atende por comandos indicativos. É um suporte afirmativo para não dizer ditatorial. A circulação pelos espaços institucionais na blogosfera muitas vezes pode estar referida a um consentimento daquele que detém os comandos de uso.

Assim, a comunicação em mão dupla, termo que designa o entendimento por fala e escuta recíproca, pode não acontecer. A própria confecção desse tipo de espaço, pode vir a ser mais restrita ou mais aberta aos que vierem a freqüentar o endereço eletrônico.

Caso fosse criar um blog vinculado ao UOL, os procedimentos básicos para um cliente da empresa seriam os encaminhamentos que se seguem. Após a conexão, que pode se dar com solicitação de senha ou não, abre-se uma página de entrada do provedor UOL. Nela há uma grande variedade de hiperlinks, que podem encaminhá-lo para leituras e interações diversas. Há uma coluna à esquerda da página, onde se percebe uma organização mais sistematizada de alguns assuntos, entre eles está o hiperlink para "BLOG/FOTOLOG".

Ao clicar esse ícone e ser encaminhado para essa página, uma

nova configuração de hiperlinks se mostra. Dessa vez, todos de alguma forma se voltam para o tema blog. Se o cadastrado já participa de algum, aparece um link para que ele vá até a página de edição do blog. Se não, a página o convida a conhecer a blogosfera através da visão do provedor UOL e criar um blog para si. Algo que, para realizar a apresentação e análise desse texto-tese, vou percorrer novamente, como uma espécie de sugestão do que fora a criação do blog Zé, o outro.

Com o endereço eletrônico (e-mail) na ponta dos dedos, indico que quero criar um blog. Uma página aparece com quatro procedimentos a serem tomados; o primeiro diz sobre o título, a descrição e o acesso ao blog; o segundo fala da necessidade de configurar um endereço para a publicação; o terceiro da escolha do modelo do blog, com que cara ele vai aparecer nas telas dos computadores a ele conectados e, por fim, o quarto procedimento que requer a conclusão do cadastro.

Sobre a primeira opção há um espaço para dar um título ao blog e esse que crio agora irá ser chamado por *Era uma vez uma tese*. Esse título encabeçará o aparecimento do blog na tela dos terminais de computadores, quando ele for acessado doravante. Em seguida é solicitado um nome para constar na autoria dos textos que serão postados. Como uma homenagem ao Zé, o outro, vou batizar esse autor preferencial de Zé Tece

Tese. Depois é solicitada uma descrição que resuma os interesses do blog, para o qual escrevo o seguinte texto: uma experiência para doutoramento.

Por fim, uma decisão muito importante. Tenho que apontar se o blog em questão vai ser de acesso livre ou se terá algum tipo de restrição para ver o que estiver escrito lá.

Assim como na confecção do <http://zeooutro.zip.net>, o *Era uma vez uma tese* também será de livre acesso aos interessados ou a quem tropeçar por lá. É importante ressaltar que o sigilo que pode ser subtraído, encaminha uma decisão de querer ser visto, de buscar alguma forma de comunicação na blogosfera.

Essa questão é importante porque ela dimensiona o uso para além do registro e do segredo, que caracterizavam preliminarmente decisões de criar e manter um diário pessoal em outras épocas. O que nos indica que, se a intimidade hoje pode estar em questão na blogosfera, trata-se de uma outra intimidade.

Adiante, cliço o ícone onde está escrito **Próxima** e aparece uma página com as possibilidades de endereço eletrônico. Como sou assinante do UOL, posso usar a terminação *uol.com.br* ou *zip.net*. Escolho a terminação *uol.com.br* para esse blog e sou informado que para ele, posso usar também a terminação *.zip.net*. Assim o endereço de entrada pode vir a ser tanto o

<http://eraumavezumatese.uol.com.br> como também
<http://eraumavezumatese.zip.net>.

Sigo adiante nos encaminhamentos necessários à construção de um blog através do UOL, quando me são fornecidos modelos para a página que produzo. É como se fosse uma construção com pré-moldados. Páginas prontas, que serão distinguidas pelo endereço e o que nelas vier a ser publicado. Uma casa num conjunto habitacional de periferia das grandes metrópoles brasileiras, onde o uso e o gosto dos donos fazem alguma diferença num ambiente de repetição dos espaços. Assim pensando, escolho o modelo *cyber*. Já a página que deu vida ao Zé, o outro, o modelo escolhido fora *cidade*.

Sigo adiante e recebo parabéns pela tela do computador, bem como o meu endereço com o link **blogar** em destaque. No ar paira um mistura de vontade de publicação com um receio do que publicar. Na verdade, busco fazer referência a minha primeira experiência de blogueiro, pois a iniciação se deu com o Zé, o outro.

Agora o verbo tergiversa menos em mim. É um infinitivo - *blogar* - que indica a possibilidade de comunicação na blogosfera. É um endereço; <http://eraumavezumatese.zip.net> que se estabelece como mais uma interface ao mundo da rede mundial de computadores, que está em construção para

desdobrar nesse texto-tese o movimento de fundar um blog, as passagens pelas quais, o potencial blogueiro, atravessa, se o seu provedor escolhido for o UOL.

Apesar dessas questões, clico **blogar** e posso tanto escrever para o mundo, como também configurar melhor o espaço recém criado. Através do link **configurações**, deparo-me com maneiras de incrementar e acessar o blog. Ferramentas para editá-lo, para administrar os comentários que ele pode vir a receber, para dizer do humor do blog, descrever perfil do autor, requerer avaliação dos visitantes, etc.

Há também a possibilidade de transformar o blog em um espaço comunitário, através do convite e do cadastramento dos convidados junto ao UOL, para que esses possam passar a escrever na página de entrada do blog. Entretanto, no momento, não há quem convidar. Eu, mesmo, sinto-me um estranho em relação a esse espaço, ante o caráter didático que ele acabou assumindo.

Mas sua existência é imanente a esse processo de tecer uma tese e apesar de já estar minimamente configurado, sua visualização é possível apenas a partir da primeira publicação. O que vou fazer concomitantemente à escrita dessas linhas.

Como toda história, essa parece ter um começo. Agora entretanto não lembro bem.

Escrito por Zé Tece Tese às 16h18

[\[\(0\) Comente\]](#) [\[envie esta mensagem\]](#) ¹⁴

O Era uma vez uma tese agora pode ser visto e comentado por quem por ali passar. Escreve na página principal apenas quem possui o e-mail e a senha, que funcionam como passaporte para essa atividade. Resolvi que ele deve viver, se assim for possível chamar, até uma semana após a defesa desse projeto. Depois disso, agora eu não sei. Também não devo ficar a conjecturar aqui sobre o Era uma vez uma tese, já que meu assunto é outro, ou melhor é o Zé, o outro. A ele volto a me reportar.

Alguma conversação (Deleuze, 1992) é o que busco agora, para dizer desse espaço algo que o qualifique como um vetor, que se configura enquanto um dispositivo (Foucault, 1993). Dispositivo, que mesmo ante a multiplicidade de questões que articula em seu espaço, não pretende ser tomado como um lugar (Augé, 2003). Sendas para muitas linhas, segmentos do viver e do vivido. Uma referência, entretanto, se faz fundamental para esse percurso e traz com ela o motor daquilo que tomei por vontade. Em apêndice a essa tese, está a publicação de tudo que foi postado no blog <http://zeooutro.zip.net> .

¹⁴ Disponível em <http://eraumavezumatese.zip.net/> , acesso em 8 de agosto de 2005.

Um conjunto de aproximadamente 200 páginas, que em sua edição, permitiu a redução do tamanho das imagens e do corpo de alguns textos. Mas, que, apesar disso, contempla os percursos construídos. Ressalvo, entretanto, que a leitura linear do blog impresso deve considerar que ele foi produzido numa realidade hipertextual.

Os *posts* foram cronologicamente produzidos, mas os comentários de cada *post*, não. Eles não necessariamente organizam um entendimento numa cronologia, mas antes numa dialogia que se volta para o presente daquele que comenta. Uma situação em que o tempo é pontuado numa experiência que o cronológico não explicitaria apenas a sua feição. A linearidade se perde diante da possibilidade de alguma autonomia daquele que percorre endereços numa construção aleatória. A seqüência temporal vê ser subtraída de si, o seu rigor matemático.

Por isso, nas discussões que pretendo desdobrar aqui, a indicação para compreensão do que penso, se fará pela data de postagem na página principal e não nas referências aos comentários. Isso para indicar para aquilo que ele faz referência.

Ainda nesse momento quando apresento o campo, onde o objeto produzido e agora em análise evoluiu, digo, bailou ao sabor

daquilo que ali foi registrado e discutido, penso que seja esse também o momento de dispor o desmembramento que faço nele, para proceder entendimentos e construir questões.

É que o blog Zé, o outro viveu dois momentos marcantes no que tange a minha participação. O primeiro quando me revesti de um personagem reconhecido por Zé; que nasceu praticamente no momento da confecção do espaço em questão. Um personagem a que fui agregando características, que não necessariamente correspondem a minha maneira de lidar com aquilo que me relaciono. Assim, de algum modo, o Zé era também um meu desconhecido no início da vida do blog.

Entretanto, sempre foi uma questão o tempo em que o Zé, o outro deveria atuar naquele espaço. Isso me levava a supor a necessidade de mantê-lo vivo por pelo menos três meses. Tempo que imaginava suficiente para realizar uma análise sobre a produção de subjetividade num ambiente da Rede Mundial de Computadores. Mesmo assim, não havia de início a convicção de que se chegaria a esse tempo.

Fiz-me Zé para ver no que poderia dar. De início e por algum tempo, fui Zé de maneira muito animada e tolerante, até não conseguir mais sê-lo. Daí; assumi o meu nome de nascimento; Kleber Jean Matos Lopes¹⁵ e propus a quem era freqüentador do

¹⁵ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 117.

blog um outro tipo de relação, que seria caracterizada pela transformação do blog individual num blog comunitário. Marcava esse momento a minha impossibilidade de continuar a viver o personagem Zé por ali, como também a busca de uma experiência coletiva de manutenção do espaço.

Por isso, analisarei esses dois desdobramentos de maneira distinta. É que entendo que as forças que os mantiveram, circunstanciavam agenciamentos muito diferenciados e dessa maneira, penso, posso estar contribuindo mais para o fomento de pensar a cibercultura no contemporâneo.

É um recorte metodológico para o campo e em momento algum se remete apenas ao umbigo de quem provê o espaço. Ao contrário, esse fracionamento diz da experiência de cortar o umbigo do que se toma por blog. Diz de um momento quando uma pessoa escrevia e pedia conversas nos comentários, sendo transformado em um momento quando algumas pessoas vão dispor suas percepções na página de entrada e também no espaço destinado aos comentários.

Há ainda um terceiro fracionamento que é fruto dos dois movimentos já apresentados e diz da retomada do espaço Zé, o outro após o desligamento da sua produção. Nesse terceiro desdobramento, teço considerações mais gerais sobre a experiência, o que me levou a voltar a falar ali novamente. A

dinâmica vida dos blogs, mesmo aqueles que são construídos e imediatamente deixados de lado, como aqueles que são alimentados diuturnamente, permitem radicalizações sem que sustos maiores sejam produzidos. O começar de novo é suavizado, pois de algum modo, circula entre esses espaços da supermodernidade a percepção do não pertencimento, por serem lugares de passagem (AUGÉ, 2003).

É desse modo então que vamos agora ao campo, que na blogosfera não iria além de alguma experiência, despretensiosa talvez, mas de vários desdobramento para a vida. A eles então.

5 As tentativas do outro e as tratativas do eu

A chegada a um mundo novo, distinto do seu e jamais experimentado, pode levar um eu qualquer a se imaginar um outro, diferente daquele que fora, para vivenciar os dias e as relações que se avizinham. Um amanhã que pode ficar distante, tamanha a curiosidade com aquilo que se pode vir a ser. Realidade tão ímpar que a condição de suspeitar, diluiu-se numa amplitude imponderável de sentidos. Tudo muito novo. Inusitados que podem estabelecer sentidos até então inimagináveis. Tudo muito novo, quase tudo muito possível, mas não se consegue visualizar algo de preciso, quando quase tudo é possível.

Apesar disso, esse parágrafo anterior era produto da minha imaginação, quando me sentei em frente ao computador para escrever a primeira mensagem do blog Zé, o outro, às 11h56 do dia 26 de maio de 2004.

Disse:

Aqui e vivo

Sou Zé, o outro. Isso porque nasci para ser outro e por ser outro, nada me consequencia. Posso tudo dizer, sem saber se esse dito, diz de mim ou diz de você. Isso por ser o outro apenas, nada mais. Falar da vida e saber das relações nesse mundo que chego, a blogosfera é meu interesse. Mas não é só isso. Como aqui, me disseram, as pessoas não têm muito tempo para ler, fico nessas aqui e nos dias seguintes, vou

espalhando o que possa ser um outro por aqui, se lá, nas ruas da cidade de concreto, ser outro é coisa rara¹⁶.

Foi uma chegada rápida. Havia, como no blog Era uma vez uma tese, a vontade de ver a página viva, com qualquer inscrição que fosse. Entretanto, o propósito do projeto de pesquisa fez com que me encaminhasse distintamente. Era um momento para decisões importantes, que de alguma forma estavam sendo tomadas em ambiente turvo. Era meu primeiro blog e a pesquisa a que me propunha não permitia, naquele momento, novos desvios. O tempo urge nos processos de fabricação de dissertações e teses no Brasil.

Tateava pelas ferramentas disponíveis pelo provedor UOL, para a edição e manutenção do blog. Encontrava uma linguagem distante dos meus usos para comunicação cotidiana. Havia a necessidade de aprender novos sentidos, para de alguma forma incrementar aquele espaço. Refiro-me ao uso de fontes, tamanho do corpo da letra, cores e importação de imagens; coisa que demorei um pouco a fazer.

Já a fonte ou tipo da letra usada, na terceira mensagem postada, saía do padrão Arial, tamanho 8,5, para o Arial tamanho 12. Isso permitia uma melhor visualização do escrito, mas também uma face mais interessante, disposta à apreciação

¹⁶ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 1.

sem requerer um esforço visual maior, de quem visitasse aquele endereço eletrônico.

Menos de duas horas haviam se passado e já estava a aparecer, de novo, no Zé, o outro. Suspeitava já ter sido encontrado por algum cibernauta ermo. Nada. Quase 40 minutos mais tarde, nova postagem, agora voltada para movimentos de divulgação de blogs no UOL, em categorias por ele construídas.

Havia uma ansiedade em ser visto logo e enxerguei ali uma possibilidade de ser encontrado. Novo cadastro, mas o fazia animado. Um cadastro que situaria o blog naquilo que supostamente é tomado como referências para encontros e conversas virtuais. Resolvi por isso, reproduzir as preferências entre as categorias assinaladas no próprio blog. Uma afirmação desnecessária, já que tinha o propósito de ser encontrado apenas. Mas ali não falava o Zé, o outro. Acho que o estudante-pesquisador quis o registro, para circunstanciá-lo agora.

Blogando

Tava me inteirando do que seja blogar e fui informado que posso configurar-me para ser melhor visto. Uma espécie de quem sou, que vai para o mundo das buscas no ciberespaço. Pena que o UOL só me permite 10 possibilidades de marcação nas categorias de busca que apresenta. Assim quem for procurar em CORPO E SAÚDE, vai me encontrar na questão da saúde mental; em DIVERSÃO E ARTE estou interessado em livros e televisão; em EDUCAÇÃO E PESQUISA na categoria teses; em ESPORTES no futebol; em FILOSOFIA pensando na ética (será possível?); EMPREGO E CARREIRAS fui de professor (podia ter estudante!); MUNDO DIGITAL, Internet; POLÍTICA que coisa, marquei anarquia pra saber qual é;

e por fim em SOCIEDADE, finquei o X em blog. Tudo muito estranho. Realmente um outro planeta. Deixei de marcar, pelas regras desse jogo opções nas categorias CRIANÇAS; ECONOMIA; ESTADOS, PAÍSES E REGIÕES; GERAL (?); JOGOS (não tinha a opção Vida); RELIGIÃO; SEXO (como?); SHOPPING (podia ser compras ou mercado); VEÍCULOS E VIAGEM. É isso. Talvez agora fique fácil um outro aparecer aqui¹⁷.

Assim, a divulgação do blog no cadastro do UOLBLOG, uma interface do provedor UOL, atendia a dois apelos meus: ser percebido e já estabelecer referências para quem viesse a se deparar com esse recado. Era também uma contradição, ter sido o blog construído para o desenvolvimento de um personagem e a postagem anterior, foi produto de escolhas minhas, onde o personagem Zé, não teve oportunidade de ser outro.

A ansiedade era minha e ela estava a alimentar a feição do Zé. Por outro lado, quanto mais cedo o Zé fosse encontrado, mais possibilidades de não ser um personagem com texto previamente definido, poderia vir a ter. Não cheguei a pensar sobre isso naquele momento, pois meu corpo é que ganhava as marcas da ansiedade pela chegada de alguém.

Algum encontro, ser percebido, ser visto e comentado, percorria o sentido das primeiras horas de blogueiro. Busquei então visitar outros blogs e divulgar o Zé, o outro, por lá. Retornei ao UOLBLOG e numa listagem de blogs famosos e importantes, deparei-me com o blog pertencente ao jornalista

¹⁷ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 1.

e multimídia Marcelo Tas¹⁸.

Na época o blog dele era muito visitado e suas postagens geravam centenas de comentários. Há tempos deixei de visitá-lo, mas foi por ele, que o Zé iniciou seu percurso pela blogosfera, para além do seu espaço. O Zé foi assim ao blog do Tas e deixou alguns comentários por lá. Muitas vezes o Zé ia a esse blog e deixava comentários e também convites para vir ao seu.

Foram tentativas vãs de relação no ciberespaço. Digo vãs, pois elas alimentavam uma vontade de ser visitado e pelo jeito o Tas não era um freqüentador de blogs alheios. Isso marcou uma suposição de que a comunicação nesse espaço pode assumir uma face esquisita, onde um fala, o outro lê, responde alguma coisa e daí um novo processo se inicia.

O Tas apresentava um assunto e seus visitantes diziam que sim, que não, que talvez, mas a tréplica, tomando por base a minha observação, jamais se deu. Foi então, que nessas idas e vindas, entre o blog do Tas e o espaço Zé, o outro, que surgiu a idéia de responder a todos os comentários feitos no blog que inventei.

Essa possibilidade era viável na própria arquitetura do

¹⁸ Disponível em < <http://marcelotas.blog.uol.com.br> > , acesso em 26 de maio de 2004.

espaço disponibilizado para uso pelo UOL. Havia a modalidade de responder ao comentário da postagem no espaço imediatamente inferior a esse. Tas não fazia uso desse mecanismo, e vi ali um potencial para conversa que estava em depreciação na blogosfera que percebia.

Na configuração do blog, havia estabelecido como política de relacionamento **A vontade de circo e a política de cuspir conversa**. Frases que estão, desde então, estampadas no canto superior do blog e que apontam para tolerância e bom humor no trato com quem fosse ali e, ao mesmo tempo, serviam de alerta para a necessidade de conversar ao máximo sobre as mais variadas coisas.

Alimentava uma desconfiança de que a vida do Zé, o outro, poderia resultar numa confluência de discursos diversos que se espalham pela rede mundial de computadores. Era como se o Zé pudesse experimentar alternativas aos modos de comunicação rápida que se difundem nas relações sociais pela Internet. Intencionava alguma resistência aos monossílabos, que se revestem de feição caricatural, para dizer do ânimo dos humanos vivos.

Digo desconfiança para não me enredar em gradações de esperança. Assim, vontade de circo e a política de cuspir conversa resultavam nessa indicação de produzir respostas a

todos os comentários que fossem registrados no blog. Coisa que o famoso Tas não fazia e que eu julgava muito importante na discussão desse movimento.

No dia 2 de junho de 2004, essa marcação ganhou ares mercadológicos, como se o marketing da política, garantisse de algum modo a possibilidade de conversa. O texto dizia "Aqui, comentário não fica sem resposta. Blogue aí"¹⁹. Antes, havia um sugestivo título *Casas Bahia*, para essa breve mensagem.

Poderia ser quase o desespero tomando conta desse não-lugar (Augé, 2003). Poderia ser já a inviabilidade de estar em um não-lugar de poucos estímulos e nenhuma aparente função. Entretanto o Zé, o outro, tão preocupado em receber alguém, não havia percebido que esse alguém já havia passado por ali. Mistérios do hipertexto. Como conhecia o que já havia escrito e publicado, não voltava lá para verificar se alguém tinha por ali passado. Observava sempre as últimas postagens, mas como o histórico da vida do blog fica disposto na tela quando esse está aberto, o acesso a qualquer publicação se faz por um clique do mouse sobre a data desejada.

Ressalto que tomei a decisão, ao fazer o blog para realizar esse estudo sobre a cibercultura, de fazer sua divulgação

¹⁹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 7.

inicial apenas através de meios eletrônicos e sem a identificação nominal minha. Criei para isso uma conta de e-mail, também vinculada ao UOL - koutro@uol.com.br - com a qual fiz alguns anúncios da existência do blog.

Algumas pessoas, como familiares próximos, a orientadora e os colegas de supervisão sabiam que seria eu, o escritor do Zé, o outro, mas desses que tiveram essa modalidade de informação, apenas um veio ao blog com o próprio nome para fazer comentários.

Retomando então a questão do primeiro comentário, ele aconteceu em 27 de maio de 2004, e foi feito por uma pessoa conhecida, que havia recebido divulgação por e-mail. Comentava um post em que o Zé fazia uma crítica às regras estabelecidas pelo UOL, para possuir um endereço eletrônico vinculado a esse provedor. Ante a indignação do Zé, o primeiro visitante diz:

[Maikel][maikelsgri@yahoo.com.br][<http://psicotopicosc oletivos.blogspot.com>]. Você acredita mesmo no UOL. De minha parte, devo dizer que não gosto nem da postura do UOL nem do Grupo Folha como um todo. Acho que são "abstrações" capitalisticamente inteligentes. No más, reclamaí que eles não fazem nada não. Aquele contratinho forreca é conversa fiada. O único problema é se você almejar o sucesso de público e crítica (tens alguma veia megalomaniaca), aí, chamando muita atenção, a coisa pode ficar complicada. A democratização, nunca é completa²⁰.

²⁰ Disponível em < <http://zeoutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 2.

Ao qual responde o Zé,

RESPOSTA:Credo. Caro Maikel, você tá 101% correto. Aqui, para criar algo diferente do absoluto é preciso agregar mais uma unidade percentual. Entretanto, sou iniciante e para ir me decepcionando aos poucos, mantereí questionamentos. Abraços Zé²¹.

Eis o primeiro diálogo. Cuidadoso pelo Zé, que se pensa iniciante e em tom de desabafo pelo Maikel, um blogueiro com milhagens, quando se fala de conexões nessa modalidade de uso da Internet. Era uma conversa, que vinha com autor, endereço eletrônico e de blog reais. Um lugar para ir, um outro lugar para conversar.

Conhecia o Maikel, mas a primeira vista, penso que ele não percebeu que o blog tinha um pseudônimo, que de algum modo se remetia a uma vontade minha. Maikel vai ser, ao longo da existência desse espaço, o mais assíduo freqüentador e principalmente um companheiro de blog, um entusiasta que não se furta a pensar essa forma de comunicação e que não se rende aos seus modos de consumo padronizado. Ao contrário, tanto no seu blog como no Zé, o outro, vai buscar a crítica como uma maneira de existir diferenciada.

Logo vão começar a aparecer também personagens sem vínculo eletrônico provável, que constroem um nome e endereço de e-mail fictícios, para transitar pelas interfaces da rede.

Assim, uma comunicação ampla do blog com alguns de seus passantes (LEMOS, 2001) ficava inviabilizada. Eles apareciam com um nome qualquer, diziam o que queriam e sumiam. Seu retorno ficava dependente apenas da sua vontade de expressão. Essa questão vai ser desdobrada adiante, quando se for analisar a representação que as opiniões ou comentários, agregados a um nome com e-mail com correspondência material ou não, possam vir a ter nesse espaço.

Penso que essa distinção tem muito a dizer, no que tange à experiência de circulação pela rede mundial de computadores. É que esses nomes e e-mails, sem uma correspondência digital efetiva, funcionam como existências que não se permitem encontrar. E como na passagem por esse não-lugar, a identificação de entrada e saída não é requerida ao passante, pelo menos três categorias de comentadores vão ser efetivadas. Aqueles que vêm com o nome que carregam fora da rede digital e com endereço ativo de e-mail, aqueles com pseudônimo e com endereço ativo de e-mail e aqueles com pseudônimo e com um endereço eletrônico ficcional ou desabilitado pelo provedor ao qual estaria filiado. A esses últimos, tomo-os por fluxos semânticos, não passíveis de identificação.

Esses seres ou fluxos não-identificáveis não demoraram a

²¹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 2.

aparecer no blog Zé, o outro. O primeiro deles foi o Caco - caco@hotmail.com que no dia 29 de maio, comentou a primeira mensagem do Zé, o outro.

[Caco][caco@hotmail.com]

Digo caco porque quero dizer pedaços de tudo um pouco de cada coisa muito de coisa nenhuma são cacos espalhados a vida se dissipando em viver muito um pouco de tudo sempre e cada vez mais.

RESPOSTA:

Bem vindo Caco e que traga seus pedaços e junte aos nossos. Assim, sejamos alguma coisa, como um breve outro caco. Abraços, Zé²².

Abraçava o Zé, naquele instante alguém que não se queria abraçar. Isso porque, ao enviar uma mensagem para a conta caco@hotmail.com, o retorno obtido foi que o endereço postado era inválido ou estava desabilitado. Apesar de Caco ser um fluxo não-identificado, esse passante buscou um registro diferenciado, pois comentou a primeira postagem do blog, o que numa leitura linear dele, pode levar à interpretação de que esse teria sido o primeiro comentário, o que não foi o caso.

Passada a primeira semana de existência, o número de visitantes que escreviam comentários já era significativo para o Zé, que reclamava de solidão na blogosfera, quase a cada texto seu. Maikel, Caco, Aline e Layla²³ produziam freqüências nos espaços de comentários. Quatro passantes que

²² Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 1.

²³ Primeiros quatro registros nominais em comentários no blog Zé, o outro.

flanando, foram ao Zé e deixaram alguma forma de registro²⁴.

Dentre esses que deixaram comentários, a Layla, que apareceu através do Maikel e de uma lista de discussão por e-mail chamada Marginalidade Cinéfila, foi quem primeiro entregou ao Zé, uma identificação que ele buscava esconder. Maikel, provavelmente, havia somado pontas e deduzido quem buscava ser o Zé, o outro; passados esses primeiros dias. Havia divulgado o blog na lista de discussão por e-mail que ele administrava, mas foi uma conhecida sua, que na blogosfera afirmou uma identificação por trás do Zé.

Diz Layla,

[Layla][laylachkar@yahoo.com.br][http://psicotopicoscoletivos.blogs pot.com]
 É...esto gostando deste blog, os textos leves e interessantes...Legal!Ah! e O Maikel te achou através da lista Marginalidade cinéfila!!Eu tb! Em caso de duvida: Fui aluna sua.
RESPOSTA:
Em casa
 Esteja em casa Layla. Esse é um espaço para conversa. Acompanho o grupo Marginalidade Cinéfila. Bons movimentos e boas discussões. Cresce e a gente vê. Ser encontrado nessa lista é um prazer a mais. Alegro-me. De qualquer forma, não deixe de aparecer. Devo lembrar que minha única ocupação na vida de Zé é essa; conversar com quem aparece aqui e de quando em vez saio e vou na casa alheia. Professor, quem sabe um dia. Entretanto, ser aluno é bem melhor! Sempre iniciante!!! Abraços Zé, o outro²⁵.

Quando veio essa identificação, tremi. Pensei que o propósito do estudo precisava ser redimensionado, pois fora descoberto,

²⁴ Há uma ferramenta nos blogs do UOL que faz a contagem dos que abrem a página. Entretanto, percebi que para esse trabalho, ela não seria um indicador a falar muita coisa, pois o seu controle, necessitaria de relatórios periódicos, informando quantos e quais eram os que abriram a página. Isso me fez voltar a análise, para quem efetivamente deixava algum tipo de rastro. No caso nos comentários. Tomando o tempo de análise do blog, foram aproximadamente 5400 passagens pelo espaço Zé o outro.

²⁵ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 6.

quando ainda buscava estratégias para me manter oculto. Apesar da resposta tangenciar o comentário e buscar um não contato, a frase "Fui sua aluna" permanecia iluminada na minha cabeça. Acho que diante de tanta luz, alguma claridade acabei encontrando, para lidar com a situação. Um outro não precisa dar satisfações daquilo que não é. Esse era um trabalho que ansiava por tentativas do outro e não pelas incansáveis tratativas do eu.

A aparente inconveniência do comentário da Layla, fora o exame primeiro que o Zé prestara para se ver como aquilo que se queria. Não um exame de consciência, mas um exame de si²⁶, daquilo que supunha, daquilo que realizava e também do que poderia vir a realizar em relação às forças da vida que o atravessavam e que ele poderia vir a atravessar. Saber de si no mundo como um percurso para uma possibilidade de ser outro.

Daí, por mais esquisito que possa parecer, vai se dar um descolamento nos discursos do Zé e nos pensamentos desse estudante-pesquisador que lhes escreve. É como se duas realidades fossem permitidas para contar a mesma experiência. Não uma dicotomia, mas movimentos que se estendem para possibilitar visualizações distintas entre virtualidades reais e reais virtualidades. Não sabia qual solo fundava o

²⁶ Ver A hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault. Editora Martins Fontes, 2004.

ambiente cibernético, mas sentia a necessidade de locomoção. O Zé precisava caminhar.

É como se para mim ficasse evidente que o Zé, mais que um outro meu, seria um outro dele mesmo. Se alguém estava a serviço do outro, penso que essa indicação diria da minha vida em relação à vida do Zé. Essa interpretação se apresenta de maneira forte nas conversas produzidas nos espaços destinados aos comentários.

Era lá que a amistosidade e tolerância do Zé, o outro, tinham uma expressão pouco comum às experiências que produzo nas minhas relações cotidianas. Não que seja pouco amigável e intolerante, mas o Zé perseguia o excesso daquilo que vem a ser suportar esses sentidos, para experimentar suas novas circunstâncias.

Assumia uma função de escuta e encaminhamento das conversas produzidas, como se pudesse ser ele um vetor indiferente ao que estava em jogo. Tudo em nome da convivência e da tolerância excessivamente difundidas em suas respostas. A vontade de circo do Zé ia além do picadeiro, além da própria tenda.

Era preciso caracterizar essas realidades que meu outro-flaneur administrava. Talvez essas realidades distintas, essa experiência desses dois mundos, tenham vindo a facilitar a

possibilidade de algum distanciamento entre ele-personagem de um blog administrado por mim e o eu interessado em estudar as experiências existenciais na cibercultura. No ambiente da rede de computadores conectados, o distante e o próximo se confundem com muita facilidade. Poderia ser Zé, o outro, e Zé, o outro poderia ser quem quisesse. Assim eu estaria um pouco mais distante do que o Zé pudesse vir a ser, que do próprio Zé, o outro.

Não estou aqui a estabelecer limites para experiência de si e muito menos a demarcar uma real separação para os espaços cibernéticos e os espaços antropológicos formais. Penso-os diferenciadamente, mas é nítida a mistura entre os dois, assim como é nítida a mistura entre os personagens que flanam pelas vias digitais e que circulam pelas cidades de asfalto, concreto e aço. Entretanto, essa caracterização que fiz ao iniciar a vida blogueira, teve mais uma inspiração didática que filosófica. Foi mais gerencial, que política. Buscava retratar a extravagância, aparentemente sem riscos, a que se permite o ciberpassante ao assumir faces, para circular pelos ambientes da cibercultura, no caso desse estudo, os blogs.

Essa questão, agregada ao sentido de uso de algo muito novo, impediu a percepção de incômodos relevantes, quando assumi tal sentido e bastou ali caracterizar os espaços para que os personagens se desenvolvessem. Zé, o outro, vivia num mundo

sem cheiros, eu também passava por lá, mas, diferente dele, havia de ganhar a vida no mundo dos odores.

A primeira referência a essa questão se dá já em 6 de junho de 2004, um domingo.

Hoje tive visitas. Maravilha. Por aqui é isso mesmo. Comentar o mundo dos odores. Assim boas fragrâncias nessa semana que se conta agora. Abraços, Zé. Escrito por Zé às 20h05 [(2) Motores]²⁷

Num post que gerou dois comentários, de Kelma e Karran, ambos com e-mail ativos, o Zé agradecia as visitas e encaminhava tentativas de conversas sobre um mundo que ele parecia não querer habitar; o tal mundo dos odores que adiante vai ser reconhecido como mundo dos cheiros. Zé experimentava o insípido, mas buscava representar a possibilidade de dizer dos afetos que cheiram.

Duas discussões faziam "cuspir" conversa no blog: as campanhas para a vinda do Tas ao blog Zé, o outro, e uma sobre os sentidos das cores na produção do capitalismo. Situações rasteiras, mas que demandavam conversas. Até hoje me incomoda uma postagem que saiu sem grandes preocupações além da denúncia manifesta pelo jornal Folha de S. Paulo, de 5 de junho de 2004. Dizia que determinada pesquisa indicava que negros no Brasil tinham menos empregos e que os brancos

²⁷ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 11.

ganhavam 105% por cento a mais.

Daí veio uma dedução simplória de que o capitalismo era branco e nisso se inicia uma confabulação de teses e antíteses sem que qualquer síntese desse cabo da conversa. Aparece no blog um fluxo não-passível de identificação, auto-denominando Zé Branquelo, com e-mail fictício - semmail@sei.la.com - que busca desconstruir a brancura do sistema, tomando a denominação como de caráter racista.

Polêmica feita, foi o Zé a desenvolver a tese em suas postagens, quando antes, intenção para isso não existia. Foi o Zé, o outro, contemporizar nos comentários, e a cada explicação avolumava-se seu agora pretensioso conceito.

Ainda cores

O capitalismo é de brancura singular. Tudo que nele se inscreve, ganha evidência. O problema é o daltonismo social. O sistema é aquilo que nele se pinta. E você, como tem pincelado?

Zé. :: Escrito por Zé às 20h49.

[(6) Motores]²⁸

Cor dominical

"APAGA A LUZ, ACENDE A VELA. TÔ VENDO A BRECHA DELA*".

Não fosse branco, qual seria a melhor cor para o capitalismo. Dizem do branco a luz máxima ou uma mistura de todas as tonalidades. Não sei bem como equacionar isso, mas creio que prevalece essa idéia de branco para o capitalismo contemporâneo. Um branco cheio de sutilezas. Acostumados o tomamos por uma alvura incondicional. A própria transparência. Cegos na luz máxima, protegemo-nos com lanternas e espelhos. Não fosse branco, o capitalismo já era!

Bom domingo, dia de grande iluminação. Amém!!!

Abraços, Zé, o outro.

* Refrão de música popularizada na década de 1970, se não me engano. Não sei o autor, mas que é profética é.

²⁸ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 9.

Apagar a luz, para ver melhor. Escrito por Zé às 09h17
[[(0) DIZ AQUI]]²⁹

Escritos que geravam comentários, que produziam respostas que faziam crer que a política de cuspir conversa tomava conta do espaço, faziam crer num possível outro blog, como espaço de circulação e diálogo. Algo diferente do blog do Tas, onde uma multidão comentava mas não era respondida pelo autor. Isso animava o espaço Zé, o outro e me animava também. A identificação precoce feita pela Layla, já não era tão significativa. Uma retórica carnavalesca de bloco de sujos, elevava a euforia desse Zé, o outro, como se passassem despercebidos os dedos que o alimentavam.

Um texto publicado no dia 8 de junho de 2004 diz desse estado de ânimo, que circunstanciava os limites do deslumbramento. O Zé em evolução vestia uma fantasia intimista para cantar o outro. O Tas, outrora sensação persecutória, diminuía em tamanho e, conseqüentemente, fazia agora pouca sombra. Refluía nesse não-lugar onde provavelmente jamais esteve por intenção própria.

A plataforma do Zé agora dava vazão para motivações da alteridade. A onda Tas quebrava na praia e a próxima já não fazia qualquer alusão ao que acabara de passar.

²⁹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 10.

super terça, cheia de graça!

O U T R O O U T R O O U T R O O U T R O O U T R O
 Gente, não é que ainda não deu tempo de ir ver o Tas.
 É que hoje o dia no Blog foi muito intenso. Gente
 chegando e deixando mensagens. E como o prometido, sem
 resposta ninguém fica. Vamos atender primeiro, sempre,
 os de casa. Depois iremos aos desconhecidos, porque a
 intenção é cuspir conversa.

Dois amigleiros, Pedrão e Aline, estão querendo
 conversar sobre o que pode significar ser o OUTRO.
 Formulei lá nos comentários alguns sentidos, mas
 careço de mais gente para pensar essa coisa de ser
 outro. Mandem, se o tempo permitir e vontade tiverem,
 entendimentos do que possa vir a ser o outro nesses
 dias que vivemos, na Blogosfera e também no Mundo dos
 Odores.

Abraços,

Zé, o outro

:: Escrito por Zé às 21h20

[(6) Motores]³⁰.

Termos foram cunhados para dizer desse estado de ânimo. Termos que implicavam proximidades e demandavam propostas de conversa. Amigleiro apontava para uma amizade em rede, movida pelas convergências e divergências da política de cuspir conversa no blog. Tentativas de aproximações de outros, tentativas de ser um outro através dessas experiências. A experiência de si efetivando-se.

A solidão inicial ou mesmo a sensação de distância e frio, produzida ao se revelar no ciberespaço, desfazia-se a cada registro de novos ciberpassantes. João Ninguém, Moacir Franco, Amora e Anita passaram a postar também já na segunda semana de vida do blog. Apenas a Amora com e-mail devidamente

³⁰ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 14.

identificado no ciberespaço. Alguns desses, junto aos outros que já comentavam, retomavam a questão do Tas e esse que diminuía nas intenções do Zé, retorna para motivar um mutirão que não foi muito além de alguns posts e poucos comentários.

Era o Mutirão traz Tas que novamente se diluiu ante as novas intensidades que o espaço registrava. Zé Carente ou Não, Zexagerado e Zé Renato registram comentários e esses, que abordavam encaminhamentos diversos para as conversas sobre racismo, alteridade, carências, Cazuza, tocha olímpica, etc, permitiram ao Zé, o outro, mais um neologismo: Filosblogfando.

Termo que apontava para uma produção de pensares e que sucedeu o primeiro debate no espaço de comentários pelos ciberpassantes.

POLÊMICO POLÊMICA POLÊMICO POLÊMICA POLÊMICO POLÊMICA
 Oi gente, trago para a página de entrada desse blog o primeiro debate que vem se construindo entre esse que escreve e os amigleiros Zé Branquelo e Kelma. Faço isso para que outros que passem por aqui, possam se posicionar. As coisas giram em torno das idéias já há alguns dias. Que outros leiam abaixo os comentários e falem, se assim lhes convier:
 :: Escrito por Zé às 13h30
 [(12) Motores]³¹

Uma conversa de 12 registros e 12 respostas produzidas pelo Zé, o outro. Kelma e Zé Branquelo davam o tom entre as

³¹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 20.

opiniões que se dividiam sobre o racismo e a vida nacional, mas que foram recheadas pela participação de Tirulipa, Cá, Maikel, Aline e Zé Renato. Vejo esse debate como muito importante, pois durante algum tempo essa vai ser uma tônica nos modos de funcionar do blog. Alguns ciberpassantes vão estabelecer uma feição para a política de cuspir conversa, diante desse parâmetro.

Nesse recheio entre comentários e respostas, cabe registrar as modulações que se produziam em relação ao tema que parecia central ao assunto. Pequenas ondas mexiam o assunto e o transformavam no ciberespaço. Fragmentação comum às conversações, pois cada enunciador pode mudar o rumo da prosa na sua vez de falar. Pode precipitar-se sobre a voz e vez do outro, indicando seu desejo ou interesse. Isso se percebe na citação acima. Isso que fazia desse espaço um outro blog, que se construía pela participação alheia.

Esse debate revelava também indícios de que a figura que se queria um outro Zé ensaiava com desenvoltura um papel que se repetiria durante os primeiros meses da existência do blog. O mediador de plantão, aquele que pode encaminhar quase tudo, mesmo quando não parece querer fazê-lo. Um respondedor para ocasiões diversas e esse seria um preço a pagar pelo movimento no seu não-lugar. Na atualidade, as vozes parecem ávidas pelo consumo da escuta. Vozes que muitas vezes refluem

o si-outro que se busca, em nome do si-mesmo que se imagina ter. O custo de ser o mesmo, para manter o fluxo das coisas.

Parece precipitada a análise, mas ela não veio naquele momento, quando também ciberflanava por aquele não-lugar. Veio há pouco, quando relia a publicação impressa do blog e remoia essas conversas, imaginando que poderiam ser outras. Não o foram. O texto no papel fez-se uma imagem daquilo que foi e do que agora se pode pensar através do que está escrito, para dizer algo da cibercultura e dos modos de está nela.

Vem-me agora o amigo desse passeio, indicado nas primeiras páginas, a trazer a lembrança do quão perigoso é o sentido categórico, exato e indicativo. Aparece para salientar que a imaginação não deve ser reduzida a imagem, pois quando o faz, perde o fio da meada, abstrai a realidade a um fragmento de percepção, próprio das produções biográficas (NIETZSCHE, 2000).

E agora o que dizer do Zé? Talvez ele não tenha lido Nietzsche ou se leu, poderia ali ter esquecido. Ou talvez ainda tenha lembrado, não dando a devida importância, já que estava envolto nas ondas digitais do ciberespaço, as cibermarés. O Zé que deveria estar à deriva, quis o bote do salva-vidas para assegurar movimento à sua praia. Quis ver de

um ponto comum, o que lhe tornou comum à sensação de repetição das paisagens. O Zé que insistia em conjugar um nós, quando alguns de seus freqüentadores não se habilitavam a essa pluralidade. Talvez não a percebessem.

Apesar disso, a proposta de pluralidade se mantinha e a devoção ao espírito dionisíaco, de algum modo, estica a existência do Zé além de seu posto comum. Nos comentários abusava da tolerância, mas em sua sala de visitas, onde expunha seus pensamentos, buscava conversas para além da conveniência. Escapava ali da formalidade de respondedor para ser uma espécie de seu próprio outro. O outro do outro, resistia a ser o mesmo.

Passado um mês na blogosfera, o tom de animação no blog se mantinha. Familiarizava-me com a tecnologia e havia aprendido a importar imagens para o blog. Essa ferramenta permitia um dizer diferente. Era possível abusar na variação de tipos e de cores para as letras que compunham os posts. Algumas vezes, casava o texto com ilustrações e fotografias. Tentativas de tornar o blog diferente, de fazê-lo aparecer mais bonito aos ciberpassantes. Entretanto no espaço destinado aos comentários, mantinha-se o tom de celebração, do exagero em celebração.

PARA COLORIR



© ADÃO

Esse cartão, encaminho a todos os que por aqui transitam. Adão o fez para ser colorido nas relações entre outros, pois não há amizade, onde não há diferença. Assim, pintem-no da forma que lhes melhor convier e ficará lindo. Como diria o artista sem medidas, Manuel de Barros; "Hoje o dia vai morrer aberto em mim". Valeu gente e continuemos a cuspir conversa!!!

Abraços, Zé, o outro.

Escrito por Zé às 09h43. [(28) Motores]³²

Aniversário de um mês é forçar um pouco a amizade, mas quando não se sabe o quanto vai durar a existência, talvez comemorar o que sente seja a melhor decisão. Os comentadores não pensaram assim. Como no texto, no blog, as palavras ganharam cores e tons variados, lembrando a figura de um arco-íris, o Zé viu uma sexualidade que sequer sabia possuir, ser posta em questão.

[Zé Critico][zecritico@coisaboba.com]

Sem querer ser Homofobico , mas tu é paulista?Gaucho de piada? Esse teu blog ta florzinha total, tu tava na parada arco-iris?Ta estranho a coisa. Eu vi a propagando que o cara lá falou , pô meu , maior tragicomedia, fazem do cara la um ser aneuronal total e muito provido de pigmentaçãoSabe piada de loira ? Acho que a inspiração foi uma dessas piadas.
26/06/2004 15:26

RESPOSTA:

Não tava na parada, Crítico. E um dia mais florido não vai ameaçar a sexualidade ou vai? Ainda não vi a

³² Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 43.

propaganda, mas quando estiver ligado na telinha, ficarei mais atento. Aí comento. Ah, não sou paulista não. Eu sou bloguista. Já o que me empresta os dedos, nasceu no Nordeste. Abraços, Zé.³³

Eis que alguma discussão sobre a sexualidade se mostra mais forte. Mesmo que a mensagem de entrada não fizesse menção ao tema, ele surge em função do colorido que as linhas ganham. Uma meta-narrativa que se cristaliza em alguns comentadores, como se fosse preciso afirmar a verdade do sexo de cada um em vários momentos da vida.

Não deveria causar surpresa essa questão, pois como aponta Michel Foucault (2004) a cultura ocidental, desde a antigüidade vem desenvolvendo discursos sobre essa temática. Discursos que assumiam faces diversas - sanitárias, médicas, moralistas, religiosas, guerreiras - mas que mesmo as que se voltavam para a interdição, contrariando sua intenção original, produziam maneiras cada vez mais diferenciadas para a experiência do sexo, agora configurada como uma sexualidade.

Penso que esses comentários permitem, agora, começar a pensar os fluxos desterritorializados, não passíveis de uma identificação formal, para transitar pela Rede Mundial de Computadores, no recorte do blog Zé, o outro. É que Foucault

³³ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 44.

(2004) está a dizer que as tentativas de interdição são mal sucedidas, pois elas atuam numa lógica eminentemente positiva.

É como se as buscas em frear desejos e vontades estivessem a produzir discursos, que não garantiam a interdição e ainda faziam falar de outros modos. Falas que se viabilizariam como saberes, como referências para outras práticas e novos discursos. O poder pensado como algo instigantemente positivo, como um exercício que aciona questões que escapam aos postulados da racionalidade objetiva.

Resta o entendimento das lógicas de produção das subjetividades, o que não é pouca coisa. Entretanto no ato, na sua presentificação, cabem prioritariamente as atuações. Os espectadores atuam também. Não são corpos à disposição, são corpos dispostos. As forças dos fluxos sem identificação dispunham-se no blog do Zé, o outro, e é impossível generalizar a serviço de que ou de quem estariam. O máximo que proponho arriscar em dizer sobre seus movimentos é situá-las no que já apontei como tentativas do outro ou tratativas do eu. Vetores que encaminham a dimensão generalizante da experiência desse blog, que apontam para resistências aos modos que pleiteiam uma identificação por alguma forma de limite.

Entretanto essa questão não surge aqui por um instante de luz que aponta para o encaminhamento das linhas. Quando, para a administração do espaço, deixei o Zé tolerantemente flutuar, mirava o outro, almejava nessa experiência alternativa uma crítica ao individualismo exacerbado que se vive no contemporâneo.

Intencionava essa disposição para esse percurso, desde o momento da escolha do nome para o Blog. Zé, um nome muito comum, e outro, uma experiência, ao meu ver, de percepção pouco comum no presente. Mistura de um nome muito comum com uma experiência pouco comum; algo com probabilidades para o incomum eu enxergava.

Um sofisma frágil, mas a densa convicção que se apresenta em certezas, foi para trás. Mesmo sendo frágil a idéia, o Zé militava por ela nos espaços dos comentários, confesso que, sem analisar bem o que fazia. Era como se perseguisse uma cartilha virtual voltada para a atividade de responder positivamente aos comentários. Uma luta pelo desconhecimento, que talvez se configure bem naquilo que os fluxos sem correspondência eletrônica deixavam registrado.

Maria, a mesma - personagem com e-mail ativo - quis promover nesse espaço voltado para diferenças, uma conversa sobre a vontade de conhecer. Quis ela, num comentário deixado no

blog, que os passantes retirassem as máscaras e passassem a se relacionar no espaço, com a identificação nominal que carregam usualmente no mundo dos cheiros. Levei então a questão à página de entrada, para ver o sentimento que ela despertaria.

MASCARADOS?

Oi gente. Começando a semana e lançando mais uma campanha no blog. Essa é uma proposta da Maria, a mesma, que de vez em quando aparece por aqui. Ele sugere que as "máscaras" que usamos para passar por aqui sejam retiradas. Como tem sido bom ser Zé, o outro, não gostaria de tirar máscara, pois nem sem se as uso aqui. Parece que o meu outro, que habita o "mundo dos cheiros" usa-as muito mais. Bom, fica a questão para debate. Quem quiser opine e/ou tire a máscara! Abraços, Zé.

Escrito por Zé às 13h31. [[\(6\) Motores](#)]³⁴

A conversa foi rápida e a própria Maria, ao perceber que não agradava aos freqüentadores do blog a identificação que se faz no mundo dos cheiros para manter um relacionamento, recuou no dito, tentando simplificar seu gesto ao fim da campanha do Traz Tas.

[mariaamesma][naninha-lgc@ig.com.br]

É pessoal, acho que quando sugeri a campanha, foi mais pela empolgação do fim da campanha do TAZ. Eu também gosto, de poder ser outras, sem deixar de ser a mesma, por aqui. Mas seria bom que as pessoas pudessem se mostrar como são no mundo dos cheiros, só pra entendermos o contexto que envolve cada outro que aparece por aqui. Foi só uma sugestão, afinal quem não deve não teme!

02/07/2004 24:27³⁵

³⁴ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 44.

³⁵ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 45.

O blog do Zé, o outro, saía dessa quase saia justa com feição próxima a que tinha entrado. O clamor breve era de que estava bom do jeito que estava, e essa questão só vai aparecer novamente no momento da conversão do Zé, um tanto mais adiante. Quando o Zé, sufocado por tanta escuta, não consegue ser o outro que se quis, pois nos espaços de conversa, permitiu-se apenas o lugar de ouvidoria e um bom senso de teor politicamente correto.

5.1 Pães, poesia e muito cuspe

Como sempre achei que poesia é a coisa mais parecida com alguma OUTRA COISA, nesse sábado, recebi de Sou Quem Não Sou esse manifesto poético. Achei interessante trazê-lo dos comentários para cá, para a gente melhor poder sentir, perceber e dizer (caso queira) da poesia que Sou Quem Não Sou nos permite.

[sou o que não sou...][floyd25@bol.com.br]

Ávidos, teus olhos buscam há tempos algo ou alguém que venha a saciá-los. Desde o início, tua boca clama por palavras nunca antes ditas, palavras metamórficas que transformem som em sentido. Teus ouvidos, verdadeiras antenas receptoras entregue ao absoluto descontentamento, sonham entre ondas longas e curtas, com um sinal preciso e singular. Teu sexo, vendido em notas de prazer, dá direito a troco em moedas de ilusão. Tua mão apontada ao norte, apóia-se em pernas que caminham ao sul, um coração entregue à sorte, sob um céu não mais azul, fazem de suas certezas castelos de areia, travestidos e mascarados de intransponíveis fortalezas. Quer o mundo sem podê-lo carregar, busca responder o que não sabe perguntar. Tudo quer saber, para tudo, "poder poder", teme tanto morrer sem sequer saber viver. 19/06/2004 11:27

[(7) Motores]³⁶

³⁶ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 29.

Eram 11h45 do dia 19 de junho de 2004, quando trouxe esse comentário do Sou o que não sou (floyd25@bol.com.br), blogueiro de e-mail ativo, para a página que entrada. A princípio podia parecer que se tratava de mais uma campanha, onde se adequam muito mais ao modelo "eu" que às tentativas do outro.

Mas não era isso. A invenção do novo repercute nos motivos da poética e como um vento que pedia passagem, a poesia encontrava frestas para também passar pelo blog. O texto de floyd25@bol.com.br funcionou como um sopro que apontava para alternativas de dizer para os blogueiros frequentadores.

No dia 4 de julho de 2004, esse sopro ganhava alguma densidade. No blog, o Zé passou a divulgar um movimento cultural ocorrido no Ceará no final do século XIX, que se autodenominava Padaria Espiritual. Era um movimento que resistia às normas e valores sociais importados das metrópoles européias, marcadamente de Paris.

Os padeiros da alma produziam assim a arte literária como expressão do que entediam por liberdade e necessidade de preservação do que compunha a cultura local. Assim, a Padaria, além de tematizar a poesia e a literatura, permitia pensar a expressão de padeiros para o contemporâneo. De posse

do estatuto dos Padeiros, passei no blog, a divulgar e propor conversas sobre seus artigos.

Artigo 18: Todos os Padeiros serão obrigados a defender seus colegas da agressão de qualquer cidadão ignáro e a trabalhar, com todas as forças, pelo bem estar mútuo.

Artigo 23: Será preferível que os poetas da "Padaria" externem suas idéias em versos.

:: Escrito por Zé às 12h04 ::
 [(0) DIZ AQUI]³⁷

Na postagem seguinte, questionava aos passantes dali, se já ouviram falar desse movimento. Era uma questão que no mundo dos cheiros, já supunha uma possibilidade de resposta. É que havia conhecido duas estudantes de graduação em jornalismo, que pesquisavam a história da Padaria, para a produção de uma monografia de conclusão de curso.

Movido por um certo bairrismo que todo cearense parece possuir e por enxergar nos propósitos dos padeiros algumas convergências com a vontade do espaço, convidei-as para vir conversar sobre esse assunto e outros no blog Zé, o outro. Nada formal. Tentativas de puxar conversa. Nem um outro trato a balizar a proposta.

Vieram com endereços eletrônicos ativos no ciberespaço, mas assumindo codinomes que faziam referências ao que elas supunham representar o movimento dos padeiros de espírito do

³⁷ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 47.

Ceará. Maria Jacinta (Paula.Smith@uol.com.br) e Maricota Brejeira (hakue@bol.com.br), denominações assumidas pelas pesquisadoras para aparecer no blog, que passaram a explicar o que fora a Padaria Espiritual e a experiência do que significava para elas o contato com esse movimento.

[Maria Jacinta][paula.smith@uol.com.br]

A Padaria Espiritual foi uma associação que surgiu em Fortaleza, mais especificamente em 1892. Essa agremiação era representada por homens de letras e artes, que queriam fazer algo novo e diferente de tudo que já existia na capital cearense. Tinham verdadeiro asco pela burguesia e profunda admiração por tudo que fosse novo. Antônio Salles foi o idealizador da Padaria, ele deu o nome do grêmio, ele escreveu o programa de instalação (os estatutos), enfim foi sua alma. Quem tiver a oportunidade de pesquisar e procurar mais sobre a Padaria Espiritual deveria se ocupar disso; pois, caros amigos, é um movimento primordial para a história do Brasil: foram precursores da semana de 22. Além de terem Pedro Nava como fruto intrínseco da Padaria Espiritual- seu pai José Nava foi padeiro e seu tio era nada mais nada menos que Antônio Salles. Aí vai a dica de livros sobre o assunto: Baú de Ossos de Pedro Nava (dedica apenas um capítulo, mas vale), Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso de Gleudson Passos, e A padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará, de Sânzio de Azevedo. Para finalizar essa síntese sobre a Padaria gostaria de informar que eles foram extremamente socializantes para sua época. Antônio Salles era conhecido por manifestações de desacato ao Conde d'Eu. Não se calavam diante da opressão imposta pela burguesia ignara. Rodolfo Teófilo dividia sua casa e suas coisas com caboclos e sertanejos que não eram assistidos pelo governo. Acho que só por esses breves comentários vale à pena se inteirar mais da Padaria Espiritual. Até breve, companheiros de fornalha. Maria Jacinta

06/07/2004 14:10³⁸

As explicações de Jacinta e Brejeira sobre a Padaria Espiritual despertavam entre alguns ciberpassantes um devir padeiro. Uma vontade de escrita que aparecia em inquietações

diversas nos comentários deixados no blog. Isso parecia fazer outros se quererem padeiros também.

Nesse momento a audiência de passagens e registros deixados no Zé, o outro, era considerável. Não havia mais vestígios de alguma solidão para o Zé no blog. Ao contrário; as postagens demandavam conversas nos espaços dos comentários e esses faziam fluir novas postagens. Começou a ficar comum trazer comentários para a página de entrada, onde apenas Zé, o outro, escrevia. Assim como também passou a ser rotineira a publicação de artigos do estatuto dos padeiros.

Os artigos dos padeiros viajavam no tempo e se renovavam quando eram instados a significar coisas no contemporâneo. Depois da Brejeira e da Jacinta, o Maikel foi tomado por essa onda da Padaria, assim como o Sou o que não sou, Kelma, Foreigner - fluxo cibernético não identificado - e um escritor pernambucano, chamado Harpyja, com e-mail e blog ativos³⁹.

Outros, ainda, que já postavam há algum tempo, identificados por e-mail ativo ou não, continuaram a passar pelo blog, mas a Padaria assumia um sentido quase exclusivo nesse espaço. Provoações passavam ao largo e o blog experimentava um clima

³⁸ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 47.

³⁹ Harpyja chegou ao Zé, o outro através de anúncio deixado no Mural do UOLblog. Possuidor de um blog com endereço <http://harpyja.blog.uol.com.br>, que passou a constar nas indicações do blog Zé, o outro.

leve, por mais breve que viesse a ser esse momento. Essa brevidade não se revelava em princípio, mas como qualquer outro não-lugar, essa condição era inexorável. Mas, enquanto a onda passava, um desses fluxos não-identificáveis soprou uma bela produção do compositor e cantor cearense Ednardo.

[Ednardo][ednardo@padaria.com.br]

Nessa nova padaria espiritual Nessa nova palavra de ordem geral Eu faço o pão do espírito E você cuida do delito De comer, de comer Onde e como cometer De comer, de comer Onde e como cometer Coma tudo, tudo o que você puder Arrote e coma você mesmo até Consuma tudo em suma Definitiva e completamente Na destruição somente deste absurdo aniquilamento É que talvez surja um outro novo momento Na destruição somente deste absurdo aniquilamento É que talvez surja um outro novo momento Um outro novo momento Um outro novo momento

14/07/2004 14:47

RESPOSTA:

pAVÃO mISTERIOSO

Ednardo, só cantando. E como cantei e canto por que o instante existe e quero que esse canto torto feito faça corte a carne de vocês. Pois mesmo criado no oco no mundo, numa Ingazeira qualquer, inquieto-me ante o mundo oco que se faz a cada dia. Que a terra permita o terral e que a flora apareça e me tire dessa vontade de chorar. Abraços, Zé.⁴⁰

Ednardo já se inspirara na Padaria para produzir poesia e música, mas essa falava de uma tentativa de fazer ressurgir um novo momento, possuído por aquele espírito primeiro dos padeiros da cidade de Fortaleza. A resposta do Zé a esse aparecimento no blog foi mais minha que nunca. Um incisivo indício a sugerir o fracasso da proposta de separação. O entusiasmo permite falseamentos (DELEUZE, 1992), jamais fracionamentos objetivos.

Vi-me mais Zé que nunca, até então e o blog, aos dois meses de vida, se fez um espaço poético, como se quisesse um lugar disso.

A Padaria vive e isso é muito bom. Quando a assunto começou, a Brejeira e a Jacinta alimentaram-nos com muita informação sobre esse acontecimento, mas os comentários diminuíram. Não faço a menor idéia. Por sinal fazer idéia por aqui é de uma inutilidade quase absurda. O registro é que alguns assíduos haviam sumido e agora retornam. Branquelo, por exemplo. Mas gostaria de registrar também as passagens do HÁRPYJA e do Fábio. Ambos, conheço pela Net, mas ligados ao mundo das artes, padeiro vai, padeiro vem, agora estão também por aqui. Estou indicando os endereços deles na página de entrada, pois é tempo que se ganha os visitando, já que é tempo que se vive. Então isso tudo, esse pulso poético que tomou conta do Blog, tem também o Sou, acho que se relaciona à Padaria. Assim quis e quero fazer um mural poético e solicito de todos um poema, para publicar aqui. Uma nova campanha, um novo mutirão. E quem não for poeta, que comece a sê-lo. Afinal uma coisa puxa a outra!
Abraços, Zé o outro.⁴¹

E as poesias começaram a chegar em seguida. Primeiro a Brejeira, depois o Adolf (fluxo não-identificado), o Maikel, o Zé e a Cleopata (cleoemarco@yahoo.com.br). Era inverno no hemisfério sul, mas parecia primavera ou delírios numa noite de verão com lua, nessa mínima inscrição do ciberespaço. Poesia vai, poesia vem e os ciberpadeiros passaram a dizer de outras coisas também. O suor que cai na massa e lhe dá o gosto dos acontecimentos.

Nesse mesmo período o blog foi atravessado por debates sobre os processos de avaliações do governo Lula, a morte do

⁴⁰ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 57.

Brizola, olimpíadas da Grécia, neonazismo, etc. Veio agosto e os ciberpadeiros alimentavam rotineiramente a caixa de comentário do espaço Zé, o outro. Eu já falava do blog de maneira aberta no mundo dos cheiros e isso fazia aparecer nele, fluxos cibernéticos não-identificáveis e até mesmo alguns que na blogosfera apresentavam-se com um apelido, mas depois, fora dela, me diziam quem eram.

Máscaras não eram uma questão a incomodar as conversas, que se moviam acaloradamente. Destaco um tema de agosto de 2004, que permitiu muitas discussões e envolvia uma proposta em debate no mundo dos cheiros, de criação de um Conselho Federal de Jornalismo. Um assunto aparentemente específico, mas que foi lenha para muitas fornadas.

Essa discussão começou no dia 10 de agosto, com uma postagem do Zé, o outro, indicando a autoria do projeto e também abrindo possibilidades para pensar o significado dessa instituição para a regulamentação da atividade jornalística, bem como o que ela poderia significar para a restrição ou ampliação da liberdade de imprensa no Brasil.

Onze comentários alimentaram essa mensagem e o Zé enviou respostas aos onze. Registro que entre esses passantes, há alguns muito significativos na história desse blog e aos

⁴¹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 61.

quais ainda não fiz referência. Eles, observada a construção cronológica do espaço, já haviam aparecido e mantinham-se assíduos. Entretanto, nos recortes que faço para situar acontecidos desse não-lugar, mantinham-se até então na invisibilidade. Refiro-me a Insana, fluxo não-identificável, a Amanda, blogueira (<http://totegril.com.br>) com e-mail ativo, a Afrodite (whilzilene@pop.com.br), e ao Tadeu Nogueira, blogueiro (www.radar.com.br) com e-mail ativo.

Voltou a questão do jornalismo, no dia 12, com duas novas postagens sobre o assunto, acrescidas de cinco comentários. Um deles foi levado à página de entrada no dia 14, do ciberpassante Foreigner, que aparecia, nessa discussão, como alguém, que, apesar de preocupado com a questão, não via nela avanços para a experiência da produção de jornalismo no Brasil.

Seu comentário foi então levado à página de entrada, no momento em que se conversava sobre o posicionamento de um dos proprietários da empresa de comunicação denominada Grupo Folha, Otávio Frias Filho, também editor do jornal Folha de S. Paulo, que se manifestara em seu jornal, contrário a criação do Conselho. Essa postagem animou ainda mais o ciberpassante Foreigner, que acabou estabelecendo alianças para suas teses com outros blogueiros, como o Luis César Schiavetto (www.personasafer.zip.net), que possuía e-mail

ativo.

Havia entre os freqüentadores do blog algumas pessoas com ligação estreita com questões do jornalismo. Eu, pela formação em Comunicação Social, o Maikel, que fora meu aluno no passado e conhecidos dele e meus que vez por outra vinham postar também. Tadeu Nogueira, do blog Radar, também tem formação em Comunicação, mas Foreigner e Luís César indicavam possuir outra formação. Luis se disse professor de história e estava radicado em alguma cidade de São Paulo.

Penso que essa circunstância deve ter influenciado o andamento das conversas sobre jornalismo e até agregado outras pessoas a esse debate. Com ele, outras leituras da vida nacional eram feitas, como na onda de homicídio e espancamento de moradores de rua das cidades brasileiras. Maikel falou de um assassinato em Guarapari, cidade em que mora, e logo em seguida começaram a aparecer histórias na mídia sobre casos semelhantes em Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.





:: Escrito por Zé às 16h44
[[\(5\) Motores](#)]⁴²

Nos comentários, Zé Branquelo faz sua defesa acusando outros. Maikel desdobra a história de espancamento e morte em Guarapari e Cleopata perde a paciência com as provocações e inconveniências do Zé Branquelo.

Nos posts seguintes, quando a referência se voltava para outros temas, essas questões da perseguição aos mendigos e a da criação do Conselho de Jornalismo vão retornar no espaço dos comentários. Em 31 de agosto de 2004, brincava sobre a história do maratonista brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima, que fora agarrado quando liderava a prova nas últimas olimpíadas, e dos 10 comentários que a mensagem ganhou, oito falavam da criação do Conselho, ora escritos por Maikel, ora por Foreigner.

O Zé, o outro, havia assumido a postura de defender o projeto do Conselho. Já não conseguia ser aquele Zé das primeiras semanas de blog. Tomava posições diante das indicações que apareciam nos comentários. Setembro de 2004 começou assim no

blog Zé, o outro.

[Foreigner]

Sobre a matança dos moradores de rua em São Paulo, tenho algumas teorias que gostaria de compartilhar com vocês. O aspecto mais evidente disso tudo, acho eu, é a falta de perspectivas individuais causada pela decadência política e social do Brasil. É o desespero e o medo quanto ao futuro que faz um cidadão sair por aí com um cacete na mão para acordar pessoas que ele considera como "inúteis" ou "desajustadas". Inúteis por que não produzem nada. Já repararam que quando conhecemos alguém uma das primeiras (senão a primeira) pergunta que fazemos ou respondemos é "o que você faz"? O que fazem os pobres que vivem na rua? O que produzem? Com o quê contribuem para o crescimento da nação? E isso é também evidente em todas as outras esferas da vida nacional. O que é um escritor de sucesso? Simples, é aquele que vende muitos livros. O que é um atleta bem sucedido? Aquele que ganha muitas medalhas ou títulos.

01/09/2004 13:09

RESPOSTA:

Aqui discordo

Penso diferente. Acho entretanto que essa é uma explicação interessante. Mas ela pega pelo individual. Uma outra maneira de ver as coisas. Acho que há uma dimensão histórica e estética que deve ser percebida. Párias, desde o início da modernidade eram afastados, aprisionados, rotulados como pestilentos, etc, etc. Desagradavam a construção da paisagem burguesa. Penso que de alguma forma, essas mortes dizem disso também. São muitos eu desesperançados, destituídos de alguma vontade, por si mesmo, mas principalmente pelas maneiras de se relacionar nesse planeta liberal. Aí o medo, daí a agressão. Tem mais, mas vamos adiante. Abraços, Zé.⁴³

O Zé já era aquilo que conseguia. Um falseamento à moda deleuziana, daquele que se enredava para estudar a Rede. Daquele que fui ao passar pelo blog. Era Zé sem a preocupação em negar o Kleber. Setembro mostrava esse acontecimento de maneira muito evidente a mim. Já era quase primavera quando

⁴² Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 101.

⁴³ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 110.

as folhas do Zé começaram a cair.

Caíam sem que eu percebesse, mesmo sendo eu um dos que fazia muita força para derrubá-las. Como se a pretensão habitasse uma sombra despretensiosa. Como não fosse possível dar conta das mínimas vontades, e essas ganhassem rumo mesmo quando ignoradas. O dito que é desdito pelas nuances dos acontecimentos.

A vida de blog parece um pouco isso. Parece um pouco nela a realidade material e com cheiros que experimentamos hoje. É como estar num carrinho da montanha russa do historiador Nicolau Sevcenko, só que em câmera lenta ou "slow-motion".

Teorias servem mais para manter a conversa, que para gerar convencimentos na blogosfera. Primo Zé, fluxo indefinido que sequer quis se dar o trabalho de inventar um endereço eletrônico para transitar pelo blog, encontra forma para dizer disso.

[primo zé]

Não há teoria nem existe achismo para isso. Posso vigiar teu carro? te pedir trocados? engraxar seus sapatos? Quem são os moradores de rua? São todos iguais? quantos são? O IBGE vai até eles, faz um censo? Eles sentem fome? E aqueles que odeiam sopa? Será que querem só sopa? A que classe eles pertencem? Eles têm classe? Algum morador de rua já foi entrevistado em algum programa de televisão sobre seus projetos, seus planos, seu passado? Eles assistem televisão? De que eles precisam? nem pensem, por favor, em discutir um possível Conselho Federal dos Moradores de Rua, com autonomia para fiscalizar a rotina de seus assistidos. Tudo. Se estão comendo mal, sentindo frio e completamente fodidos. Nem pensem em discutir políticas públicas, em discutir a ascensão

dos preconceitos, em discutir a decadência social do nosso país. juntem suas turmas, seus amigos, ajude, converse. Já viu aquele cara da pracinha de Vila Velha? pois é, conversa com ele. Bate um papo. Tem dias que ele é grosso pra caralho, mas tudo bem. Ele também tem seus dias de tensão, não é mesmo? é isso! Um grande abraço...
01/09/2004 16:41⁴⁴

Respondi ao Primo Zé e levei seu texto para a página de entrada. Seu texto rendeu 21 comentários. Nesses, dois novos ciberpassantes: Maria Tereza (mtta_2003@yahoo.com.br) e Pedro Bó, fluxo não-identificável no ciberespaço. Maria Tereza também era blogueira e pesquisadora da cibercultura e ao tomar conhecimento do seu trabalho, fui ao seu blog e deixei uma mensagem falando sobre esse espaço eletrônico que está em questão. Daí ela apareceu. De Pedro Bó, não há muito o que dizer, a não ser o que ele comentava.

Voltando, entretanto, aos comentários ao texto do Primo Zé, pela primeira vez, o Zé, outro, deixaria de comentar mensagens deixadas no blog, em função de uma viagem que eu precisava fazer, na qual não teria acesso a um micro conectado à Internet. Foi uma preocupação relevante que tive, tanto que resolvi deixar uma mensagem, justificando essa ausência, no dia 3 de setembro de 2005.

GENTE, A CONVERSA TÁ MOVIMENTADA. CHEGANDO E DIZENDO O QUE PENSA E O QUE QUER. FICO FELIZ. ESTAREI SEM TERMINAL NOS PRÓXIMOS QUATRO DIAS, MAS ESTAREI POR

⁴⁴ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 112.

AQUI, QUANDO APARECEREM. ATÉ LÁ ENTÃO. GRANDE ABRAÇO,
ZÉ O OUTRO.⁴⁵

Ao chegar, no dia 8, escrevi no blog da estranheza que sentia em estar apresentando respostas a todas as questões que se sucederam ali, enquanto estive fora. É que estava registrada ali uma discussão que expressava um momento que o Zé do Zé, o outro, não havia vivido. A expressão formal do mediador que responde aos comentários parecia agredir aquilo que havia sido expresso pelos passantes. Era tentar conversar com o passado, como se o presente pudesse ser passado por alguns instantes.

No começo da conversa, quando ainda não tinha saído em viagem, já havia respondido a um e a outro em relação àquela discussão, mas após o retorno, a coisa já era outra. Quatro dias fora e esse tempo produziu a necessidade de pensar o Zé naquele espaço. Necessidade que emergia pelo silêncio ao qual o Zé fora submetido.

Por outro lado, um outro Zé, o Primo, fazia as honras da casa. Suas passagens pelo blog, contribuía para modificar rumos nas conversas. Fazia alternar mais intensamente as velocidades de postagens no espaço dos comentários. Suas marolas efetuavam novas ondas, e agora sem que fosse

⁴⁵ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 113.

necessária a produção de apelos, como campanhas ou coisa parecida. Sua fala provocava outras, vestidas de afetos racionalizados e racionalizações afetadas, ao gosto do que é peculiar aos contatos com as diferenças.

Cabe o registro que a alcunha de Primo Zé fazia referência a uma relação de amizade que eu mantinha com essa pessoa no mundo dos cheiros. Já há algum tempo, falava do blog em conversas informais com conhecidos e também em ambientes diversos, que freqüentava ocasionalmente. Havia então esse conhecido, que tinha o mesmo sobrenome que eu, no caso Lopes, e mesmo sem que jamais tenhamos encontrado em nossa genealogia qualquer traço de uma genética comum, ele veio ao blog, sob a alcunha de Primo.

Quando veio blogar no Zé, o outro, saiu-se então com essa. Quando nos encontramos, alguma coisa me fez indagá-lo sobre o assunto. Respondeu afirmativamente e por ali a conversa se encerrou. Eu ainda respondia pelo Zé, ele falava pelo Primo Zé, e continuamos andando lá e cá, no blog, como antes.

A fala do Primo Zé desenvolvia em suas passagens um exercício militante, e seus registros no blog faziam força para que uma discussão mais engajada e uma leitura crítica do capitalismo se revelassem.

[primo zé]

Deixa eu dar um recado: há um pessoal aqui no Brasil que se encarrega de traduzir os textos da revista alemã Exit!, que é uma extensão do grupo Krisis, fundado por Robert Kurz. O grupo aborda em suas discussões principalmente as críticas à sociedade da mercadoria. Vale a pena estudá-los. O site está um pouco confuso, acho que ainda não organizaram os textos direitinho. Mas vale muito a pena!! tá em <http://obeco.planetaclix.pt/> Valeu!!!⁴⁶

Fiz a divulgação solicitada e adicionei o link ao blog para que aparecesse em suas indicações, na página de entrada. Esse procedimento é feito através das ferramentas de edição dos blogs filiados ao UOL, onde é possível configurar a página principal e indicar endereços eletrônicos, estabelecendo um aceso direto a esses através de um clique no ícone, com o mouse.

É o que chamam tecnicamente de hiperlink. No blog Zé, o outro já vinha há algum tempo indicando alguns espaços, como o blog Psicotópicos do Maikel, o personas do Luís César, o Radar do Tadeu Nogueira, o Cantinho de Minas da Amanda, dentre outros.

Foi lá que adicionei o endereço eletrônico solicitado pelo Primo Zé, mas com esse endereço, diferentemente dos outros já citados, não mantive contatos significativos. Estava experimentando as possibilidades do blog, as dinâmicas dos blogueiros, formas de contato e de expressão. A indicação do Primo apontava para uma outra história, mas mantive o link

⁴⁶ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 114.

aberto com as traduções do grupo Krisis.

Conversa vai, conversa vem e lá estava o Primo Zé a encaminhar novas proposições e entendimentos que lhe eram importantes.

[primo zé]

Bem, podemos dizer que formamos uma cooperativa aqui, nessa, digamos, zona autônoma virtual, onde é trabalhado o exercício do pensamento, do livre dizer e da aprendizagem. A repercussão desse trabalho se reflete em nossos dias, nas reflexões que continuamos fazendo mesmo após desligar o computador, mesmo após sair da Internet. Um exercício interessantíssimo de trabalho. Inclusive aqui podemos gerar conflitos no mundo de lá. O mundo dos cheiros se separa apenas por uma tênue e frágil linha dos outros mundos, e temos autonomia para causar desordem nas estruturas que incomodam. A desordem aqui pode estar em qualquer lugar, inclusive em nomes, personagens e não-personagens. A história parece manjada, mas me fascina o fato de eu, primo zé, poder ser apenas zé o outro travestido de outros comentários. Foreigner, Pedro bó, Adolf e Maikel, cia ltda, podem todos ser a mesma pessoa, podem brincar com o real que brinca de não ser real. Isso pode ser usado de diversas maneiras...
15/09/2004 18:13⁴⁷

Novamente levei o texto do Primo Zé para a página de entrada. Era uma contribuição importante para as conversas que o blog produzia e também para esse estudo, pois não conhecia o conceito ou seu autor. Havia entretanto na fala do Primo Zé uma interpretação que remetia à possibilidade de um indivíduo manipular realidades ao sabor de seus interesses e assumir feições distintas com base num suporte material, corpóreo, real, comum ao mundo dos cheiros.

⁴⁷ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 118.

Maikel do <http://psicotopicos.blogspot.com> chiou e se disse Psico, codinome que gosta de usar em seus blogs e por onde passa no que tange a cibercultura. No mundo dos cheiros, não sei se ele mantém essa forma de reconhecimento para se relacionar com os outros. O Zé, o outro, que era um codinome a serviço de uma tese, achou por bem sair de férias sem data de retorno prevista.

Em 16 de setembro de 2004, às 15h22, adicionei-me ao blog Zé, o outro, e passei a postar com meu nome. Agora, um blog outro energia e de algum modo, para mim, tinha esse começo:

KLEBER JEAN MATOS LOPES

Acima está meu nome. Posso ser ele, mas também posso ser um Zé. Fui Zé aqui. Desmanchei-me nele e ele se desmanchou em tantos outros seus convidados. Assim como eu também. Ressalva; entendo por eu um estado. Nesse momento desaparece a figura do Zé, o outro sozinho na blogosfera, gerente desse espaço. Apesar dele nunca ter estado sozinho. Fora antes a janela que fazia ver de dentro para fora e vice versa, sem jamais saber onde era o dentro e onde era o fora. Uma força que permitia acessos e acontecimentos. Zé tem sido um tanto de tantos que aqui passam e dizem e também daqueles que passam calados, mas são percebidos pelo controle de visitas. O espaço Zé, o outro continua. Tenho uma cara, um nome, mas não sou um eu exato. Porque fui Zé? Bom, isso eu vou dizer aos poucos. Agradeço a todos que aqui tem postado.

Meu abraço emocionado,

Kleber

ps: A BRINCADEIRA CONTINUA!

:: Escrito por Kleber Jean Matos Lopes às 15h22⁴⁸

Quase um epitáfio com louvores psicológicos. Quase, pois Zé não havia morrido, mas saído em férias; desaparecido da

⁴⁸ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 120.

indicação dos textos. Credito seu desaparecimento a uma certa inutilidade em responder ou encaminhar questões naquele momento no blog. O mesmo perdia a função, após tantas falsificações e vontades de outro correspondidas ou não.

Nesse dia, havia postado no blog o texto do Primo Zé e essa decisão, foi também uma resposta que vinha sendo construída e viu na postagem anterior, a gota que faz aparecer o não-visível, que fez soar o que estava ali, mas não era dito. Aquilo que faz exceder, aquilo que faz barulho. A postagem que apresentava o nome que carrego no mundo dos cheiros era um grito por autonomia nessa zona temporária, como indicara o Primo Zé⁴⁹.

Esse grito gerou quatro comentários. Dois do Primo Zé, um meu, que assumi o e-mail criado lá atrás - koutro@uol.com.br - para estabelecer comunicações com outros na blogosfera e um da Maria Tereza, ao qual o Zé, o outro, ainda veio a responder.

[Maria Tereza][mtta_2003@yahoo.com.br]

Haraquiri virtual ou seria harakiri para ficar mais "internético"? Esta palavra existe ou é loucura Internetiana, e essa existe também? Ai socorro!Primo Zé fazendo isto, faz isto não Kleber, ou seria Carlos?Deu um nó tão grande que estou girando a cabeça e olhando para trás enquanto o resto do meu corpo continuou igual...rsrsrsrs.

17/09/2004 17:29

RESPOSTA:

Maria, não gire tanto. Esse espaço tem uns iniciantes antigos. Eles e quem achar que deve vão tomar de conta

⁴⁹ Referência a proposta de Hakim Bey, autor de Zona autônoma temporária, onde discute a possibilidade de exercícios autônomos no ambiente cibernético.

do espaço. "Ocupar, resistir e produzir". Eu, o Zé, tô em desmanchamento em vocês. Se te interessa, manda um e-mail para koutro@uol.com.br e vem passear me mim, praça. O tempo adiante, pode ser interessante. É isso, abraços, Zé, o cada vez mais outro.⁵⁰

Na resposta a Maria, já foi apresentado o que de novo trazia esse acontecimento de deixar o ouvidor Zé, o outro, de lado, para passar a postar com o nome que carrego no mundo dos cheiros. Era algo um tanto óbvio, diante do que já acontecia nesse espaço cibernético. O bom do blog, já há algum tempo, estava na página escondida, na parte dos comentários e não me parecia interessante manter essa configuração.

Resolvi tentar mudar essa característica, onde os ciberpassantes pareciam menores que o Zé. Havia uma hierarquização comum ao funcionamento dos blogs pela estrutura disponível a sua utilização. Um autor e seus visitantes. O blog sobrevivera a ela, não se deixando rotular como um microimpério da intimidade contemporânea. Era hora de deixar acontecer com mais visibilidade aquilo que não era silêncio, mas jamais foi grito. O destino do Zé, o outro, se tornava uma experiência pública na cibercultura, com tudo aquilo que poderia ser consagrado como direito de escrita aos cibernautas que decidissem postar no blog.

⁵⁰ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 120.

4.2 Uma "praça de quem quizé"

Gente, rapidinho. O **Zé, o outro** muda de categoria. Era ponto de encontro, agora é praça. Por isso seria muito importante que mais gente viesse passear. Assim Foreigner, Luís César, Primo Zé, Tadeu, Cleopata, Brejeira, Sou o que não Sou, Branquelo e os outros amigos e amigas que desejarem postar na entrada, enviem um e-mail para koutro@uol.com.br para que eu possa cadastrá-los. Assim a possibilidade de conversa aumenta e o Zé continua a ser o que tem sido; um pouquinho de nós todos.

Abraços, Kleber.

Escrito por Zé às 17h08 [(3) Motores]⁵¹

Esse foi o terceiro texto postado no dia 16 de setembro. Um convite que buscava uma modalidade de conexão diferente. Agora passava a ser requerida alguma identificação para participar e exercer a prerrogativa de postar na página de entrada. Requisição que não era minha, mas exclusivamente da política de gerenciamento do provedor UOL. Aos fluxos não-identificados, restava a opção de se manter no espaço dos comentários, sabendo que não haveria um respondedor de plantão. Havia ainda a possibilidade de criar um endereço eletrônico com poucas referências à vida que se leva no mundo dos cheiros e pedir o cadastramento para blogar também nessa praça cibernética.

⁵¹ Disponível em < <http://zeoutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 121.

Praça que buscava constituir-se como um ponto de conversa e de encontro que, com a modificação, permite uma formalização de não-lugar distinta. Um não-lugar que requeria identificação para postar, mas onde a postagem significava uma passagem e não uma permanência. Falava-se para alguém, mas esse alguém não respondia de imediato ou sequer havia a garantia de alguma resposta. Caso a resposta viesse, essa ainda estaria limitada à possibilidade de desfazer desentendidos de imediato. O tempo é uma experiência incomum na blogosfera. Articula registro e ansiedade por resposta na mesma face.

Uma praça cibernética, disposta aos quereres era uma instigante proposta, mas também trazia consigo uma sombra da inviabilidade, por estar nas mãos alheias, os virtuais textos que lhe dariam vida. Era um novo contrato, pois o Zé, o outro, cheio de tolerâncias e escuta, havia saído de cena. Agora era conversa e só conversa.

Wilzilene Gonçalves (wilzilene@bol.com.br) foi a primeira a responder afirmativamente à proposta de participação na escrita do blog. Antes ela assumia o codinome "@frodite", como ela mesma revela na postagem, ainda no espaço dos comentários. Disse que agora preferia ser chamada e Wilzi. Ainda no dia 16, Luís César, blogueiro do www.personasafer.zip.net, confirma vontade de participar e

registra seu sobrenome na mensagem. "Meu sobrenome é... é... Schiavetto".

Dia 17, Maikel afirmou seu interesse e também a Madu Hakue (hakue@hotmail.com). O Zé Branquelo apareceu também para destilar seus dizeres, mas não disse que sim, nem que não. Assim, à medida que o koutro@uol.com.br recebia solicitações de cadastramento para escrever na página de entrada do blog Praça Zé, o outro, eu ia encaminhando imediatamente.

Dia 21, quase primavera de 2004, Maikel posta o primeiro texto de um convidado do blog. Falava nesse texto sobre matéria publicada pela revista "Isto É" em referência à passagem de Gilles Lipovestsky pelo Brasil e como o seu conceito de "hipermodernidade" ganhava expressão na mídia nacional. Luís César comentou, intensificando a crítica ao caráter mecânico na interpretação de Lipovestsky. Maikel, no espaço de comentários, dá prosseguimento à conversa. Nesse dia, o espaço pela primeira vez fechava um ciclo de postagem e comentários sem participação de uma linha escrita por mim ou pelo Zé.

Dia seguinte, 22 de setembro, Maikel de novo na Praça. Em postagem intitulada "umbiguismo grupal", aponta para o caráter corporativo do Conselho Federal de Medicina em encaminhar, junto ao Congresso Nacional, esforços para

aprovação de projeto, reconhecido por Ato médico. A partir da aprovação desse projeto pela Câmara e o Senado Federal, outras profissões que trabalham com a questão da saúde ficariam subordinadas a um parecer e encaminhamento do caso, exclusivamente pelos médicos.

Com esse argumento Maikel confirma sua disposição contrária ao que se havia discutido antes nesse espaço em referência ao projeto que criaria um Conselho Federal de Jornalismo. Comentei que, se as outras profissões não dispusessem de Conselhos pra organizarem suas lutas de caráter profissional, o ato médico já poderia ser realidade.

Dia 24, novamente Maikel postando e dessa vez para provocar os desaparecidos e os fluxos cibernéticos não-identificados.

ZÉ NINGUÉM

Parece que a idéia de tirar as máscaras virtuais assustou os freqüentadores do blogue. Branquelo/Adolf, Foreigner, Primo Zé, Cleopata, cadê todo mundo? Ninguém visita, ninguém comenta, ninguém se manifesta. Como costume dizer, Ninguém é um cara ativo. Ninguém se revolta, Ninguém se indigna, Ninguém reclama. O blogue de todos, agora é de ninguém. Há quem diga que o Brasil é terra de ninguém, mas eu duvido. Antes terra de poucos. Os poucos que mexem os pauzinhos e se perpetuam no poder, enquanto ninguém diz/faz nada. Mas tudo bem, "continuemos a nadar". Se ninguém diz nada, digo eu, já que ninguém se importa.
:: Escrito por Maikel Psico às 15h37
[(3) Motores]⁵²

Há uma ilustração nessa postagem do Maikel que não foi

⁵² Disponível em < <http://zeoutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 125.

reproduzida aqui onde três macaquinhos estão sentados num sofá: um escutando música e comendo pipoca, outro tapando os olhos e um terceiro com as mãos na boca. A imagem de que cada macaco num galho complementava o texto em que um Zé Ninguém poderia estar a tomar conta do espaço. Eu, Luís César e Cleopata comentamos a postagem do Maikel.

Entretanto havia a denúncia do risco de a Praça virar terra de ninguém. Foi então que o Zé foi retirado das férias, para reforçar a convocação daqueles que eram ciberpassantes habituais. Eu poderia ter assinado o texto como Kleber, mas havia um clima para aquele Zé, que respondia, voltar para dizer da sua inutilidade.

Quem somos nos?

como se isso fosse preciso

Maikel alerta. Quem somos nós? Insinua algum ninguém, mas que ninguém será nenhum por gosto. Está posto que alguém será nenhum; muitos. A doce minoria proclama ser alguém e assim nos evocamos. Bom, para não descambar em um platonismo pulsante, a dor que desconhece a lâmina, eis-me aqui para dizer que a praça são os passos e seus ruídos. Os burburinhos e os gritos. A vida cheia de graça. Desaprendi respostas. Queria nos perceber conversando, "quase sem querer"!

:: Escrito por Zé às 20h09
 [(4) Motores]⁵³

Wilzi, Cleopata, Tadeu e Primo Zé aparecem, e a Praça vê suas paisagens em movimento. A Praça são as pessoas e as histórias, pensava. Ali, nesse segmento que a cibercultura permite, insinuava-se "uma praça para quem quizé". O

trocadilho agride a gramática, mas acentua o sentido do mundano que não se deve reduzir a um padrão. Do mundano que escapa e se reinventa ao falsificar seu próprio gosto (DELEUZE, 1992).

Dia 28 e novamente o Maikel posta duas vezes na mesma data. Os dedos animados do Maikel produzem respostas e numa discussão sobre racismo no Orkut⁵⁴, puxada por ele, mais dois fluxos se presentificaram. Cabral Neto e Orkuteira apareceram para defender o software, depois desapareceram.

No dia seguinte, aparece o Primo Zé, já cadastrado na Praça, buscando discutir a questão do saber e das práticas acadêmicas. Trazia fragmentos de um artigo escrito por um professor de Comunicação da Universidade de Brasília, José Ribeiro Dourado, que estaria a denunciar o encarceramento do conhecimento.

Junto às idéias do professor Dourado, vinha a cópia de uma carta da estudante de Comunicação da UNB, Mara Lett (Mara_lett@zipmail.com.br), que estaria a propagar as idéias do professor Dourado, Brasil afora, através de um projeto de extensão universitária.

Mergulhei de cabeça na conversa proposta pelo Primo Zé, já

⁵³ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 126.

buscando viabilizar um contato com a Mara Lett. Maikel também veio na onda da suposta distância percebida entre o mundo vivido e o discurso acadêmico.

No dia 30 de setembro, deparei-me com matéria publicada no sítio do UOL, que afirmava haver 16 milhões de analfabetos com mais de 15 anos no Brasil, e somente 26% da população acima dessa idade tinha domínio das habilidades de leitura e escrita⁵⁵. Postei então esse material no blog e, para minha surpresa, o primeiro comentário foi escrito pela ciberpassante Mara Lett.

Havia lhe encaminhado um e-mail falando que ela havia aparecido no blog, assim como as idéias do professor Dourado, através do Primo Zé. No seu comentário, Mara detalha um pouco mais o que envolve a discussão promovida pelos estudantes da UNB e pelo professor Dourado. Amanda, Maria Teresa e Luís César também comentam a mensagem, mas voltados para as questões que envolvem a produção do analfabetismo nacional.

No dia 2 de outubro, levei a mensagem da Mara para a página de entrada. Onze pessoas comentaram, e essa discussão de fumaça soprada pelo Primo Zé se fez fogueira. Maria Tereza

⁵⁴ Suporte disponível na Rede Mundial de Computadores, que após cadastramento permite a construção e manutenção de um endereço pessoal, capaz de conectar-se a outros, montando assim uma rede de relacionamentos.

⁵⁵ Dados disponibilizados pelo Instituto Paulo Montenegro, filiado ao Ibope, no endereço <http://noticias.uol.com.br/educacao/ultnot/ult105u3394.jhtm>, em acesso no dia 30 de setembro de 2004.

abriu a seção de comentários e foi seguida pelo Maikel, Luís César, Anajara (sofiasurya@hotmail.com), que se disse filha da Maria Teresa e estava aparecendo pela primeira vez no blog, Primo Zé e eu. Alguns comentaram mais de uma vez.

Achei a conversa muito empolgante. De algum modo, todos esses estavam ligados a questões universitárias e isso aproximava ainda mais de nós essa realidade que era posta em questão. Levei então todos esses comentários para a página de entrada em 5 de outubro. A conversa andava e Foreigner apareceu comentando a postagem da discussão. Ele buscava estabelecer um contraponto para as questões que eram colocadas.

[Foreigner]

Não consegui entender direito o que vocês estão discutindo aqui. Alguns falam de conhecimento científico como sinônimo de acadêmico, fazem diferenciação entre conhecimento teórico e prático e no final eu fico completamente perdido. Li o artigo do tal do Dourado e me parece que ele está falando de uma outra coisa. Usando o exemplo dos seus pares, ele critica o conhecimento que se fecha nele mesmo. Não entendi que ele necessariamente ataca a academia, mas qualquer sistema que se considere a resposta para tudo, seja ele elitista ou popular, teórico ou prático. Na verdade, o artigo dele é uma peça retórica de defesa ideológica, e nada mais. Desculpem a ignorância, mas se alguém puder me explicar o que estão discutindo, fico muito grato. Desculpem a falta de acentos, mas meu computador não os possui. Um abraço.

06/10/2004 11:31⁵⁶

Maikel, em postagem do dia 6 de outubro, resolve explicar ao Foreigner os sentidos do professor Dourado e um debate entre

eles se estabelece. A postagem do Maikel recebe cinco comentários, sendo um meu, um do Foreigner e três dele próprio.

Primo Zé aparece dia 7 num novo post, e entra com a questão do artista na discussão. Apresenta um poema do Maiakovski que clama para que se eleve a cultura do povo. Oito comentários e a conversa cuspidada no blog era agridoce, ainda em tom de empolgação. Oito comentários vieram no pós-Maiakovski e Mara Lett estava em dois deles. Num agradecia o convite para conversar na Praça, no outro emitia alguns pareceres sobre a vida acadêmica.

Novos posts apenas no dia 8 e no dia 13, ambos do Maikel, retornando com a questão do jornalismo e a cobertura das eleições municipais. O jornal Folha de S. Paulo e a campanha pró-candidatura à prefeitura da cidade de São Paulo, de José Serra (PSDB). Dia 14, publico um texto que articula essas questões que o Maikel levantara. Conversaram com essas postagens, além de Maikel e eu, o Luís César, o Tadeu Nogueira a Insana - ainda como fluxo não-identificado - e a Amanda Tote.

As postagens seguintes orbitaram nesse campo de conversações sobre eleições. Em 19 de outubro uma postagem na página de

⁵⁶ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 137.

entrada de Amanda Tote. Era a sua primeira na página de entrada na Praça e desdobrava as discussões anteriores, sobre parcialidade jornalística e os possíveis desvios no ideário do Partido dos Trabalhadores, após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva.

As irregularidades apontadas pela equipe de reportagem do programa Fantástico estão ocorrendo desde o início do programa Bolsa Família, quando ficou a critério de cadastros feitos pelas prefeituras. Bastou o alarme em rede nacional, para que providências fossem tomadas. Patrus justificou os problemas encontrados devido à grandiosidade do programa, um país grande, complexo e descentralizado, com mais de 5.500 municípios, além da herança do governo passado com cadastros considerados por ele frágeis. Nas cidades de Pedreiras(MA), Cáceres(MT) e Piraquara(PR), constatou-se diversas famílias de classe média, incluindo funcionários de prefeituras, que recebem indevidamente dinheiro de programas como o Bolsa-Escola, Auxílio-Gás, Bolsa-Alimentação e o Cartão-Alimentação. Esses quatro programas foram substituídos no atual governo pelo Bolsa-Família. Escrito por Amanda Tote às 08h40.⁵⁷

Seis comentários sucederam a postagem da Amanda. Nesses apareciam algumas divergências sobre como encaminhar as prováveis soluções para os problemas nacionais. Eugênia Moreira, fluxo não-identificado, recém-aparecida nessa Praça, propõe deixar as conversas pela Internet de lado e pegar a estrada real do mundo dos cheiros, para conversar e entender o Brasil.

Maria Tereza pediu encaminhamentos a Eugênia, enquanto Maikel e Foreigner urdiam uma conversa que esticava a corda da

⁵⁷ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 147.

tolerância, quem sabe atrás de medir seu limite num ambiente cibernético. Dia 20 de outubro Maikel posta carta aberta ao Foreigner, com o título Pela Utopia. O texto recebeu nove comentários: eu abri ponderando a força excessiva usada pelo Maikel para se referir ao Foreigner e depois esse apareceu e ficaram os dois a discutir modos de transformação da sociedade. Maikel posta ainda um outro texto nesse dia, buscando dar extensões à proposta da Eugênia.

Dia 21, em postagem minha comento que, apesar de meus esforços, do Primo Zé e da Mara Lett, o professor Dourado jamais deu sinal de vida. Não rendeu, mas novamente o Maikel, cheio de inspiração, retorna à carga contra os comentários do Foreigner, que ele havia intitulado de "darwinismo social". Ao fim desse texto, três comentários:

[Foreigner]

Entao vamos fazer o seguinte: eu nao falo nada e voce nao ouve... E' melhor assim. Nao sei se voce e' apenas mal-intencionado ou muda o que eu disse apenas por ignorancia. 1- a teoria evolucionista "social" como voce a chama tem origem nos trabalhos de Darwin, que, obviamente, voce nunca leu. 2- seu "qualquer antropologo" e' apenas um. 3- Voce nao faz a minima ideia do que biologicamente quer dizer "sobrevivencia do mais apto". 4- O fato de que qualquer teoria deve ser testada e reproduzida e' o alicerce da ciencia. 5- Citar casos de eugenia para dizer que a Teoria da Evolucao nao pode ser utilizada em um contexto social e' um dos argumentos mais baixos que ja' ouvi. 6- E' logico que o homem se aproxima dos animais, mas nem por isso e' so' isso, e, alias, os Yanomamis sao humanos, caso voce nao o saiba. Poderia ficar aqui falando muito mais tempo, mas os darei o prazer da minha ausencia permanente. Nao estou nem um pouco disposto a desperdicar meu ja escasso tempo.
21/10/2004 19:29

[Maikel (Psico) ou Psico]

(Maikel)] [maikelsgri@click21.com.br] [http://psicotopicos.blogspot.com]

(1) Biologia não é a minha praia mesmo. Se você gosta, ok. Mas seja mais cauteloso na hora de usar transplantar teorias de uma ciência para compreender outra. (2) Os trabalhos de Malinowski também vão nesse sentido. Gilberto Velho também é antropólogo. Um dos mais respeitados do Brasil. (3) Biologia? Outra vez?. (4) Os alicerces da ciência, muitas vezes, apodrecem. (5) Você tem o direito de pensar assim. (6) Toda essa discussão começou em função de coisas que você dá como "certas", "lógicas". E quem aproximou os Yanomamis dos animais foi você. Para mim humanidade e cultura estão diretamente relacionadas, é isso que você parece não ter entendido ainda. Insinuar que eu considero os Yanomamis inferiores é usar de má fé. Mais uma vez, você distorce meus argumentos, mas vou respeitar seu recurso retórico. Pense nisso. Falô, Foreigner, também gosto de você... ´mabraço!

22/10/2004 14:30

[Maria Tereza] [mtta_2003@yahoo.com.br]

Gente, que que é isto? Não gostei e não volto mais aqui? Confesso que embora eu não polemize nunca ou quase nunca, nem por isto deixo de me apavorar quando boas discussões descambam a este ponto. Acho uma pena. 24/10/2004 10:52.⁵⁸

Maria Tereza deu o tom da medida da disputa bit-intelectual de Maikel e Foreigner. Mas, quando li apressadamente seu comentário, ainda no dia 24, não observei devidamente o ponto de interrogação que ela fincara após a frase "Não gostei e não volto mais aqui". Reproduzi esse comentário na página de entrada e, mesmo assim, estive cego em relação à interrogação. Acabei pegando pesado com a Tereza, sem motivo, o que ela ponderou no comentário do meu post. Restaram-me as desculpas, que fiz nos comentários e também numa postagem no dia seguinte.

A vida continuou no blog, mas pelos dias seguintes com um

sabor de vazio, apesar das postagens. Fiquei meio sem chão, pela inobservância da interrogação no texto da Maria Tereza. Ligava o computador, conectava-o à Internet e me vinha a imagem do texto. Um caso resolvido, mal-resolvido em mim. Não-lugares podem fazer isso com a gente?

Adiante Maikel e Amanda Tote se revezam nas postagens e a campanha eleitoral retorna às nossas manchetes no dia 26, ainda em outubro. Ao final desse dia, aparece também o Primo Zé, e a contundência criativa das suas tiradas.

O Prazer da Ausência Permanente

Estamos inaugurando neste exato momento a era das mágoas virtuais, das ofensas digitais e das ausências cibernéticas.

Ausência cibernética não existe. Ou melhor, isso não é uma certeza. Foreigner, isso com certeza, anda passando por aqui e dando uma olhadinha, no estilo casa dos artistas, sabe, aquela coisa, olha mas não comenta, dá uma olhada se o maikel falou mais alguma coisa que o faça ficar um pouco indignado, um pouco magoado, excitado, sei lá, muitas emoções podem ser despertadas em frente a essa maquininha maravilhosa. Talvez exista prazer nisso. Sabe o que é fascinante? Nós, de certa forma, estamos nos tornando amigos! Nós e nossas discussões, nossas ideologias, nossas defesas e nossos ataques. Nós e nossa deliciosa loucura. Mas engraçado. Continuo meio deslocado. Preciso de cerveja na praça, urgentemente. Proponho abrir um boteco na praça, com copo sujo e amendoim torrado. Pode ser em Guarapari, maikel, pode ser em qualquer lugar.

porém, Olha que vício... esses dias em que não botei os pés no cuspódromo senti uma tremenda falta de teclar aqui, na praça. Mesmo dar uma olhadinha, muito bom.

Aqui se fala de tudo não é mesmo?? A gente pode brigar, pode xingar um belo palavrão qualquer, pode ser sério ou não, e ninguém pode perceber. A ironia está nos olhares, e a praça não mostra olhares (a não ser nas entrelinhas, como foi bem afirmado anteriormente). Pode-se mentir e inventar e discutir e criar e poetizar a vida. Delícia!!! O filho da puta do Professor Dr. José Ribeiro Dourado,

⁵⁸ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 155.

com aquele seu textozinho de merda, nunca mais apareceu. Deve ter caído de avião com destino a alguma conferencia com seus amigos portadores de crise gastrointestinal filosófica. Deve ter sido engolido pelo abominável monstro do campus. Deve estar por aí, por aqui, em algum lugar. Entrarei aqui amanhã e espero ser indignado mais uma vez. Assim me sinto vivo. Um grande abraço!
 :: Escrito por Primo Zé às 21h16⁵⁹

Oito comentários se sucederam. O primeiro foi meu, assinando em baixo do que havia dito o Primo. Depois Maria Tereza, Laura (www.terraavista.zip.net) e o Maikel. De algum modos todos faziam referência ao que havia dito o Primo Zé. Aí apareceu o próprio Primo Zé para dizer que o Dourado havia sido uma invenção sua, "uma espécie de teste" que buscava pôr em xeque a questão da identidade no mundo virtual. A Mara também era uma invenção sua e diz que entregou o jogo por não ter tempo disponível para continuar a ser o Dourado, que jamais apareceu como Dourado.

Maikel comenta em tom de lamento a posição de tirar as máscaras novamente. Eu levo essa discussão para a página de entrada, assumindo um tom também de lamento em relação ao acontecido. No calor que a informação produzira, para mim o sentimento era que se perdera alguma coisa que eu achava que a Praça possuía. Uma quase traição se afirmava, como recheio de um grande desapontamento.

⁵⁹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 164.

Conversamos sobre isso eu, Tereza, Maikel e o Primo Zé. Esse estava em suas entrelinhas, acho, até mais incomodado que eu. Mas a dificuldade em engolir, impedia também dizer mais sobre os sentidos da experiência do Primo Zé na Praça. Assim novembro se inicia e foi-se falar de eleições, de maneira fria no blog. Sentia o frio dos não-lugares e o espanto de não tê-lo percebido antes. Parecia tudo distante, aos meus olhos naquela praça, nos dias seguintes.

Laura, que passara a freqüentar o blog, espanta-se em encontrar a Amanda por ali. Tropeços cibernéticos entre blogueiros.

[Laura][www.terraavista.zip.net]

Amanda, você por estas bandas. (rs) Legal ! A perda é de todo o mundo. Jamais fui pró-Kerry, mas sempre fui contrária à política de Bush, claro. Sou do tipo que ainda acredita nas utópicas idéias anarquistas de Bakunin, mas eu admito que esperava que os estadunidenses aproveitassem essa oportunidade para dizer ao mundo que não compactuam com a truculenta ação de Bush. Ledo engano ! Abraços.

06/11/2004 04:19⁶⁰

Encontros inusitados na Praça e a vida continua. Novas figuras e configurações. Veio então o Maikel com a polêmica em torno da história de um juiz da cidade de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, que acionara a justiça para ser tratado com a deferência de doutor, no condomínio em que

⁶⁰ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 169.

morava. Depois das inconfidências do Primo Zé, foi a primeira postagem a render uma conversa pulsante na Praça.

Laura aceita o convite e, numa discussão sobre vulgaridade das línguas latinas, posta um poema do cearense Patativa do Assaré, intitulado Aos poetas clássicos. Rende uma conversa de nove ditos e já era quase metade de novembro. Ano findando e os blogueiros, já habituados à Praça, não apareciam com a mesma freqüência. A primavera parecia ter por conseqüência o outono, pois a chegada de dezembro, não parecia verão.

Estava entre fria e morna a Praça. Recordo que em alguns dias, pensava em pôr fim ao espaço ou mesmo trazer o Zé de volta. Parecia que eu estava fora e o blog poderia ir definhando devagarinho. Apesar desse sentimento, continuava a conversar por lá, sem, no entanto, expressar esse meu sentido.

Em dezembro, a Praça expressa bem um certo descaso com a conservação de suas paisagens. Foram apenas seis postagens. Quatro minhas, uma do Maikel e uma do Luís César. Não foi à toa que, em 21 de dezembro, Maikel comenta: "Ô, Kleber, por onde você anda, meu caro? Absorvido pelo 'mundo dos cheiros' ou só cansado do blogue??? Dê sinais de fumaça, digo, de

vida! De vida! 'mabraço"⁶¹.

Aproveitei essa mensagem, para fechar meu ano na Praça, com a desculpa de que outras ocupações no mundo dos cheiros haviam-me afastado. Desejei um 2005 de felicidades, avisando que estaria saindo em férias e que por isso continuaria um tanto distante.

Férias para o blog e para o mundo dos cheiros é aquilo que me propunha. Férias para buscar um lugar não-fúgido, com vontades e possibilidades de permanências. Algo para não lembrar solitariamente. A intensidade dos não-lugares cansa. Ela demanda o desmanchamento dos propósitos e das vontades compartilhadas, como possuísse o dom da ilusão, do fortuito. Aquilo que faz mais difícil a experiência do outro no contemporâneo. Aquilo que trata em nome de estabilidades, mesmo que sejam a expressão do instantâneo. A lógica do breve, que se repete sem que se perceba. O retorno de um si-mesmo, pouco propenso a tentar um si-outro.

Essa era uma questão que já me aparecia em fins de 2004, em relação à análise que fazia das relações no ambiente da cibercultura. Novamente a idéia de pôr um ponto final no blog que ousou ser Praça. Entretanto, em janeiro de 2005, Amanda Tote e Maikel mantiveram postagens, apesar de um ou outro

⁶¹ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 186.

requisitar discussões mais vivas.

Em fevereiro retorno com maior frequência. Bloguei sobre o aniversário de 25 anos do Partido dos Trabalhadores (PT), e Luís César e Sarah (<http://solipsismocolateral.zip.net>) vieram conversar. Três dias depois, Severino Cavalcante, do Partido Popular (PP) é eleito presidente da Câmara do Deputados. Amanda e eu postamos sobre o assunto que rendeu alguma polêmica entre os ciberpassantes. Junior, um fluxo não-identificado fazia o contraponto de algumas opiniões, mas nada andava muito.

Algumas outras vezes, discutimos sobre o presidente Lula e seu modo de expressar-se em público, o filme Garota de Ouro de Clint Estwood e o caso da Tery Schiavo, até que, em 11 de abril de 2005, novamente venho justificar minha ausência.

Já não mostrava a cara nessa página há um bom tempo. Nisso muita coisa aconteceu e a página ficou paralisada, como um espaço que se instala num instante e teima em permanecer ali, até que alguém lhe redirecione. Um mundo disposto ao uso. Um mundo de usuários.

Bom quando as coisas estão em uso, não se percebe o desgaste das mesmas. Usa-se compulsivamente até que a fadiga se instale. É o tempo que aparece e diz que enquanto em uso, não se lhe via, mas ali estava, mesmo que por um instante apenas.

São novas experiências. Novas realidades.

Veza por outra venho aqui para ver se alguém apareceu na Praça. Saudades dos tempos de Praça. Mas eu mesmo ou algo que assim se reconhece, precisava de outros ventos que não se percebem bem, nesses tempos instantâneos de postagens.

Daí minha ausência.

Um grande abraço a todos e até breve.

:: Escrito por Kleber Jean Matos Lopes às 14h56⁶²

A vontade de circo e a política de cuspir conversa haviam sido desabilitadas em mim para postagens no blog. Havia, entretanto, um incômodo em pôr um fim a algo que não sentia ser meu. Apesar de possuir o vínculo de administrador, não poderia esquecer o convite que fizera aos que passavam e queriam blogar. Pensei em sair e deixar o blog aberto. Na saída, uma comunicação, que qual fiz em carta aberta, destinada ao Luís César.

Carta aberta ao amigo Luís César

Caro amigo,

Espero que tudo esteja bem com você e aqueles que também lhe são caros. Por aqui, vou indo em meio a e-mails e outras comunicações que se encaminham e se interrompem, sem que a gente saiba direito os motivos. São os trumbicamentos que toda história possui. Gargalos, porque não.

Pois bem, escrevo-lhe abertamente para dizer não dos motivos da Praça parecer cansada, mas para tratar do cansaço que me acomete. É que anda de pouco senso e gosto, vir aqui para dizer algo e esperar ecos. Sei que aqui e acolá reverbera, como seus Picles o fazem hoje, mas penso que estacionei no banco da Praça e de silêncio em silêncio, resolvi andar pela cidade. Coisa que não fazia há tempos. Ia na casa de poucos amigos e raras vezes nos ultimamente. Daí essa idéia de que a praça não pode ter endereço. Permanece entretanto esse. Para dizer qualquer coisa, de quando em vez. Mas vou tentar outros modos de convivência aqui na dita blogosfera, quem sabe mais dispostos a instantaneidade e transfiguração dessa mídia eletrônica. Ressalto entretanto que não faço isso por comodidade, mas porque tudo estava parecendo cômodo demais para um quarto só.

Fico nessas linhas e a gente se encontra em outras certamente.

Grande abraço!

Kleber

ps: Já havia mencionado que desenvolvo pesquisa sobre a temática da cibercultura. Devo dizer que entre

⁶² Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 205.

outras coisas, essas existências de Zé, de outro e de Praça fazem parte dessa discussão que faço. Assim, a quem interessar possa, até setembro/outubro, haverá uma tradução textual do que tento pensar agora. De novo abraços e até...

:: Escrito por Kleber Jean Matos Lopes às 15h55⁶³

Era o dia 14 de abril e nessa mesma data Luís responde à carta em uma nova postagem. Refletia outras questões, também vinculadas ao uso dos blogs. Falava de esgotamento em dissimular. Uma análise que lhe percorria e me mostrou a necessidade de pensar um pouco mais aquilo, que já havia guardado para escrever aqui.

Resposta (aberta) ao amigo Jean -
 Conectei-me para ver e-mail e resolvi dar uma passadinha pelo "Crônica", "Insólitos", "Arca Brasil" e, por fim, "Praça". Fiquei surpreso com a carta que o Kleber postou para mim. Na verdade ele está a responder, também, a Tote e, de uma forma geral, a todos que por aqui passam. Não poderia, então, deixar de respondê-lo neste mesmo endereço. Tenho refletido um pouco sobre blogs. Quando você diz na carta "*É que ando de pouco senso e gosto, vir aqui para dizer algo e esperar eco*" pensei na idéia de amadurecimento do uso do espaço. E por que se deu dessa forma? Esgotamento! Essa é a palavra, acredito. Depois de um longo período escrevendo o "Personas", dei-me conta que também havia esgotado uma certa dissimulação, um certo "tampar o sol com a peneira" quando me posiciono diante de meu blog. Sim, o nome deste formato é blog. Sim, o que estamos a alimentar é um blog! O que estou a dizer, afinal? Falo do vício que um blog desenvolve em nós. Falo dos nossos textos, das nossas idéias mendigando um registro no campo de comentários. Ora, a partir do esgotamento damos conta, e nos envergonhamos, que não há a necessidade do leitor manifestar-se no sentido de estar "massageando" o ego do autor de um blog. Este já é um vício recorrente. Admitamos, nós, autores de diários virtuais, o quanto isso se tornou um vício desprezível. Exigir menos a caridade do leitor e mais o engrandecimento "espiritual" do autor. Deve ser dessa forma, pois devemos ser duros conosco para podermos crescer um pouco mais e com dignidade. Mesmo explicitando essa

⁶³ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 205.

idéia, tenho certeza que muitos negarão que as coisas se dão dessa forma num blog. E não é a negação a maior verdade quando julgamo-nos diante dos outros? Vale dizer, então: talvez uma solução mais próxima do aceitável seja a comunicação *off-line* entre autor e leitor. Caso o que lê tenha necessidade de ressaltar algo do texto poderá fazê-lo diretamente com o autor através de um *e-mail* que o Blog deixará disponível aos visitantes. Mas, Kleber, pode ser que não é nada disso que você esteja a falar...

Um abraço do amigo Luís.

:: Escrito por Luís César às 19h26⁶⁴

Luís retoma a questão do indivíduo de ego a ser inflado e que essa é uma dinâmica que ruma para o esgotamento. Propõe uma outra engenharia para experiência de circular pelo ciberespaço, que fuja a essa proposta, com um contato via e-mail direto, entre autor e leitor. Questões psicológicas, comunicacionais, estéticas, éticas e políticas se dispunham a essa discussão. Mas quem escreve no ciberespaço parece optar pela economia discursiva, que busca o sentido da maneira mais breve.

As duas questões que eu apresentara demandavam encaminhamentos outros, que ali não foram produzidos. A fórmula que faz flutuar os afetos pelo ciberespaço articula as experiências da instantaneidade e da transfiguração. Escrevi isso na carta e é a isso que me reporto agora para considerar outras questões sobre os modos de constituição de si na cibercultura.

⁶⁴ Disponível em < <http://zeooutro.zip.net> > e no apêndice da tese, página 206.

6 A condição blogueira

A experiência do tempo e a feição que se busca dar a si, na administração de blogs ou mesmo na circulação nesses espaços, promovem modos que garantem a construção de entendimentos coletivos nos ambientes da cibercultura. Essa é uma consideração importante na análise que procedo, voltada para os registros dispostos no blog Zé, o outro.

Se o espaço, o tempo e um registro na rede mundial de computadores compõem a condição mínima para a circulação pela Internet, apenas a qualificação dessa modalidade de experiência pode apontar para a construção de um sentido coletivo como produto de relações que se viabilizam por um terminal de computador conectado.

Por mais óbvia que pareça essa constatação, ela requer alguns cuidados metodológicos para se dar a perceber. É que, no que se pode tomar por coletivo, há possibilidades de interpretações vastas. Assim, caracterizo coletivo como um movimento em que se permita alguma coexistência de forças distintas, em que elas não concorram para eliminação da outra ou da vida de ambas. Movimentos que se compõem por tentativas de outros movimentos, que resistam naquilo que lhes enseja, àquilo que marca padrões ou tentativas de identificações plenas.

Há uma deliberação imanente a esse enredo de fazer e deixar viver, o que de algum modo subverte a máxima dos processos de organização das populações no planeta, naquilo que busca garantir a sua preservação, não necessariamente promovendo vida a seus partícipes, o que Michel Foucault (1999), caracterizou por biopoder.

A essa dimensão preservativa ousei na feitura do blog ZÉ, o outro, uma estética que acolhesse e encaminhasse o estranho e com ele produzisse encaminhamentos distintos de si e dele-outro. Aquilo que o filósofo Gilles Deleuze (1992) chama de intercessores; os agentes que fazem a vida seguir, inventando-a a cada conversação.

Por isso, a discussão já apontada no começo desse texto, através da leitura de Rudiger sobre a cibercultura, não pode ficar posta na euforia dos tecnófilos ou na desilusão dos tecnófobos, por mais que esses fluxos hermenêuticos se postem como balizas para a compreensão dos usos e sentidos que a tecnologia assumiu ou vem assumindo no mundo contemporâneo.

Essas disposições analíticas não dão conta de encerrar a discussão, por mais que às vezes pareçam indicar essa pretensão. Antes caberia apontar para uma lógica que subverta essa pretensão de silenciar, pois os ditos que assim procedem, historicamente, têm permitido intensificar ainda

mais os modos de dizer sobre algo que se queria conclusivo. Os blogs podem ser tomados como efeito ou sintoma disso que ponho em análise.

Essa intensidade assume o sentido de dispositivo e uma construção discursiva, onde estratégias são feitas, desfeitas e refeitas, viabilizando modos e formas de produzir e experimentar a vida ou a via-subjetivação. Aquilo que do previsto escapa e se faz inusitado, mesmo quando o dia amanhece. Inusitado que nesse texto-tese estou discutindo como uma experiência de transfiguração. Algo que atravessa o figurativo e o transforma, mesmo que ele não tenha consciência da modificação. Algo comum em relacionamentos.

Aquilo que navega pela rede e se faz face, sabendo de si, no máximo, uma interface. Amanhece-se assim nas páginas eletrônicas de suporte binário, para reamanhecer nas conexões de outros fluxos, que o hipertexto proporciona. Estranha-me a possibilidade de noite no mundo digital. Não há noite nessa dimensão. É sempre dia, é sempre amanhecer e de modo tão frenético esse processo, que é de pouca probabilidade supor inícios e fins.

Parece sempre meio-dia no mundo da realidade cibernética. A experiência de transfigurar-se ou não se permitir essa circunstância, mapeia as condições de uso de um terminal de

computador conectado à Internet. Diz de como os não lugares dessa realidade vão ser percorridos, e é essa possibilidade que vai marcar esteticamente a viabilidade de distinção existencial em meio a e-mails, blogs, links, etc.

Assim, se no dito mundo dos cheiros, alguém ensimesmado num lugar ermo, solitário, pode ir além de si, já que essa experiência aponta para uma situação antropológica comum à vida moderna, essa mesma pessoa, no que se toma por web ou mundo digital, conectada a essa rede, mas com uma tela aberta apenas para si, encontra-se numa outra modalidade de solidão. Nessa não terá condições de ser encontrada, de ser afetada por algo que lhe seja estranho. As modalidades de controle assumem sentidos outros, substantivam-se em uma conexão distinta aos modos de propagação eletromagnética de todos os tipos de informação, para tentar ser um em si ensimesmado.

Pessoas não podem ser encontradas em não-lugares digitais, onde a circulação não se efetua. A percepção do outro nos não-lugares, é a possibilidade de romper um pouco com essa circunstância da supermodernidade (AUGÉ, 2003). Ora, cabe o sofisma instantâneo, em apontar que o não-encontro, cristaliza a solidão dos não-lugares digitais.

O esforço de não ser encontrado nos lugares da modernidade, tende ao fracasso, já que as situações de acaso são

inumeráveis. Já o esforço em não ser percebido numa circunstância da rede mundial de computadores como a blogosfera tende ao sucesso do propósito, pois as mesmas situações de acaso são bastante diminuídas.

Tomando o blog Zé, o outro como parâmetro para essa análise, quando do seu aparecimento na blogosfera, tive que fazer um considerável esforço de divulgação e de escuta, para que ele se constituísse como um espaço de trânsito. Campanhas e campanhas se sucediam, como estratégias de fomentar conversas entre os que por ali viessem a transitar.

A vontade de circo e a política de cuspir conversa do blog Zé, o outro eram propósitos de mediação. Estratégias que se voltavam para viabilizar o dizer por ali. Assumiam uma feição midiática, esteticamente voltada para exercícios plurais da vontade de ser, mas que reduzidas ao projeto Zé, o outro, eram quase nada ou não iam além da solidão cibernética, esperançosa de um ermo tropeço de uma navegação. Entretanto à vontade de festa e de conversa era acrescida a relação de tolerância exagerada do Zé, tanto na divulgação do espaço, como da relação que estabelecia com quem por ali passava e deixava um registro na seção de comentários.

É e era extremamente incomum nos blogs que visitava no ano de 2004, o procedimento de responder aos comentários, em seguida

a eles, na mesma interface. Por outro lado era e é comum, ir responder na página do outro, quando esse tinha um blog. Algo como agradecer a visita recebida. Portanto, para um outro entender essa conversa, precisava atentar para a necessidade de percorrer endereços eletrônicos distintos.

Nos blogs muito visitados, às vezes se via um post que comentava mensagens recebidas, mas algo muito distante de uma interlocução em que se diz algo, espera uma resposta, faz alguma interpretação dela e se permite desdobrar o que foi dito. Esse procedimento permitiu que retornos de alguns ciberpassantes fossem recorrentes. Possibilitou a construção das primeiras rotinas, tanto entre aqueles que eram passíveis de alguma identificação, como também com os que se queriam um fluxo não-identificado.

Cabe ressaltar que não havia em minha disposição de pesquisar a blogosfera uma deliberação em transformá-la em algo, pré-definido como mais adequado, melhor ou coisa que o valha. Esse procedimento teórico-metodológico que atende por pesquisa-ação (BARBIER, 2002) não foi pauta sequer das minhas preocupações epistemológicas. A interferência no campo dava-se sob outro tipo de cuidado procedimental. Algo que se viabiliza para uma experiência, onde a participação do pesquisador conta muito, mas não assume a feição de determinar fluxos e conclusões, a partir do que lhe poderia

tomar como próprio.

Era nessa lógica que o Zé, o outro, intervinha no processo e foi também esse propósito que permitiu a transformação do blog do Zé em uma praça cibernética, onde fora conferido aos passantes habituais a mesma modalidade de intervenção. Um campo aberto, pois em todo campo há aberturas, mesmo aqueles que resistem intensamente a esse modo de propagação do que está vivo. Algo sempre escapa.

O Zé, o outro, fazia movimentos para garantir permanência alheia em seu blog e isso fazia com que esse espaço fosse cada vez menos seu. Na descrição analítica já disposta nesse texto, em vários momentos é possível caracterizar essa tese. Isso é de fácil percepção até pela dimensão de buscar outros, que desde a sua emergência, o blog assumiu como política.

Foi uma maneira de resistir a um certo tom de hegemonia que marcava essa condição de blogueiro, mas não se pretendia nada muito além disso. Se Sibilina (2003) e Schittine (2004) enxergavam uma intimidade a ganhar força com o incremento dos blogs nos usos que se fazem no contemporâneo na Rede Mundial de Computadores, eu buscava ver o que poderia escapar nessa lógica, em que o figurativo parece realçado a uma condição de quase exclusividade.

Nas maneiras de divulgar e receber os ciberpassantes, o blog

Zé, o outro, buscava frustrar essa circunstância de figuração. Um modo de resistir que intencionava alteridades, não por reforço, mas por cumplicidade como desdobramento de relações. Entretanto não consigo configurar essa postura como uma senha para a experiência da transfiguração no instantâneo da Internet.

O saber popular costuma afirmar que se enxerga apenas aquilo que se quer ver. As senhas do enxergar desse procedimento são de ordem subjetiva, são singulares as histórias daqueles que percebem e se permitem perceber. Entretanto o registro desse jogo perceptivo caracteriza o processo de transfiguração, mesmo nos não-lugares. Não há como montar um campo para a visão se dispor ao seu entendimento. Há, entretanto, campos onde entendimentos se fazem desentendimentos e se permitem um outro sentido comum, quando essa é a condição do jogo com palavras, dito conversa.

Nos lugares e não-lugares a conversa transita, seu desdobramento é o que efetua sentidos diferenciados. Defendo aqui a tese de que a Rede Mundial de Computadores é um campo sem igual para a expressão dos não-lugares de Augé (2003), através de dispositivos como a transfiguração. A página não alimentada, perece, morre, deixa de ser não-lugar, mesmo com uma inscrição espacial. Lugar também não é. A página hiper-alimentada sucumbe instantaneamente à lógica do espaço que

promove experiências fragmentárias, flutuantes e efêmeras. Desdobra-se num espaço para a produção de não-lugares.

Tudo parece pairar e isso indica uma diferenciação nos modos de compreender e produzir a realidade do mundo dos cheiros e do mundo inodoro da Internet. Mas há pontes entre essas realidades, pontes que lhes são constitutivas. Pontes humanas, demasiadamente humanas por mais ciborgue que pareça ser esse contexto simbiótico que abriga essas relações e suas pontes.

Isso para afirmar que a senha que viabiliza o ingresso à Rede Mundial de Computadores, que permite a conexão, seja a cabo, seja por modem, seja por ondas de rádio se desfaz ante o que pode vir a ser feito ali. A identificação assume um viés de registro, mas não de determinação do ser. São possíveis escapes, são possíveis invenções nesses momentos instantâneos em que se experimenta o ciberespaço.

Os fluxos semânticos não-passíveis de identificação que circulavam pelo blog Zé, o outro, e também por inúmeros outros espaços dispostos a algum tipo de registro na WEB, são expressões maiores da consistência que esses modos de aparecer refletem. Há vida neles, mas essa flexiona o desapego, por mais que se apareça numa interface para deixar mensagens. No blog Zé, o outro, foram muitos os que se

apresentaram sob essa lógica que indica a constituição de um jogo que opera os sentidos, viabilizando-se como entretenimento.

O entretenimento é uma ponte importante entre essas duas realidades. Entretenimento que faz o tempo correr ainda mais, tornando o presente algo à beira da obsolescência. O futuro duvidoso precisa chegar logo e a aceleração dos ritos e ritmos faz parceira com a ansiedade que se dissemina como um fluxo entre as existências.

Há um sujeito do entretenimento marcado pela ânsia de experimentar o que parece distante, como também marcado pela vontade de se desfazer imediatamente daquilo que o incomoda, dos cheiros que lhe tiram o apetite, dos sons que o emudecem, por não querer suportar uma interlocução duradoura. Esse sujeito fala da experiência de não precisar ser para os outros, mesmo parecendo ser a si mesmo. Esse sujeito é um fluxo que se transfigura do modo mais breve no uso de um computador conectado à Internet.

Esse é também o sujeito que menos parece se incomodar com os modos de transfiguração na experiência dos não-lugares. Prefere que seja assim, pois isso suaviza suas passagens pelas interfaces do ciberespaço. Naquilo que registra, opta pelo não reconhecimento. Busca isso. Quando afetado, pode vir

a responder, mas o tom que assume é antes o da provocação.

Assim o foram no blog Zé, o outro Zé Branquelo, João Ninguém, Moacir Franco, Anita, Zé Carente, Zexagerado, Tirulipa, Cá, Pink e Cérebro, Pimentinha, Zé Crítico, Anna Scott, Débora (Insana), Adolf!, Jota, Zé da Máscara, Fofo e Fofinha, Foreigner, Ednardo e Primo Zé, pelo menos até 16 de setembro de 2004. Essa é a data que marca uma virada nos modos de relação entre os visitantes e quem gerenciava o espaço, no caso, eu.

Não citei no parágrafo anterior, mas tomo o Zé, o outro, respondedor oficial, como um fluxo que se permitia transfigurações por contato, a cada contato. A partir do momento em que saí de cena o Zé, o outro, deixam de flutuar de maneira constante no blog, os tais fluxos semânticos não-passíveis de identificação. Entretanto três desses permanecem, mas de algum modo identificados, pois assumiam a vez de portar uma maneira peculiar de encaminhar seus discursos e aqui faço referência ao Zé Branquelo, Foreigner e Primo Zé.

Já o Primo Zé, assume um endereço eletrônico passível de comunicação no ciberespaço. Entretanto, mesmo assim, não figura nas páginas do blog esse endereço. Como era opcional esse registro, Primo Zé jamais o fez. A não ser para

solicitar o cadastramento. Depois disso, em sua breve temporada no blog, reserva-se o lugar de estabelecer críticas aos usos liberais do ciberespaço e a realizar a experiência já relatada no capítulo anterior, que envolvia a aluna da UNB, Mara e o professor de Comunicação que estabelecia a crítica ao funcionamento da Academia, José Dourado.

Após o episódio, o primo Zé viu-se sem chão para continuar blogando no espaço e isso me foi dito no mundo dos cheiros, onde mantínhamos um contato rotineiro. A história que diz de suas passagens vai se desdobrar adiante. Nesse momento, estou a discutir os fluxos não-passíveis de identificação que se mantiveram a partir do momento em que o blog assume uma dimensão comunitária, e o Zé deixa de responder aos comentários registrados.

Zé Branquelo e Foreigner permanecem aparecendo, mas nem um, nem outro, manifestou interesse em se cadastrar no UOLBlog, passado a escrever na página de entrada. Ambos, entretanto, mantiveram o tom polêmico, seja pela irreverência exagerada que marcam as aparições do Zé Branquelo, seja pela expressão preocupada em firmar opinião sobre assuntos diversos, que caracterizam as falas do Foreigner.

Assim, esses vão ser os três vetores não-passíveis de identificação que vão permanecer no blog após sua feição de

praça. Com eles, muitos outros nomes e e-mails, mas é a permanência deles, mesmo potencialmente falando, que vai caracterizar o blog Zé, o outro, como uma experiência muito mais próxima dos não-lugares percebidos por Augé (2003) e que caracteriza a supermodernidade, que da relação umbilical entre humanos, num espaço cronologicamente constituído.

Zé Branquelo, quando aparecia, era a possibilidade de expressão dessa experiência onde não há um chão seguro de si. Não há um lugar para o pleno reconhecimento de si. Assim também se passava com as falas do Foreigner e a participação do Primo Zé. Eles, de maneira distinta, conspiravam pela lógica dos não-lugares. Inviabilizada a sua transfiguração em ser outros no blog, de algum modo, eles apontavam para os demais ciberpassantes passíveis de contato e identificação, que esses não poderiam ser aquilo que pretendiam.

E não poderiam ser, pelo contato com esses. As tentativas de outro se inviabilizam quando tomadas como uma linha de desenvolvimento interblogueiro. A isca do Primo Zé foi fisgada por muitos que buscavam fazer do endereço eletrônico <http://zeooutro.zip.net> um espaço de conversa plural e produtor de realidades. Aqueles que diziam pretender ir além do entretenimento na produção de blogs morderam a proposta de discutir algo, que não estaria jamais em pauta.

Do mesmo modo, o Maikel fez do Foreigner seu privilegiado interlocutor para estabelecer acaloradas discussões, sem jamais ter alguma ferramenta para mensurar com quem tratava. Esse acontecimento era restrito ao Foreigner, que também não se sabe, se poderá ter sabido do Maikel além do que esse registrara no blog.

Como as máscaras foram sempre condição para a experiência blogueira, esse controle de tentar, por alguma modalidade de interdição, saber dos passantes se perdeu na configuração do blog Zé, o outro. Assim, saber de si, era entender-se nas interfaces e ali se fazer um sujeito para navegações. Analiso rastros que essas experiências deixaram no blog; não mais que isso.

Rastros que busco entender como modos de resistir à mera figuração ou mesmo como tentativas de orientar a própria transfiguração. Rastros que apontam para os modos de subjetivação na rede mundial de computadores. Rastros que indicam hábitos ou que pelo menos insinuam freqüências da experiência de se dispor a estatutos de saberes distintos, para com eles transfigurar-se. Repito; não por intenção exclusiva, mas por condição da experiência de relacionar-se com a vida. Condição essa que diria dos modos de estar pelas interfaces e experimentar o escrito, o lido e as encruzilhadas da navegação pela rede de computadores

conectados. Experiência íntima ou experiência onde uma intimidade se dissimula, já não devendo mais ser pensada como tal?

A intimidade parece se perder entre tantas possibilidades para se dizer. Encontra-se entretanto nos espaços de figuração. Ali onde o íntimo é cultivado. O solo fecundo da intimidade contemporânea ainda se faz crise nos lugares. Os não-lugares na WEB são antes pontos de inflexão; pontos para escapar e inventar-se pelo pensamento, pela experiência pensada. Fazer-se como produto da filosofia, não para ser uma biografia como reclamava Nietzsche, mas, quem sabe, em via de expressão da vida como uma obra de arte.

6.1 Sujeito pelo pensamento

Quando se é jovem, não se deve hesitar em filosofar e, quando se é velho não se deve deixar de filosofar. Nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para ter cuidados com a própria alma. Quem disser que não é ainda ou não é mais tempo de filosofar assemelha-se a quem diz que não é ainda ou não é mais tempo de alcançar a felicidade (EPICURO apud FOUCAULT, 2004, p. 108).

Paris, manhã de 20 de janeiro de 1982. Michel Foucault profere sua terceira aula no curso intitulado A hermenêutica do sujeito, no Collège de France. Seu plano aponta para uma gama de assuntos que envolvem a filosofia greco-romana, dos dois primeiros séculos da era Cristã. Epicuro é uma de suas referências para construir uma discussão em torno da idéia de ter o cuidado de si como um propósito existencial. Marca sua proposta a compreensão que nesses 200 anos, esse procedimento de voltar-se para si em busca de compreensão passou por um processo de generalização.

É a dimensão da formação do homem enquanto um sujeito de si que movimenta o raciocínio de Foucault. A referência a Epicuro diz do bem da filosofia no que tange ao cuidado de si, pois quando se é jovem, esse cuidado se refere a um processo de preparação para a vida. Já quando velho, tal procedimento estaria a indicar uma possibilidade de rejuvenescimento. Essas questões, no entender de Foucault, fazem a prática de si "tornar-se cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros" (2004, p. 114).

O cuidado com a alma habita as preocupações dos pensadores de então e instiga o pensamento contemporâneo, no caso o de Michel Foucault, quando aponta para o viver e dele diz a possibilidade de tornar-se distinto do que fora e do que se

tem sido. A prática de si marca o caráter formador desse acontecimento.

(...) a idéia de um grupo de pessoas associando-se para praticar o cuidado de si, ou ainda uma escola de filosofia que constitui, na realidade, um dispensário da alma, é um lugar onde se vai porque se quer, onde se envia os amigos, etc. Vai-se por algum tempo a fim de se fazer cuidar dos males e das paixões que sofremos. É exatamente isso que Epícteto diz a propósito de sua escola de filosofia (FOUCAULT, 2004, p. 121).

Pontua assim Foucault, a partir de referências variadas da filosofia greco-romana dos séculos I e II d.C, o sentido de buscar-se como um sujeito de si ao longo de sua existência. A virtude refletia nessa conduta, sendo que ela era repartida apenas entre aqueles que compunham a elite social da época. Apesar de configurar um momento importante para a história da humanidade ocidental, esse momento não ultrapassava os limites do privilégio voltado para uma minoria.

Apesar de estar referida a uma elite, essa prática de si, mantinha um sentido de continuidade para as existências. Não era algo a se experimentar em módulos, por exemplo. Era extensiva ao tempo vivido, o que acarretava para aqueles que se devotavam a essa experiência, algumas conseqüências. Diz Foucault (2004) que o saber viria com a idade e esse seria efeito muito mais de procedimentos de correção de si, que de obediência a uma instrução alheia.

Entretanto essa condição não buscava anular o outro da vida daquele que se buscava para si uma existência virtuosa. Havia o mestre a se relacionar com os aprendizes de si, entretanto esse se distinguia no processo, como uma espécie de mediador, que operava na relação entre o sujeito e aquilo que ele buscava para si. O outro assim era também condição para a edificação do sujeito de si. O outro era a medida que se buscava e também aquele que orientava a metodologia que se efetuava nessa busca. O outro que se perseguia para si e o outro mestre que auxiliava nessa empreitada que mantinha relações genealógicas com o conceito de *Pharrhesia* como uma prática que significava no século V a.C. uma forma de franqueza, que permitia abertura tanto para o que era da ordem do afetivo, como para o que era da ordem do pensamento.

É a filosofia platônica que é posta em questão, tendo o *gnôthi seautón* (conhece a ti mesmo) como condição primeira da prática filosófica. Aí Foucault percebe um atrelamento entre a dimensão política da vida e o viés catártico que a existência assume. O saber de si como condição para o governo de si, e esse como circunstância para o governo dos outros ou da cidade.

Daí Foucault vai enxergar uma reconfiguração desse cuidado de si da era Platônica, nos dois primeiros séculos da era

Cristã, pensando-o como uma reorganização dos valores tradicionais do mundo helênico clássico.

Numa palavra, o cuidado de si, que em Platão era manifestamente aberto à questão da cidade, dos outros, da *politéia*, da *dikaiosýne*, etc., surge - ao primeiro olhar, pelo menos no período que trato, séculos I e II - como fechado em si mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 218).

Essa distinção que faz entre a época de Platão e o que chama de mundo "helênico-romano", vai se acentuar ainda mais na reflexão de Foucault, pois entende que o cuidado de si na época clássica assume sentidos de conversão até então inusitados. Para Foucault a conversão assumiria um sentido revolucionário nas práticas de si, por dimensionar a vida como uma questão política.

Se para Platão a conversão era um ato de reminiscência (*Epistrophé*), ou seja a busca em vida algo que já fora enquanto idéia, a conversão helenística-romana conduzia a outras modalidades de deslocamentos. Como, se através dessa perspectiva, fosse possível um movimento que partisse daquilo (...)

(...) que não depende de nós para o que depende de nós. Trata-se, antes, de uma liberação no interior deste eixo de imanência, liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para, alcançarmos enfim, aquilo que podemos dominar (FOUCAULT, 2004, p. 258).

A transcendência platônica é subtraída na produção da nova arquitetura existencial. A conversão de si movimenta a produção de diferenças a se experimentar. Exercícios passam a codificar a lógica de produção do ser virtuoso. A ascese constituiu o elemento essencial dessa conversão, que instituiu o que Foucault (2004) conceitua por auto-subjetivação.

A extensão da vida, a que fixar, cada sujeito, a si mesmo, como um objetivo a perseguir. Assim se daria o jogo da conversão, através do olhar que não permite que se perca, de si-mesmo, a visão. A distância a se percorrer entre o si de ontem, o de hoje e o de amanhã, intui, entre os praticantes dessa modalidade de produção existencial, a necessidade de buscar-se enquanto uma verdade, estabelecendo assim, ao longo de sua jornada, um êthos, uma via filosófica que personifica a utilidade naquilo que se quer por belo.

Assim Foucault entende que a ascese helenístico-romana deve ser tomada como uma

(...) sucessão regrada, calculada dos procedimentos que são aptos para que o indivíduo possa formar, fixar definitivamente, reativar periodicamente e reforçar quando necessário, a paraskeué (equipamento/preparação). (...) A áskesis faz do dizer-verdadeiro um modo de ser do sujeito (2004, p. 395).

Faz assim confluír no mesmo procedimento dimensões políticas, éticas e estéticas da vida. A operação que se faz em si pela ascese filosófica, de voltar-se a si para Foucault, na construção do que se quer verdade, ao invés de reduzir o sujeito, permite a sua complexificação. O pensamento que faz o ser desdobrar-se em si, carrega e efetua um mecanismo que dota esse sujeito, para o percurso da sua vida. Um dote para uso singular que não se pode subtrair de modo algum.

Na ascese da época helenístico-romana não há a possibilidade de renúncia de si, como pressupunha a ascese cristã. O discurso verdadeiro enuncia a dimensão do sujeito de si, enquanto o cristianismo começava ali a pregar a renúncia como encaminhamento para a virtude divina.

Já é março de 1982 e Michel Foucault delinea os contornos do seu curso sobre a Hermenêutica do sujeito. Dia 10, retoma o tema da *Pharrhesia* como uma atitude ética que prima pela liberdade para a expressão do falar. Uma semana mais tarde, na aula seguinte, redimensiona essa liberdade no ato de tornar a vida uma perpétua prova daquilo que se quis para si.

Foucault entende que a retomada da questão da *Pharrhesia* na época helenístico-romana introduz nos processos de subjetivação o franco-falar como uma condição. Para ele, tanto a lisonja como a retórica, funcionam como operadores

que buscam inviabilizar a busca de si. Seriam como adversários morais da tomada da vida como uma experiência de satisfação plena pela liberdade.

Pensa a pharrhésia como uma

(...) antilisonja no sentido de que na pharrhésia, há efetivamente alguém que fala e que fala ao outro, mas fala ao outro de modo tal que o outro, diferentemente do que acontece na lisonja, poderá constituir consigo mesmo uma relação que é autônoma, independente, plena e satisfatória. (...) O objetivo final da pharrhésia é fazer com que, em dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre numa situação tal que não necessite mais do discurso do outro (FOUCAULT, 2004, p. 458).

O governo de si, na perspectiva foucaultiana, se estabelece numa freqüência em que as existências lutam pela liberdade e ao mesmo tempo por um voltar-se para si. Resistem às predestinações transcendentais e movimentam-se para aquilo que de incerto se busca para si. Para Foucault, aquele que busca se fazer sujeito de sua existência é aquele que não se prende em autodescrições. É antes aquele que se apresenta em seus atos e diz que a verdade da sua existência se mostra naquilo que o outro enxerga.

A vida experimentada como prova perpétua faz da própria existência a prova do vivido. Os infortúnios da vida formalizam uma instância para a pedagogia de si. Assim, as

provas passam a ser entendidas como um bem, do qual se deve tirar proveitos e utilidade para a formação do indivíduo.

Nesse momento da sua apresentação Michel Foucault (2004) apresenta um postulado que toma por transfiguração. Conceito que já apresentei anteriormente com uma perspectiva um pouco distinta, já que o usei como contraponto para uma figuração ou algo que não consegue, ou não pretende para si, fugir dos processos de identificação. Foucault nessa disposição de circunstanciar a estética da existência ou hermenêutica do sujeito, distribui a vida em estratégias de voltar-se para si, de perseguir esse si para formalizar o bem. Nesse momento diz que (...)

A transfiguração em bem, faz-se no interior mesmo do sofrimento provocado, na medida em que este sofrimento é efetivamente uma prova, em que é reconhecido, vivido, praticado pelo sujeito como prova (FOUCAULT, 2004, p. 538).

Esse processo em que a experiência modifica o estado ou estatura do sujeito, por um aprendizado que leva a marca da dor de si, em relação ao blog Zé, o outro; vou tomar por um processo de se permitir a crise. Para a filosofia grega da antigüidade, a experiência da tragédia era tangível aos processos cotidianos e nela a vida se transfigurava ao

permitir novos inícios, depois que nada mais parecia possível⁶⁵.

A experiência da tragédia grega alimentava e era alimentada por uma dimensão da experiência coletiva. Como em Édipo-rei, a cidade sofria em conjunto a crise que se instalava, e o encaminhamento para essa crise, vinha de onde menos se esperava, como analisa Foucault (1999a) em A verdade e as formas jurídicas.

O contemporâneo marca outros modos de encaminhar as crises. A palavra de ordem é reforma (DELEUZE, 1992). O trágico se particulariza e muitas vezes se assemelha ao drama ou por alheios ao peculiar da dor que o movimenta, também é percebido como drama. O dito popular consagra que a pimenta aos olhos dos outros, se faz frescos. Assim a circunstância da transfiguração no contemporâneo articula outros dispositivos, mesmo preservando alguns dos sentidos e movimentos da experiência estética de si, inventada pela cultura helênica.

Busco então pensar o que seria essa dimensão hoje, quando se fala da cibercultura e da mediação tecnológica na construção de rotinas privadas e públicas. Algo que retoma a questão das

⁶⁵ Ver Édipo-rei de Sófocles, Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.

tentativas e das tratativas como possibilidades do querer dos últimos dias.

6.2 "Quase sem querer"

Nos anos 80 do século passado, quando chegava próximo dos 20 anos de idade, por um programa de compra de livros pelos correios, chamado Círculo do Livro, adquiri de Paulo Leminski o título *Distraídos venceremos*. Instigante e desconcertante naquele momento, a poesia de Leminski fazia o sentido possível para aquilo que eu sentia e que buscava sentir. Entretanto, em especial o título da brochura me dizia muito e continuamente. Como se não fosse possível desarticular a distração da vitória ou como se o acaso trouxesse um gosto diferente à busca de qualquer troféu. Como se ele fosse o sentido do troféu.

Mais ou menos na mesma época, duas outras frases, ditas por pessoas e personagens que se pretendiam identidades muito distintas, se agregaram à máxima, que eu já carregava, dita pelo Leminski (1987). A primeira vinha do México e ecoava na

voz de um pueril palhaço da teledramaturgia: o Chaves. Um folhetim eletrônico, sem pretensão outra, que não fazer o tempo passar, mas que acabava por dizer além disso.

O bordão "sem querer, querendo" que o personagem infantil, construído pelo corpo de um adulto, conectava-se em mim, naquilo que do Leminski buscava conexões. O sem-querer-querendo fazia alianças ao processo de distração que vence. Era como se a direção das coisas de que a vida necessita pudesse ser disposta a cada instante e que o tudo que se quisesse, fosse condição das forças, que a consciência mesma desse tudo, ainda desconhecia.

Era saber do imponderável, sem poder reconhecer sua energia ou do sentido que ela pode tomar. Por isso, ponderando, enxergava que na vida se fazem coisas querendo, se fazem coisas não querendo, mas e principalmente se fazem coisas "quase sem querer". Esse quase-sem-querer não seria um meio termo ou a tentativa de equilíbrio entre desejos e necessidades. Vai além e diz de uma condição, a meu ver, da hermenêutica do sujeito contemporâneo.

O senso do "quase-sem-querer" me veio através da música de uma banda de rock dos anos 80, chamada Legião Urbana⁶⁶. A letra da música é de Renato Russo e diz de uma busca de si,

⁶⁶ Disco Dois, faixa 2, março de 1986, EMI-Odeon.

que não tenha por baliza a percepção do outro, mas esse outro jamais deixa de ser uma condição para essa experiência.

Já não me preocupo se não sei porque. Às vezes o que eu vejo quase ninguém vê. Eu sei que você sabe quase sem querer, que eu quero o mesmo que você (Russo, 1986, faixa 2).

Era próxima a conexão a Leminski e a Chaves, a poética de Russo. Passados pelo menos 20 anos, os retomo para fugir da mesmice da possibilidade biográfica disposta por Nietzsche e pensar modalidades de transfiguração no contemporâneo, junto à organização construída por Foucault (2004) em seu curso sobre a hermenêutica do sujeito.

A realidade contemporânea pouca alusão faz aos dois primeiros séculos da era Cristã, quando na cultura helênico-romana, Epicuro enunciava a busca de si através do pensamento. Lá essa era uma modalidade disponível a um segmento social muito distinto. Uma elite quantitativamente pouco significativa, mas que predominava sobre a vida pela posse do poder da espada. A sobrevivência estava diretamente atrelada à vontade imperial dos Césares, que podiam deixar viver ou fazer morrer, como aponta Foucault (1999b) em outro curso ministrado no Collège de France, esse intitulado Em defesa da sociedade.

Nesse curso Foucault discute a questão da vida através das modalidades de organização social. Aponta que o Estado

moderno, não podendo fazer uso da espada, subverte seu princípio, ao perceber a responsabilidade que lhe fora atribuída; no caso administrar as populações. Obrigado a garantir vida, esse Estado compromete-se tão somente em políticas de fazer viver, lhe sendo facultada a possibilidade de deixar que morra, aquele que não se dispuser a lutar pela própria vida (FOUCAULT, 1999b).

Denomina essa nova engenharia por biopoder e apenas essa circunstância já seria um senão fundamental para considerar a experiência de si entre essas épocas de maneira distinta. Entretanto o biopoder é uma invenção da modernidade para atender às demandas da sociedade disciplinar, que se configuravam entre os séculos XVIII e XIX (FOUCAULT, 1995).

A vida contemporânea, no entanto, já não cabe nos propósitos disciplinares do século XIX, e o próprio Foucault aponta para a necessidade de discutir essa questão. Em entrevista realizada no Japão no ano de 1978 e publicada no volume IV da Coleção Ditos e Escrito, Foucault argumenta que

Nesses últimos anos, a sociedade mudou, e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar o desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade disciplinar de hoje (2003, p. 268).

A fala do filósofo Foucault atende a um pedido de entrevista, realizada no Japão, sendo publicada na coleção sob o título *Sociedade disciplinar em crise*. Tanto por essa questão um tanto sumária do que foi dito, como também pela abrangência que envolve esse tema, há que se ter muito cuidado em buscar extensões para essa constatação de crise na disciplina. Primeiro, porque essa extensão é ainda incipiente, no sentido do que o próprio Foucault alerta em sua fala. Categorias de indivíduos permitem modos múltiplos de operar e experimentar a realidade. São vetores para experiências múltiplas da realidade, não sendo viável arranjar um padrão de caráter primordialmente econômico, para gerir os processos sociais, como na época da disciplina.

Entretanto essa disciplina faz eco, como disse Foucault, nas técnicas e tecnologias de administração do trabalho e, também, através de um viés ainda panóptico, onde os sujeitos constroem para si armadilhas de figuração. Foucault (1995) afirma que no panoptismo os detentos se encontravam aprisionados numa situação de poder, que eles mesmos portavam. Ora, é um bom entendimento para uma lógica figurativa, onde sujeitos se querem uma percepção contínua e adequadamente arranjada.

A figuração ilude por viabilizar modos de experimentar alguma estabilidade. Na lógica de produção do capital, esse contínuo vai para a garantia de sobrevivência do trabalhador e para a conta bancária do patrão. Na lógica de produção afetiva, os pontos de chegada são infinitos, mas as forças que articulam a experiência se traduzem em maneiras de buscar a felicidade e modos de garantir tristeza.

Um jogo de paixões, em que o endereço aprisiona o verbo e limita a vida. A transfiguração como experiência da liberdade não aciona exclusões, por ser ela um ato para relações, entendendo que essa (...)

(...) liberdade se configura quando nossa potência de agir aumenta junto das produções coletivas e é contrária à servidão ou ao desejo de nos apropriarmos do outro. Viver a alteridade não pressupõe apropriações de espécie alguma, nem de si, nem do outro, pois seria uma produção de diferenças, tanto com relação a si mesmo, quanto nas relações com o mundo (MACHADO, 1999, P.153).

Relações consigo e com o mundo que dimensionem o sentido coletivo, mesmo numa experiência distinta das coisas da vida, situam-se em mim como um paradigma, que faz no relevo da vitória, zonas de improviso, de distração. Que faz sem querer e de algum modo querendo, porque o gosto do quase-sem-querer é alvissareiro. A novidade só se permite paradoxos quando racionalizada. Antes disso é tão somente aquilo que foi possível.

O possível hoje, tanto para experiências de figuração, como de transfiguração, brinca com as mesmas peças do quebra-cabeça. Um modo é formar figuras, o outro não. Parece simples, mas esse não é um jogo de parecer, pois se o fosse, seria tão somente figurativo. Seria destinado a marcar a experiência por pontos de intensidade: uma biografia. É necessário apontar para outros modos de estar nessa brincadeira. Até porque a disciplina, por exemplo, enquanto experiência marcadamente figurativa no século XIX, se esvaiu em função da emergência de distintas categorias de indivíduos.

Categorias que também não se deve mensurar, pois elas se traduzem em outras a todo o momento, no que aqui chamo de tentativas do outro e tratativas do eu. Essa análise de uma experiência teleinfocomputotrônica, através do blog Zé, o outro marca o espaço onde se passam movimentos que buscam figuração e transfiguração. O não-lugar cibernético pode inviabilizar densidades figurativas. Elas sobrevivem em lampejos que mal iluminam e começam a perder essa condição. Daí o cansaço de quem busca uma edificação de uma imagem que consiga permanecer nesse ambiente.

De outro modo, esse espaço caracterizado como um não-lugar cibernético é potencialmente fomentador de possibilidades transfigurativas. Não só pelo registro produzido, que deixa a

memória do vivido mais exposta, mas principalmente pela condição de pensar esse registro, em tempos quando a percepção está refém da pressa (VIRILIO, 2002). O acesso àquilo que se escreveu num blog, por exemplo, e aquilo que sobre si foi escrito por outro nesse mesmo espaço, é um convite à filosofia.

No blog Zé, o outro, essa condição emerge em encontros diversos, principalmente se tomarmos o relevo do aparecimento dos fluxos semânticos não-identificados e o seu sumiço, quando o espaço ganha em informalidade, ao se transformar numa página eletrônica de produção coletiva. A forma técnica não foi determinante para essa experiência transfigurativa, apesar de ser um vetor importante desse movimento. O fundamental foi o querer.

Aqueles que fizeram a Praça Zé, o outro ganhar cores e histórias, o fizeram como quem busca invenções e assim se permitiram transfigurações. Maikel, Luís César, Amanda Tote, Tadeu Nogueira, João Paulo Carvalho, Whilzilene Gonçalves, Maria Tereza, Laura, Madu Hakue e o Primo Zé foram figuras que se quiseram transfigurações no blog Zé, o outro, assim como eu também o quis, de algum modo quase sem querer. Aceitaram a demanda de produzir coletivamente o espaço e quando apareciam, se permitiam a escuta desse outro, que era

ao mesmo tempo um diferente que o sujeito se permite no transcorrer de uma conversa consigo e com um outro.

Não tomo essa como uma experiência possível apenas numa modalidade cibernética de convivência no contemporâneo. Entretanto, há nessa condição, de uma subjetividade teleinfocomputotrônica, o ensejo dessa percepção. O mundo que se inventa entre as metáforas do hipertexto. As tratativas do eu e as tentativas do outro são estratégias de vivência e sobrevivência do contemporâneo. São expressas nas telas dos computadores conectados à Internet, como se expressam também nos processos de privatização e publicização dos modos de ser e de se relacionar pelo mundo que se quer globalizado.

Não seria uma determinação tecnológica a efetuar os prazeres e padecimentos da experiência humana no presente, uma hipótese plausível à minha percepção. Penso que tecnófilos, assim como tecnófobos, assumidos ou não, de algum modo estão enviesados nesse credo dicotômico. São linhas de um enredo que não se encerra, naquilo que eles supõem ser suas pontas. Penso não haver fim ou começo nessa história, assim como acredito também na urgência de problematizar intensamente os efeitos dessa experiência na vida que se leva.

Problematização não apenas para montar teses acadêmicas e fazer funcionar a máquina do saber racionalizado, que a

inteligência moderna legou à humanidade. Fundamental seria através dessas conversações (Deleuze, 1992) potencializar o ato de viver e não aceitar legados, de quem quer que seja, de maneira indiferente.

Essa condição em que uma história pode se configurar através de relações menos efêmeras e de efetivo envolvimento do si com o outro, do si com as possibilidades de diferença para si e para o outro, também, ainda, não descaracteriza o enquadramento do espaço antropológico dos blogs como não-lugares. Essa é uma experiência muito restrita, a considerar as infinitudes de modos de articular processos de subjetivação contemporâneos.

É uma onda entre tantas outras que se viabiliza na lógica de existências consumidoras de bens, serviços e afetos. Mas, nessa onda, há quem faça manobras radicais e teime em não chegar de um modo padrão à areia da praia. Esses transfiguram o surf. Sua evidência clama por discussão, mesmo sabendo que ela não encerra o que há por dizer sobre esse acontecimento.

O blog Zé, o outro, conta uma história de muitas experiências nesse discurso que assino. Poderiam ter sido muitas outras as versões, muitos outros os construtos acadêmicos produzidos além da transfiguração e figuração. Alguém há de perceber semelhanças com outros conceitos que buscam interpretar o

vivo. Isso, de outro modo, não me parece tão importante quanto a denúncia do sentido que precisa partir para que outro se faça e se faça distintamente em si e naquele que lhe deixa o espaço.

Entre tecnófodos e tecnófilos, uma breve diferença. Parecem abraçados na referência que buscam excluir para afirmar o seu pensamento. Ao seu redor o mundo e nele o que pode ser feito. Uma vontade de circo e a instigante necessidade de cuspir conversa. Do que foi, são essas algumas das considerações que faço. Do que será, aí já é uma outra conversa.

7 Considerações para o amanhã

Há um texto de Gilles Deleuze (1992) que não me deixa sossegar. Menos pelo que ele disse e muito mais pelo que é dito ou pelo que eu tenho escutado sobre ele. O texto está no livro *Conversações* e leva o título *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. Nesse texto o filósofo francês anuncia a possibilidade para um novo tempo, não mais disciplinar, para a vida social.

Diz que os muros da disciplina despencaram com a crise generalizada que se bateu sobre os "meios de confinamento". Rei morto, rei posto, e para Deleuze (1992) o monstro da hora atenderia agora por controle em ambientes de dispersão. O trânsito entre os espaços não se faria mais por aquilo que o sujeito representa, mas pelo que ele porta; no caso uma senha. A senha que permite entradas e saídas, passagens por não-lugares (AUGÉ, 2003), representaria um tempo desritualizado, quando as pessoas se fariam estados provisórios, atrelados a circunstâncias efêmeras, vivendo "configurações momentâneas, desde que disponham dos instrumentos adequados para tanto" (LOPES, 2005, p. 102).

No tempo de uma sociedade pós-disciplinar, a senha que faz acessar possibilidades diferenciadas do viver, fragmentou os sujeitos. Para Deleuze (...)

Os indivíduos tornaram-se 'dividuais', divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou 'bancos'. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro (...), ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moedas (...) (1992, p. 222).

Deleuze (1992), ainda nesse breve texto, constrói duas metáforas para sustentar a imagem que busca produzir sobre o funcionamento da sociedade de controle. Diz que no contemporâneo a vida aproxima-se da prática do surfista. Ondas que vêm, não se repetem. Há que se pegar ondas, elas são a condição da experiência, e não pegá-las significa perdê-las.

Acentua também que representaria o ser dessa necessidade de adaptação às marés: a serpente. Eis o bicho capaz de sobreviver ao monstro da sociedade de controle. O animal que substituiu a "toupeira disciplinar".

Passa-se de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo (DELEUZE, 1992, p. 223).

O instigante pensamento de Deleuze traduz-se, dentro daquilo que se fez minha percepção, em uma alusão genérica ao

contemporâneo. A motivação para isso, a mim é imperceptível, entretanto se está escrito, há o ensejo a conversações (DELEUZE, 1992), para que não pereça à míngua aquilo de bom que a filosofia inventa: o próprio pensamento.

Em 1997, Cláudia Abbés Baêta Neves discute os feitos de subjetivação na sociedade de controle. Apesar de não querer fechar a questão sobre essa transição, Baêta Neves busca pensar a questão do controle no contemporâneo no Brasil, identificando com essa lógica, por exemplo, a produção midiática. De algum modo, há aceitação do enunciado deleuziano sobre o contemporâneo, sem a devida crítica a essa possibilidade de leitura.

No ano de 2000, Michel Hardt vai além no propósito de encaminhar as idéias de Deleuze sobre as sociedades de controle. Basicamente traz extensão ao que Deleuze (1992) havia apresentado, introduzindo, entretanto, dois conceitos que viabilizariam, para ele, a imaginação deleuziana sobre o assunto.

Hardt toma a sociedade mundial de controle como uma espécie de novo império, onde os fluxos da vida seriam viabilizados sob a égide do mercado global. O espaço moderno, que supostamente estaria marcado por uma relação entre o dentro e o fora, dava lugar a uma outra forma de domínio. Um domínio

que atinge as totalidades, num espaço agora "liso do império, (onde) não há o lugar do poder: ele está em todos os lugares e em nenhum deles" (HARDT, 2000, p. 362).

Um poder que atinge não ao indivíduo diretamente, mas às populações onde esse se insere. Um poder que funciona gerindo contingentes plurais da humanidade contemporânea, no sentido de fazer com que vivam, mas com a ressalva de que vai deixar que morram aqueles que não se esforçarem para se incluir na vida (HARDT, 2000).

O fim da sociedade disciplinar seria viabilizado por aquilo que lhe sustentou, no dizer de Michel Foucault (1999), no caso pelas biopolíticas através do que ele chamava de biopoder. Hardt retoma esse conceito para enxergar nele um grande valor contemporâneo, no sentido de ele ser capaz de administrar a questão do racismo no controle ou na pós-modernidade.

Racismo que eliminaria da vida a questão da exclusão para tratar as evidências da diferença como processos de inclusão diferenciada. Racismo, ele próprio diferente daquilo que configurava seu fundamento; ou seja, uma teorização sobre raças entre humanos. Agora o racismo funciona como um gerente na administração das populações. Racismo que faz viver, mas deixa morrer (FOUCAULT, 1999b).

Por certo, Hardt não fecha questão sobre o assunto, mas conclui suas observações sobre o novo tempo, apresentando três hipóteses que poderiam confirmar a ascensão da sociedade mundial de controle no contemporâneo.

A primeira que essa sociedade estaria marcada por processos de corrupção em suas microconflitualidades; a segunda que diria de uma nova maneira de encaminhar o capitalismo, no sentido de tomá-lo como expressão total dos modos de viver, o que consagra também sua terceira hipótese. Da maneira como Hardt apresenta parecem-se mais com teses que com hipóteses, aquilo que afirma, pois encerra seu artigo dizendo que "Para retomar o título da minha exposição, a sociedade de controle já é, de modo imediato, uma sociedade mundial de controle" (HARDT, 2000, p. 372).

Enfim, esse é um debate que vai povoar o tempo de segmentos da academia, o qual me aparece novamente como nota bibliográfica em 2005, no livro *A invenção da Psicologia Social* de Rosane Neves da Silva. Ao discutir o campo e as condições de uso desse saber, ela afirma que (...)

Interessa-nos entender como esse campo de conhecimento se articula, reforçando a própria dicotomia indivíduo x sociedade e anunciando aquilo que, numa perspectiva foucaultiana, marca a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle (SILVA, 2005, p. 10).

Em Silva (2005), a questão já é posta como dada, assim como também em Sibilia (2002) quando discute a emergência do pós-orgânico na produção e funcionalidade do corpo no contemporâneo.

Busquei ainda no desenvolvimento desse projeto de tese intensificar essa discussão, mas aquilo que pesquisava, acabava demandando outras modalidades de interpretação e essa questão da sociedade disciplinar dar lugar à de controle, era deixada à margem. Mas à margem sempre parece o que não é, e a questão retornava.

Deise Mancebo (2003), ao discutir os efeitos de subjetivação e a contemporaneidade, faz andar essa discussão e alerta para processos que delineiam as coisas do viver, o que tornaria prematuro querer dizer deles o seu motor ou sua âncora. Diz que

O contemporâneo não é um tempo acachapante de servidão, de controle e disciplinas, mas também não é um tempo só de invenções, de liberdades e de novos fluxos de práticas e pensamentos. O contemporâneo precisa ser produzido! (MANCEBO, 2003, p. 90).

Reafirmo. O contemporâneo precisa continuar sendo produzido, sem que seja necessário segurar-se num paradigma rígido para dizer dele, algo. As teses de Deleuze sobre a sociedade de controle parecem dizer mais que aquilo que lhe trouxe

extensão. Assim como a entrevista de Foucault sobre a dita sociedade disciplinar do século XIX sugere o óbvio: há algo de estranho o ar. Novas modalidades de controle? Certamente. E essas são produzidas em série e artesanalmente a cada dia, mas, penso que a arquitetura que faz de cada corpo seu melhor vigia (FOUCAULT, 1995) é ainda a lógica que sustenta os modos de produção da riqueza e do afeto.

No ar circula uma espécie de hiperdisciplina que alimenta nas serpentes da dita sociedade de controle a vontade de ser toupeira. Hoje, no momento em que escrevo essas linhas, serpenteio entre verbos, sujeitos, predicativos, etc, em busca do lugar da toupeira, mesmo que esse lugar exista para muito poucos.

Hoje ele é ainda um lugar, mas essa e outras mais são considerações para o amanhã.

8 Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2003.

BAÊTA NEVES, Cláudia Abbés. Sociedade de controle, neoliberalismo e efeitos de subjetivação. (in) **Saúde e Loucura**, nº 6, São Paulo. Huncitec, 1997 (84-91).

BAPTISTA, Luis Antonio. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BEY, Hakim. **Zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto,

2004.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio e SANTI, Pedro Luiz. **Psicologia: uma nova introdução**. São Paulo: EDUC, 2. ed., 2002.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Coleção ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____. **Estratégia, Poder-saber**. Coleção ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: 1999a.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Grall, 1993.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARAWAY, Dona. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. (in) SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HARDT, Michel. A sociedade mundial de controle. (IN) ALLIEZ, e. (ORG.) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: ed. 34, 2000.

LEMINSKI, Paulo. **Distraídos Venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEMONS, André. Ciber-flânerie. (in) SILVA, Dinorá e FRAGOSO, Suely (orgs.). **Comunicação na cibercultura**. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2001.

LEVY, Tatiana. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2003a.

_____. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2003b.

_____. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LOPES, Kleber Jean Matos. Paisagens e passagens na filosofia contemporânea. VASCONCELOS, J. G., PINHEIRO, A, ATEM, E. (orgs.) **Polifonias: vozes, olhares e registros na filosofia**

da educação. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

_____. **Quando se tem a resposta e ainda não se sabe formular a pergunta: ENEM.** 2001. 95 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MACHADO, Leila. **Ética.** (in) BARROS, Maria Elizabeth. **Psicologia: questões contemporâneas.** Vitória: Ediufes, 1999.

MANCIBO, Deise. Contemporaneidade e efeitos de subjetivação. (in) BOCK, Ana Maria (org.). **Psicologia e compromisso social.** São Paulo: Cortez, 2003.

MATOS, Kelma S. L. e VIEIRA, Sofia L. **Pesquisa educacional: prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha/UECE, 2001.

NIETSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORWELL, George. **1984.** 11ª Ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

RUDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na Internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica (in) LEMOS, André e CUNHA, Paulo (orgs.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Rosane Neves. **A invenção da psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SÓFOCLES. **Édipo-rei.** Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.

VIRILIO, Paul. **A máquina da visão.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

WERTHEIM, Margareth. **Uma história do espaço de Dante à Internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)